UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol

Luciana Ferreira Angelo

São Paulo

2014

LUCIANA FERREIRA ANGELO

Gestão da carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol

VERSÃO CORRIGIDA

(versão original disponível no Serviço de Biblioteca)

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: Pedagogia do Movimento Humano

Orientador: Prof^a. Dr^a. Katia Rubio

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol

Luciana Ferreira Angelo

São Paulo

2014

LUCIANA FERREIRA ANGELO

Título: Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no
futebol

Tese apresentada à Escola de Educação
Física e Esporte da Universidade de São
Paulo, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: Pedagogia do
Movimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Katia Rubio

São Paulo

2014

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Angelo, Luciana Ferreira

Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no
futebol / Luciana Ferreira Angelo. – São Paulo :[s.n.], 2014.
131p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rubio.

1. Psicologia do esporte 2. Esportes (aspectos sociais;
aspectos políticos) 3. Jogos Olímpicos 4. Futebol I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: Angelo, L.F.

Título: Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

*Dedico este trabalho aos meus pais.
À minha família que sempre me apoiou incondicionalmente.*

Agradecimentos

É com muita satisfação que agradeço a todos que me acompanharam nestes últimos quatro anos e que agora podem usufruir do trabalho realizado.

Inicio agradecendo aos jogadores que se disponibilizaram a participar da pesquisa, narrando suas histórias de vida a partir de um convite simples e ao mesmo tempo complexo.

Sou muito grata ao desafio que a Professora Dra. Katia Rubio, minha orientadora e coordenadora do projeto de pesquisa pode me proporcionar, dentre outras atividades acadêmicas nacionais e internacionais. Ter tido a oportunidade de estudar o futebol olímpico foi uma grata surpresa.

Agradeço também os membros da banca que aceitaram participar desse momento especial de minha carreira acadêmica.

Agradeço a revisão ortográfica e gramatical feita por Rosely Maria Selaro Passalacqua, Professora de Língua Portuguesa.

Em especial a minha família e aos meus queridos amigos que muito colaboraram para o trabalho intelectual.

Aos membros do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO) que são especiais e sempre disponíveis para discussões, leituras e crescimento acadêmico. Em especial, agradeço os colegas Neilton Ferreira Jr. pelas contribuições teóricas, Sérgio Settani Giglio por aceitar o desafio e dividir o conhecimento e Carlos Rey Perez que foi fundamental na procura insana dos atletas. Ao Bernard (in memoriam) pela prévia organização do material das entrevistas e ao Birigui que cuida do grupo como um líder dos escoteiros.

Aos membros do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), que me foi apresentado por Sérgio Settani Giglio e que direta ou indiretamente compartilharam a leitura do texto da qualificação e contribuíram para a tese final.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), em especial aos coordenadores do projeto Professor Dr. Flavio de Campos e Professor Dr. Luiz Henrique de Toledo e aos pesquisadores do projeto “O Brasil na Arquibancada” do qual fiz parte.

Agradeço aos funcionários da secretaria da pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo pela paciência diante das minhas inúmeras perguntas.

Aos sempre amigos e colegas da reabilitação cardíaca da Unidade de Reabilitação do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas de São Paulo pelo carinho.

E em especial, aos meus colegas psicólogos clínicos Edgar Toschi Dias, Sonia Maria Rio Neves e Elney Bunemer que compartilharam as agruras da elaboração da tese, e aos meus pacientes.

Agradeço as psicólogas Marina Penteado Gusson e Marisa Markunas por dividirem o trabalho prático.

E ao grupo de profissionais da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), em especial a amiga Gabriela de Carvalho Monteiro Gonçalves que trabalhou junto na prática e na teoria.

RESUMO

ANGELO, L. F. **Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol.** 2014. 131f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

São poucos os estudos sobre gestão de carreira esportiva abordando os processos de transição, seus ciclos e a pós-carreira atlética nas Ciências do Esporte. É também incomum o uso de métodos de pesquisa que utilizam entrevistas abertas com atletas e pós-atletas que abordam de forma abrangente a vida do atleta onde esse tópico está inserido. No caso específico do futebol o jornalismo de uma forma geral costuma explorar esse tema, principalmente com a intenção de denunciar situações que contradizem o glamour e a visibilidade que o atleta vive durante a fase produtiva da carreira. A modalidade foi escolhida pelo poder de influência nas políticas públicas nacionais, e por apresentar um grupo expressivo de atletas que vivenciou tanto a fase amadora quanto a profissional. O objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar como se dá o processo de gestão da carreira esportiva entre atletas olímpicos do futebol que também viveram uma carreira longa no futebol profissional a partir da perspectiva da transformação da identidade nos diferentes ciclos que compõem a carreira do atleta. Busca discutir os processos de formação de identidade atlética, bem como as formas de gestão profissional da carreira esportiva apontando significados e sentidos no decorrer do seu desenvolvimento, em sua finalização e na construção de uma nova carreira. Para tanto foram intencionalmente selecionados 12 atletas, 10 deles já afastados da atividade profissional e 02 atletas ainda em atividade, todos eles acima de 33 anos de idade, originários de várias regiões do Brasil. O método utilizado foi as narrativas biográficas de atletas brasileiros que fizeram parte de pelo menos uma seleção brasileira que participou de uma edição dos Jogos Olímpicos entre as décadas de 1960 e 2000. A tese defende que a gestão da carreira esportiva é feita na relação que o indivíduo tem com sua carreira subjetiva e com a carreira construída socialmente, viabilizando o conceito de carreira como projeto de vida seguindo as ideias propostas pelo paradigma Life Design.

Palavras chaves: psicologia do esporte, esporte, Jogos Olímpicos, identidade profissional; futebol.

ABSTRACT

ANGELO, L. F. Sports Management Career: a story to be told in football. 2014. 131 f. Thesis. (Doctorate in Science) - School of Physical Education and Sports, São Paulo University, São Paulo, 2014.

There are few studies about sports management career addressing the processes of transition, their cycles and post athletic career in sports science. It is also unusual using research methods that use open interviews with athletes and post athletes which approach in a widely way the athlete's life where this topic is inserted. In the specific case of football, journalism in general, tends to explore this topic, principally intending to report situations that contradict the glamour and visibility that the athlete lives during his productive phase of the career. The modality was chosen by the influence power in national public policies, and for presenting an impressive group of athletes who experienced both amateur and professional phases. The objective of this research was to identify and analyze how it is the process of managing career among Olympic athletes in football who also lived one long-lived career in professional football from the perspective of identity transformation in the different cycles that make up the athlete's career. It is worth to discuss the formation processes of athletic identity, as well as the ways of management of professional sports career pointing its meanings and feelings during its development, in its finalization and in the construction of a new career. However, it was intentionally selected 12 athletes, 10 of them already removed from the professional activity, and 2 others yet in activity, all of them over 33 years old from several parts of Brazil. For both, the method used was the biographical narratives of Brazilian athletes who took part of at least one Brazilian team that participated of an edition of the Olympic Games between the decades of 1960 and 2000. The thesis argues that the management of sports career is made based on the relation the individual has with his subjective career and the career socially built enabling the career concept as a life project following the ideas proposed by the paradigm, Life Design.

Key-words: sport psychology, sports, Olympic Games, identity professional, football.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Esquema de entendimento do método de pesquisa... 14

LISTA DE TABELAS

TABELA I	Atletas que compõem a amostra.....	78,79
TABELA II	Resumo de informações dos atletas.....	84,85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAPESP	Associação Brasileira de Psicologia do Esporte
CBC	Confederação Brasileira de Clubes
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBDU	Confederação Brasileira de Desporto Universitário
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONFAO	Conselho de Clubes de Formadores de Atletas Olímpicos
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
FAAP	Federação das Associações de Atletas Profissionais
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GEO	Grupo de Estudos Olímpicos
IOB	Instituto Olímpico Brasileiro
LPF	Liga Paulista de Futebol
RBPE	Revista Brasileira de Psicologia do Esporte
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
OBJETIVO.....	09
METÓDO.....	10
PROCESSO METODOLÓGICO.....	11
O ato de contar uma história de vida.....	15
JUSTIFICATIVA.....	17
Por que Futebol?	17
Processo de formação de identidade.....	19
Esporte moderno e o processo de identidade profissional.....	24
REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
1. ESPORTE.....	27
1.1 Origens do Esporte Moderno.....	27
1.2 O profissionalismo.....	30
1.3 E o futebol... ..	31
1.4 Futebol nacional: como o Brasil se tornou o “país do futebol”?.....	37
Relatos sobre a prática.....	38
2. O MUNDO DO TRABALHO.....	48
2.1 O sentido do trabalho.....	48
2.2 Profissão: atleta profissional de futebol.....	51
3. CARREIRA.....	57
3.1 Concepção de carreira.....	58
3.2 Identidade profissional.....	62
3.3 Carreira esportiva... carreira atlética.....	66
3.4 Programas de Transição de Carreira.....	75
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA.....	78
ANÁLISE E DISCUSSÕES.....	85
DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
FUTUROS DESAFIOS.....	117
LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Os projetos: Como as pessoas mudam.
Ou as pessoas mudam através de seus projetos.
Gilberto Velho (2003)

Início o texto contando “*a minha história de vida*”, ousando exercitar os caminhos que me levaram a este projeto de pesquisa.

Como tenho pouco mais de quatro décadas de vida, proponho neste texto apresentar, a cada dez anos, as atividades significativas e reveladoras da capacidade de criar novas experiências.

A década de 1990 foi o início da trajetória acadêmica. Entre 1992/93, eu e mais quatro colegas do curso de Psicologia na PUC/SP constituímos a *Associação Piracema* que tinha como objetivo promover melhores condições de vida à população de prostitutas de baixo meretrício do bairro do Brás, em São Paulo. Por meio de programas como educação à saúde, alfabetização adulta, oficinas de artes, de expressão corporal, assessoria jurídica, pudemos proporcionar espaços de reflexão e organização de projetos pessoais que, em alguns casos, alteraram a história de vida não só das mulheres e travestis, mas também das suas famílias.

Por causa desta experiência, durante um ano (1994-95), trabalhei pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), na República de Cabo Verde, na Ilha de São Vicente, cidade de Mindelo, com crianças em situação de risco. Juntamente com o grupo de educadores do Instituto Caboverdiano de Menores, desenvolvemos atividades de reinserção social através da metodologia de educação de rua, lidando não só com as crianças, mas também com autoridades e a comunidade em geral. Novamente, histórias de vida foram o centro da atenção do trabalho de intervenção multiprofissional.

Foi também nesta década, antes de embarcar para a África, que eu havia sido efetivada no estágio que realizava na Eletropaulo Eletricidade de São Paulo. Atuando na área de qualidade de vida, os programas desenvolvidos estavam relacionados à orientação e tratamento de dependentes químicos, acompanhamento do estágio dos menores aprendizes do SENAI, orientação às funcionárias gestantes, orientação aos funcionários em idade de aposentadoria e elaboração e efetivação de projetos de ginástica laboral oferecidos, não só para funcionários da área administrativa, mas também da operacional. No contexto institucional, histórias de vida e suas dimensões traçavam cenários de cuidado e

desenvolvimento pessoal. Com o aceite da proposta da África, pedi demissão da empresa e assumi o desafio internacional.

Conforme breve descrição é possível observar que o âmbito social é a linha mestre das minhas escolhas profissional e pessoal. Atividades que englobam populações em situação de risco ou questões que necessitem reinventar formas de fazer, me atraem.

Foi nessa perspectiva, que mesmo sem a obrigatoriedade de um trabalho de conclusão de curso e, unindo a minha curiosidade e vontade com a de uma grande amiga (Silvia Nascimento Penha), ainda na graduação, nós elaboramos um projeto de pesquisa que nos forneceu a primeira bolsa auxílio e o *IV Prêmio Aniela Grinsberg* na categoria da Graduação em Psicologia, intitulado: *“O processo de consciência nos tratamentos de alcoolismo: um estudo sobre as representações sociais”*.

Após estas experiências, o final da década me apresentou um novo campo de atuação. Um colega (Nelson Perdigão) que trabalhou comigo na área de desenvolvimento da qualidade na Eletropaulo, profissional com formação superior em Educação Física, estava assumindo o cargo de Administrador de Esportes na Associação Desportiva São Caetano (SP), em janeiro de 1996, e me convidou para assumir o cargo de psicóloga no clube, pois estava com um grupo de jogadores muito novos e imigrantes que, provavelmente, teriam necessidade de auxílio e acompanhamento em diversas questões. Oportunidade inusitada. A princípio pensei se trabalharia mais com a parte administrativa ou atendimento voltado para os atletas e equipe técnica, que tipo de trabalho eu poderia desenvolver com os atletas?

Em busca de informações sobre psicologia e esporte descobri que a literatura nacional dispunha de pouca ou quase nenhuma produção, porém a literatura internacional já apresentava periódicos e livros específicos sobre o assunto.

Procurando pessoas e grupos de estudo, encontrei a hoje Professora Dra. Katia Rubio, que na época estudava o assunto. Desde esta data a parceria intelectual tem servido de inspiração constante para a resposta de três perguntas: quero? devo? posso?

Na trajetória compartilhada de caminhos e desafios eu participei, em 1999, de um grupo de psicólogos e profissionais da Educação Física, preocupados em discutir e promover os estudos e práticas profissionais da Psicologia do Esporte no Brasil. Esse grupo começou por se reunir no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), formando a Comissão de Esporte do CRP-SP, entendendo ser aquele um momento importante e privilegiado para discussão de uma área que despontava como emergente na Psicologia brasileira e que não contava com formas de organização efetiva. Esse grupo foi responsável pela produção de várias publicações, documentos e eventos e contribuiu significativamente

para a discussão do processo de criação das especialidades pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que culminou na criação da especialidade em Psicologia do Esporte pela resolução 14/00.

No ano de 2003 iniciou-se o movimento de criação da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), processo difícil, sendo que em 2006, deu-se a finalização burocrática e, um ano depois, em outubro de 2007, foi realizado em São Paulo o I Congresso da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, que contou com a participação de profissionais e estudantes de Psicologia, Educação Física e de outras áreas da saúde de diversas regiões do Brasil. Nesse Congresso, foi apresentada a Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE) e realizada a primeira eleição para diretoria da entidade. Como membro associada e participante de toda a história da ABRAPESP, atualmente ocupo o cargo de Presidente da entidade (gestão 2013/15).

Ao mesmo tempo em que ocorria essa “militância” para o desenvolvimento da área, no início dos anos 2000, resolvi assumir o caminho da aprendizagem acadêmica de fato. Abandonei o mundo corporativo, onde trabalhava em consultoria de recursos humanos, e prestei a prova de mestrado em 2000 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

Com a orientação do Professor Dr. Marcos Ferreira dos Santos, em 2002 defendi a dissertação **Educação de Corporeidades: o grupo esportivo e sua dinâmica compreendidos pela observação da imagem corporal e suas expressões**. O objetivo do trabalho foi estudar em uma equipe de basquete masculina de alto nível, aspectos relacionados à imagem corporal dos atletas e comissão técnica e suas inserções na constituição de um inconsciente grupal que influencia a educação recíproca das corporeidades naquela modalidade coletiva. A equipe de basquete era constituída por 16 integrantes: 13 atletas, 1 técnico, 1 preparador físico e 1 auxiliar técnico, todos do sexo masculino, com níveis de instrução variados. A partir da análise das imagens gravadas (03 jogos e 03 sessões de treino) sugeri que as expressões corporais e sua consciência individual refletiam a dinâmica do grupo e, conseqüentemente, seu desempenho, contribuindo para a formação do esquema corporal grupal.

Em junho de 2002, antes da defesa da dissertação, participei de um processo seletivo para vaga de psicóloga no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (InCor-HCFMUSP). Essa

oportunidade não poderia ser desperdiçada, pois era uma das primeiras vezes que uma instituição solicitava experiência na área da psicologia do esporte. Assim, após processo seletivo, desenvolvi a função de psicóloga na Unidade de Reabilitação Cardiovascular e Fisiologia do Exercício por nove anos (2002-2011).

O aprendizado nestes anos foi intenso. O meu propósito foi considerar os conhecimentos adquiridos durante a primeira década da vida profissional e agregar novas aprendizagens voltadas à área biológica. Administrar os conhecimentos da fisiologia do exercício e da medicina esportiva, fez com que essas disciplinas fossem estudadas e compreendidas por mim. Em inúmeras oportunidades (congressos, palestras, cursos ministrados etc.) lidei com as mudanças e me esforcei para integrá-las, tanto que a ideia inicial do projeto de doutorado foi aproveitar um tema instigante da minha prática profissional e abordá-lo de forma investigativa; porém, em decorrência do meu desligamento da instituição isto não se concretizou.

Em paralelo às atividades do InCor, desde 2002, eu coordeno o Curso de Especialização em Psicologia do Esporte e do Exercício do Instituto Sedes Sapientiae; no período de 2001 a 2004, a coordenação era compartilhada com a Professora Dra. Katia Rubio.

O curso de especialização está em sua sétima turma (2014-2015), e é o primeiro curso de especialização em Psicologia do Esporte reconhecido pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP). Entre os alunos do curso estão profissionais das áreas de psicologia e educação física que completam durante os dois anos de formação, uma carga horária total de 560 horas, sendo 120 horas somente de atividades práticas profissionais (antigo estágio). Com uma média de sessenta profissionais formados ao longo destes últimos doze anos, o mercado de trabalho tem se expandido não só na cidade e no estado de São Paulo, onde está localizado o Instituto Sedes Sapientiae, mas também em outros estados como Maranhão, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Distrito Federal, Santa Catarina, Goiás, entre outros. É importante ressaltar que as oportunidades para a realização das atividades práticas profissionais são oferecidas, em parcerias com o Instituto, nas mais diversas regiões do país, colaborando para a expansão nacional do campo de trabalho.

Não raro, na psicologia nacional é fato termos mais de um vínculo profissional. Assim, além do InCor e da coordenação do curso de especialização, eu

também sempre desenvolvi atividade clínica em consultório particular. A psicologia clínica do esporte faz parte desta atividade, atendendo não somente atletas profissionais, como amadores e praticantes da atividade física em geral.

Escolher e realizar o doutorado na área de educação física e esporte se deu em decorrência da minha especialidade e envolvimento com os temas do esporte e da atividade física. A Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFEUSP) apresentava esta oportunidade na área da pedagogia do movimento do corpo humano, com a linha de pesquisa desenvolvida pela Professora Dra. Katia Rubio do *Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano*. Sendo assim, ingressei no doutorado com o projeto intitulado “Aspectos psicológicos da doença cardíaca relacionados às mulheres: o papel da reabilitação cardíaca”, isso porque eu pensava em associar minha atividade profissional no InCor com a pesquisa do doutorado. Porém, o envolvimento com as atividades de pesquisa do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), especialmente, as do projeto “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, coordenadas pela Professora Doutora Katia Rubio, somado a dificuldade de manter uma carga horária profissional que somava às 40 horas no InCor, além das atividades de coordenação da especialização e atividades clínicas em consultório particular, em 2011 resolvi optar por abrir mão do contrato de trabalho com o InCor, passando a ter mais tempo para me dedicar ao doutorado, realizar as disciplinas necessárias e dar corpo ao novo projeto de doutorado, intitulado **“Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol”**.

O tema gestão da carreira esportiva surgiu a partir das narrativas biográficas reveladas pelas histórias de vida de atletas olímpicos de diferentes modalidades, constituindo a espinha dorsal do projeto “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. Observou-se no decorrer das entrevistas a ausência de motivos elaborados para finalização da carreira ou aspectos da transição na carreira. Pouca ênfase foi dada ao planejamento ou naturalidade ao vivenciar essa fase. Vale lembrar que esse tema surgiu como interesse de Estado em 2008, quando, ao discursar durante cerimônia em homenagem aos jogadores campeões mundiais da Seleção Brasileira de Futebol de 1958 o então Presidente da República, Luiz Inácio

Lula da Silva, prometeu um projeto de lei que criaria a aposentadoria para ex-campeões de Copas do Mundo de Futebol.¹

Em 2009, por iniciativa da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) e da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (SBMEE), com o apoio do Ministério do Esporte, da Faculdade de Medicina e da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, foi realizado o **Seminário Internacional de Destreinamento e Transição de Carreira Esportiva**, onde especialistas nacionais e estrangeiros foram convidados a debater o tema e ao final do evento foi lançada a **Carta de São Paulo sobre Transição de Carreira Esportiva**, um documento que teve o objetivo de nortear as discussões e ações subsequentes no país². Além disso, o tema estimulou um grupo de profissionais, presentes ao evento, a produzir um livro sobre o assunto³.

O interesse pela modalidade futebol não foi por acaso. Como já citado anteriormente, em 1997 tive minha primeira atuação como profissional da psicologia do esporte em um clube de futebol masculino da terceira divisão do campeonato paulista e naquela oportunidade, as questões relativas à gestão da carreira esportiva já faziam parte do rol de assuntos relacionados ao contexto esportivo. Naquele clube em específico não havia nenhum tipo de programa vinculado diretamente ao assunto e, no Brasil, pouco se falava na questão de direitos e deveres do atleta profissional; lembro que em 2008 a Lei Pelé foi promulgada e um dos itens relacionados à profissionalização do atleta apontava direito a seguro de acidente ao jogador de futebol.⁴

Hoje, assumindo *a minha história de vida* e construindo meu conjunto de habilidades e competências, enfrento o desafio de aproveitar a alteração da trajetória do trabalho científico para exercitar a administração de tempo, como os próprios jogadores de futebol fizeram: se nos anos 1970, um jogador de futebol corria, por partida, seis quilômetros em média, hoje com a estatística refeita, um jogador percorre, em média, o equivalente a 13 quilômetros por jogo. Não mudou o

¹Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u416565.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

²Disponível em: <http://abrapesp.blogspot.com.br/2009/01/seminario-internacional-de.html>>. Acesso em 22/02/2013.

³Ver em Referências Bibliográficas “Destreinamento e Transição de Carreira no Esporte”, Rubio, 2012.

⁴Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>. Acesso em: 22 fev. 2013.

tamanho do campo, nem a duração da partida e tampouco o número de jogadores. O que mudou? A velocidade do jogo, o ritmo e a estratégia.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar como se dá o processo de gestão da carreira esportiva a partir da perspectiva da transformação da identidade nos diferentes ciclos que compõem a carreira. Busca discutir os processos de formação de identidade atlética, bem como as formas de gestão profissional da carreira esportiva, apontando significados e sentidos no decorrer do seu desenvolvimento, em sua finalização e na construção de uma nova carreira.

Para tanto serão usadas as referências do paradigma *Life Design* desenvolvido pelo *Life Design International Research Group*, grupo que se propõe a estudar o tema e tem como pesquisadores Savickas, M., Nota, L., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., Lassance, C., Rossier, J.; Van Vianen, A. (2010).

O paradigma *Life Design* estuda e contribui para o desenvolvimento de estratégias de intervenção objetivando: (1) a adaptabilidade (mudança com flexibilidade), ou seja, compreender os recursos que a pessoa utiliza para antecipar e enfrentar mudanças, bem como realizar suas expectativas de carreira (os cinco “C”s: concern, control, curiosity, confidence e commitment⁵); (2) a narrabilidade (continuidade, fidelidade a si mesmo), isto é, articular temas de vida, na forma de narrativas em diferentes processos de construção de si mesmo (formas identitárias), tornando explícitos os papéis e domínios de vida (do passado e do presente) e verificando se a pessoa utiliza tais conhecimentos de forma prospectiva; e (3) a realização de atividades significativas, isto é, indo além do discurso, identificar a postura ativa de realizar concretamente os planos e projetos elaborados em nível de ideias, como a pessoa se envolve em atividades que contribuem com a realização de um plano de vida (DUARTE, 2011).

Os atletas do futebol olímpico serão o foco de análise deste trabalho uma vez que essa é a única categoria considerada profissional dentre os demais esportistas. Isso porque para a Lei Agnello Piva os atletas das demais modalidades esportivas

⁵ Tradução livre: preocupação, controle, curiosidade, confiança e compromisso

não são considerados profissionais do esporte, justificando talvez, o pouco desenvolvimento de estudos sobre transição de carreira e destreinamento no país.

MÉTODO

O aporte teórico utilizado desta pesquisa baseia-se em Rubio (2001, 2004, 2007, 2014).

O trajeto teórico realizado por Rubio (2014) teve início na história oral, deslocando-se posteriormente para as histórias de vida e história oral de vida e no presente constitui-se como narrativas biográficas.

A História Oral e a História Oral de Vida (MEIHY & HOLANDA, 2007) são entendidas como uma forma particular de história oral e têm como objetivo captar e organizar a memória por apreender valores que transcendiam o caráter individual do que era transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual narrador pertence.

De natureza qualitativa, o conjunto de procedimentos éticos assegura o registro das narrativas colhidas em entrevistas mediante instrumentos eletrônicos - que no caso desta pesquisa se valeu da câmera de vídeo e uso de tecnologias virtuais como skype - com fins a dar corpo ao processo histórico ou sociocultural analisado.

Esse método tornou-se adequado por permitir recuperar experiências que, apesar de não trazerem do fato sua veracidade propriamente dita, contribui para a compreensão das identidades culturais, de onde provêm o pensamento (RUBIO, 2006a). As narrativas biográficas são entendidas como “discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência”(RUBIO, 2014, p.115).

A possibilidade de compreensão das interrelações entre atletas de futebol e o contexto esportivo, apresentando um grupo que obteve certo sucesso, ao mesmo tempo em que viveu sob o regime de amadorismo, revela narrativas pelas história de vida que demonstraram experiências de continuidade e descontinuidade estruturantes da biografia individual e coletiva e da rede comunitária a qual o estudo destinou a análise (RUBIO, 2001, 2004).

Inserido em dado contexto, o sujeito torna-se parte integrante do próprio processo de construção da história, ou seja, uma extensão dela, podendo fornecer

indícios de como a cultura incide sob a correspondência às experiências pessoais. Ou como Bosi (1994) e Pollak (1989) reforçam, esta tradição metodológica possibilita considerar experiências e observações empíricas como possíveis pontos de referência e indicadores de uma memória coletiva específica, sustentadoras de identidades culturais.

As narrativas biográficas dos atletas olímpicos brasileiros, iniciadas como histórias de vida, apresentaram o “sujeito-atleta com sua subjetividade, o indivíduo-atleta com sua identidade, ou identidades, e da pessoa-atleta” na relação estabelecida com a sociedade na época da narrativa. Estas revelações levaram a elucidar os *insights*⁶ que por um lado, ajudavam os atletas a elaborar situações vividas e não esclarecidas até o momento da narrativa. Por isso, a transição das ideias entre história de vida, depois, história oral, ou quase biografias, até chegar às narrativas biográficas (RUBIO, 2014, p.115). Por vezes, também se aproxima da ideia de storytelling, método utilizado pelas pesquisas interdisciplinares e que tem como objetivo relatar a história de forma que a mesma possa ser fonte de conhecimento cultural, de valores e história⁷.

Processo metodológico

A entrevista é de caráter aberto e parte de uma questão essencial que visa a considerar a memória, o seu dinamismo e a necessidade de tratamento subjetivo para emergir da construção narrativa. A existência da história oral depende da intervenção de um entrevistador que coleta e apresenta uma versão das histórias gravadas. O resultado deve ser entendido como um ponto de intersecção entre duas subjetividades – a do ex-atleta e a do pesquisador, as visões culturais de ambos, as memórias do entrevistado e as perguntas do entrevistador, as percepções do narrador e a do pesquisador, as percepções do entrevistado e a do pesquisador, entre outros.

⁶Encontra-se a palavra insight com frequência, na literatura psicanalítica, como também em textos de autores de outras correntes teóricas. Quando não é inserida nos textos em português na sua forma original, geralmente é traduzida para o português como compreensão interna, compreensão súbita, apreensão súbita, visão súbita, discernimento, perspicácia, pelos neologismos intravisão ou insaite etc. ABEL, Marcos Chedid. O insight na Psicanálise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, Dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000400005>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁷<http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1063&context=ijpbl>. Acesso em 26 de setembro de 2014.

As narrativas biográficas foram estimuladas pelo convite: “Conte-me a sua história de vida” (GIGLIO, 2013; FERREIRA JR, 2014; LIMA, 2012; NUNES, 2011; RUBIO, 2001; 2004; 2006 a, b; 2011, 2014). Este convite exigiu do entrevistador uma preparação prévia para sensibilização dos aspectos relacionados à escuta e o olhar durante o procedimento de entrevista.

O atleta ao contar a sua história de vida seleciona uma série de fatos, eventos e experiências que lhe são afetivamente significativas e que dão à sua história contextos significativos. Bourdieu (2004) alerta que, ao expor suas memórias, o indivíduo seleciona certos acontecimentos significativos em detrimento de outros e estabelece entre eles conexões adequadas a fim de dar-lhes coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real. Trata-se de um esforço de representação, de produção de si mesmo. É um discurso formulado com um determinado objetivo, num momento posterior e afastado da dinâmica dos acontecimentos. Com isso, as experiências de vida são submetidas a uma lógica discursiva que enfatiza a sucessão e a vinculação entre os acontecimentos, produzindo uma unidade coerente onde só existiriam fragmentos.⁸ Portanto, foi necessário contextualizar como as entrevistas foram conduzidas; as circunstâncias e restrições que as moldaram; o papel do entrevistador naquilo que foi, afinal de contas, um diálogo, não um monólogo.

A realização das entrevistas previu a escolha de local reservado (presencial ou virtual) de forma a preservar a integridade do sujeito, bem como do entrevistador e a qualidade da entrevista, sem com isso desconsiderar as condições e necessidades específicas dos entrevistados. O tempo de entrevista também foi determinado pelo sujeito, de acordo com a disposição do mesmo e consentimento prévio mediante termo de responsabilidade, formalizador da entrevista, o qual esclarece os procedimentos de pesquisa, bem como do destino dos dados fornecidos.

Em posse das narrativas, elas são transcritas pelo pesquisador em forma textual de maneira a respeitar todos os detalhes e idiosincrasias contidas nas falas. Escutando o que foi dito e, prestando atenção nas repetições, ênfases e aspectos

⁸ Bourdieu percebe que a unidade do “eu” é, na verdade, uma formidável abstração. A ilusão biográfica compreende a ideia de uma identidade coerente; de um todo, com projetos e intenções; de uma trajetória de acontecimentos sucessivos, onde se representa a vida como estrada, caminho, carreira, corrida etc. Além disso, a ordem cronológica com que organizam biografias imprime uma lógica retrospectiva e prospectiva, preocupada em dar sentido à existência (apud ALBERTI, 2005).

selecionados pelos narradores, após a releitura dos textos, como parte do exercício de sua interpretação do conteúdo, os dados brutos serão submetidos à análise de perspectiva sociocultural e transcrição. Segundo Meihy e Holanda (2007), a transcrição diz respeito ao processo de reelaboração do discurso, visando preservar sua essência, porém, conferindo-lhe roupagem complementar, de maneira a melhor nos aproximar do real significado do que se quis transmitir. Este último procedimento metodológico busca contribuir com a consolidação de uma cultura de memória e atentar para a responsabilidade do retorno social da pesquisa.

É no processo de interpretação que o pesquisador surge como parte integrante do método. Segundo Passerini (1993, p.39) “não existem chaves universais, ao contrário, a fechadura se transforma em chave e vice-versa”. Como a fechadura que se transforma em chave, e como a chave que vira fechadura, a história oral possibilita ao pesquisador interagir com as narrativas biográficas, entrelaçando significados estudados e vividos no contexto da entrevista. Tecemos relações e, como Portelli (2010, p.3) menciona, “os trabalhos de relação levantam questões políticas e éticas”.

As questões políticas são preciosas para a história oral, pois dão poder à palavra, à narrativa, vislumbrando novas formas de contar a história, incluindo aquelas da vida cotidiana e de grupos pouco conhecidos. Tendo como objeto de estudo os atletas olímpicos de futebol, as narrativas biográficas são capazes de esclarecer as memórias atléticas outrora esquecidas. Contudo, aqui nos deparamos com as limitações do método que apesar de dar significância às narrativas corre o risco de tornar princípios essenciais do conhecimento, meras informações. Neste caso, Passerini (2010) defende que não sejam ignoradas as especificidades da fonte oral, que não consiste em meras declarações factuais, mas em expressões e representações da cultura, trazendo junto à narrativa, a dimensão da memória, da ideologia, dos desejos subconscientes. Assim, a autora destaca o campo da subjetividade, área de atividade simbólica, com aspectos cognitivos, culturais e psicológicos.⁹

⁹ [...] a subjetividade tem a vantagem de ser um termo suficientemente elástico que inclui os dois aspectos, tanto de subjetividade espontânea [...] contidos e representados por atitude, comportamento e linguagem, quanto de outras formas de consciência [...] tal como sentido de identidade, consciência de si mesmo e outras formas mais destacadas de atividade intelectual. (PASSERINI, 2010, p.173).

Ainda referente às limitações do estudo, Portelli (2010) salienta o aspecto subjetivo da fonte oral, apontando que a própria atitude do narrador, imaginação e desejo, são importantes na relação com a história. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez [...]”. (PORTELLI, 2010, p.31). A partir disso, não há fontes “falsas” para a história oral, pois mesmo afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas” para o narrador – e essa verdade pode ser tão relevante quanto registros factuais confiáveis. Enfim, a história oral, através das narrativas biográficas, trabalha com lembranças e, por isso mesmo, está submetida aos movimentos, reatualizações e revisitações da memória.

A figura a seguir demonstra uma forma possível de estabelecer as relações entre a pergunta desencadeadora e conteúdos a serem analisados nesta pesquisa.

Figura 1: Esquema de entendimento do método de pesquisa.

O ato de contar uma história de vida

O ato de contar envolve uma racionalização do passado conforme ele é projetado e levado a um presente inevitável. E, de fato, uma versão especial da história de vida de alguém pode tornar-se um componente essencial do senso de identidade em um dado momento. Do imenso depósito de memórias e reações possíveis evocadas pela situação de entrevista, o entrevistado seleciona e organiza certos temas, episódios e lembranças, então comunicados de maneira particular.

Estudiosos apontam que a memória em si é gerada e estruturada de maneira específica, em função da oportunidade de contar uma história de vida e das circunstâncias em que isso acontece. Em outro momento da vida, ou diante de outro interlocutor, é provável que surja uma história diferente, com diferentes ênfases (PATAI, 2010, p.30).

Considerar nas histórias de vida narrativas emocionais promove a possibilidade de compreensão não só da rede comunitária da qual o narrador faz parte, mas também, entender as “comunidades emocionais” – fundamentalmente o mesmo que comunidades sociais – famílias, bairros, sindicatos, instituições acadêmicas, entre outros (ROSENWEIN, 2011, p. 21). A busca ao pesquisar essas comunidades é desvendar o sistema de sentimento, estabelecer o que essas comunidades definem e julgam como valioso ou prejudicial para si: quais emoções são valorizadas, desvalorizadas ou ignoradas; a natureza dos laços afetivos das pessoas que se reconhecem; e os modos de expressão emocional que eles pressupõem, encorajam, toleram e deploram problematizando os sentimentos do passado, tratando de suas características distintivas. Este exercício pode auxiliar na análise dos silêncios, das metáforas, das ironias que eventualmente possam surgir nas histórias de vida, além de considerar o papel social das emoções, compreendendo mudanças ao longo do tempo.

Para Bosi (1994, p. 411), a valorização da memória como conteúdo de conhecimento histórico via exploração da dimensão subjetiva, faz-se importante no sentido de que por muito que deva à memória coletiva, o indivíduo é quem recorda. Ele é o memorizador e, dos espaços do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, tão somente para ele, significativos, dentro de um tesouro comum.

Considera-se aqui a história oral do atleta como fonte principal de construção do conhecimento, pois além de refletir experiências vividas ativamente por esse sujeito, o atleta ocupa no mundo contemporâneo espaço que transcende o aspecto objetivo outrora atribuído a ele, ou seja, é uma instituição em constante processo de resignificação (RUBIO, 2001). E aqui está uma das questões relacionadas ao processo de representação de um grupo que segundo Bourdieu (2004, p.82-83) “o representante constitui o grupo que o constitui: o porta-voz dotado do poder de falar e de agir em nome do grupo, falando sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que existe somente por esta procuração (...) dando assim um corpo biológico a um corpo constituído”.

Ao elaborar o conceito de memória coletiva, Halbwachs (2006) entende a memória como fenômeno social. Para o autor, a percepção que temos do mundo não se apoia exclusivamente na nossa lembrança, mas também na dos outros. A confiança que temos na memória é reforçada se experimentada e lembrada por outras pessoas. O autor esclarece que a memória é sempre coletiva, mesmo quando nos recordamos de fatos vivenciados sem a presença de outra pessoa, uma vez que nunca estamos sós, por carregarmos o outro em nós, possibilitando o surgimento de uma memória afetiva, base do que chama de “comunidade afetiva”.

Assim, a identidade de um grupo está na forma como esta memória é elaborada, porque além de construção social, a memória de determinado grupo se relaciona também com a memória que outros grupos constroem para si num terreno onde se travam disputas e embates. Conflito que se dá, também, no interior do grupo, onde os diversos agentes procuram afirmar sua hegemonia na construção dessa identidade e da memória. A unificação dessa memória, formada de múltiplos ingredientes, ocorre através da linguagem.

Na referência da própria trajetória, Rubio (2014, p.109) aponta que “atletas trazem em suas narrativas a lembrança de pessoas e profissionais que influenciaram o desejo pelo esporte, pela busca de melhores condições de vida e de treinamento ou a convivência com outros atletas que também competiam naquele momento histórico [...] em se tratando de atletas de modalidades coletivas [...] vários deles narram suas memórias sobre um mesmo conteúdo vivido, apontando para a subjetividade que envolve a construção e elaboração desse conteúdo ainda que vivido coletivamente”.

Pollak (1992) entende a memória como uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, que procura reforçar os sentimentos de pertencimentos, as fronteiras sociais entre coletividades de diferentes tamanhos. Ainda segundo o autor, a referência ao passado serve pra manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as posições irreduzíveis.

Diferentemente de muitas áreas de relações e atuação do indivíduo, o esporte é um contexto que propicia, principalmente ao protagonista, as experiências afetivas e emocionais em graus elevados, que marcam primeiramente seu corpo e podem dar à memória um conteúdo ainda mais humano.

JUSTIFICATIVA

Por que futebol?

O Brasil tem como um dos principais “produtos de exportação” os jogadores de futebol - em torno de oitocentos jogadores profissionais deixam o país ao ano – e mesmo assim mantém uma gama de dezenas de times com capacidade de competir não só em campeonatos nacionais como internacionais. Atualmente, esta situação tem tido sua lógica minimamente invertida quando da valorização da moeda nacional (real) frente a outras divisas.¹⁰

Esta realidade não é somente do Brasil, mas do continente Latino Americano. Em reportagem publicada em agosto de 2013, um ano antes da Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil, os repórteres relataram que a América Latina ganhava mais com a exportação de jogadores de futebol do que com a de animais vivos. Somente no primeiro semestre de 2013, cinco mil jogadores de futebol haviam movimentado o valor de mais de um milhão de dólares nas bolsas de exportação, destes, três mil foram comercializados pela Argentina e Brasil.¹¹

Este fato poderia ser interpretado como um sinal de superioridade em relação aos centros de formação de futebolistas, mas na realidade, a nem sempre conhecida trajetória destes jogadores que se tornaram profissionais evidencia uma preparação qualitativa dos jovens para os desafios da profissão e, muito menos para os prováveis insucessos. Assim, o tema tem sido pauta de artigos e trabalhos acadêmicos (CAVICHIOILLI et al., 2011; MARQUES E SAMULSKI, 2009; SAMULSKI e cols, 2009) e programas de televisão e de canais esportivos, principalmente depois da Copa do Mundo de 2014 em que o Brasil, perdeu de maneira vexatória a chance de chegar à final do campeonato em partida contra a Alemanha, explicitando a deficiência da formação de atletas e a constituição das categorias de base nacionais.¹²

¹⁰ O ESTADO DE S. PAULO. Força do real ajuda a reverter exportação de jogadores brasileiros, diz “Financial Times”. Acesso em: 27 maio 2012. <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,forca-do-real-ajuda-a-reverter-exportacao-de-jogadores-brasileiros-diz-ft,746336,0.htm>
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110718_jogadores_brasil_financial_times_rw.shtml. Acesso em: 05 jan 2013

¹¹ <http://gq.com/109317/latin-americas-soccer-player-exports-are-worth-more-than-its-animal-exports/>. Acesso em 05 de janeiro de 2014.

¹² <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/10/base-da-terra-grama-nova-serie-mostra-formacao-do-futebol-brasileiro.html>;

Segundo Damo (2007), no Brasil são gastas em torno de 5.000 horas de treinamento em um período de 10 anos focando o aprendizado corporal e quase nada no aprendizado intelectual do atleta. Esse processo de formação é classificado pelo autor em três categorias: endógeno (o clube promove os jogadores vindos das categorias de base estimulando a economia e os vínculos de identidade clube/atleta), exógeno (empresas mentoras do projeto que forma os “pés de obra” lucrando com a venda dos passes) e híbrido (conciliando a formação afetiva das “pratas da casa” com a produção para o mercado).

Ao avaliar o mercado de trabalho existente para os atletas profissionais da modalidade, não é possível encontrar muitas opções já que o mercado não se expande. O futebol espetáculo não existiria sem a presença das grandes torcidas, comunidades afetivas que tanto direta quanto indiretamente influenciam na capacidade econômica produtiva de seus clubes. Desta forma, o autor aponta que o clubismo (a identificação com o clube e não necessariamente com o jogador), pode ser um fator limitante para a profissionalização dos atletas, estimulando a intensa circulação e vazão dos talentos esportivos no mercado exterior que vive também este processo de estagnação, diminuindo oportunidades e aumentando a competitividade neste mercado de trabalho.

Giglio e Rubio (2013, p.387) esclarecem a relação entre a estrutura vigente do futebol profissional, apontando que o mercado restrito exerce um controle sobre as práticas de liberdade, ocasionando muitas vezes uma relação do atleta com o trabalho de servidão e não trabalho assalariado. O processo de mercadorização e circulação dos jogadores brasileiros no exterior também foi foco do artigo concluindo “que as práticas de liberdade no futebol consistem na ação dos atletas em não se deixarem reduzir à condição de ‘peça’ ou ‘mercadoria’”.

Em termos de competições para a modalidade, respeitando a estruturação do Esporte Moderno que tem como entidades o COI (Comitê Olímpico Internacional) e a FIFA (Federação Internacional de Futebol), este trabalho analisa especificamente os atletas que participaram das edições de Jogos Olímpicos nas décadas de 1960

<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/10/talento-peneiras-sofrimento-e-angustia-como-surgem-os-craques.html>;

<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/10/base-profissionalismo-amadorismo-dedicacao-e-ganancia-convivem-juntos.html>;

<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/10/base-lei-pele-empresarios-talentos-fatiados-e-sonho-com-futebol-europeu.html> . Acesso em 05 de novembro de 2014.

(Japão/64 e México/68), de 1970 (Munique/72 e Montreal/76), de 1980 (Los Angeles/84 e Seul/88), de 1990 (Atlanta/96) e anos 2000 (Sidney/00).

Processo de formação de identidade

No início da carreira esportiva a criança ou o jovem carregam não apenas o desejo de uma prática que envolve prazer e esforço, mas também o referencial de outros que, antes deles, criaram uma imagem gloriosa de si mesmos por meio do êxito em competições. Uma carreira que pode ser breve ou longa, deixa registrada no imaginário¹³ do grupo ao qual o atleta pertence as marcas que servirão de exemplo a muitas outras gerações. E da mesma forma que os anos vitoriosos se perpetuam na memória social, os passos seguidos adiante também acompanham os novos rumos adotados pelo atleta ao finalizar sua trajetória competitiva.

Se a prática esportiva promove o desenvolvimento da identidade do atleta, o final de sua carreira representará a necessidade de mudança de um papel social, construído desde a infância, para o desenvolvimento de uma nova identidade. Da mesma forma que a identidade de atleta necessitou alguns anos para se consolidar, a transição para um novo papel social também se dá como processo, o que demanda do sujeito tempo e recursos emocionais e materiais para sua concretização (RUBIO, 2012).

O termo identidade nesta concepção sociológica preenche o espaço entre o mundo “interior” e “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam (HALL, 2001).

Diante disto, entende-se que a construção da identidade atlética passa pela construção do próprio eu e da autoafirmação que dá ao sujeito consciência de si e um lugar no mundo. A identificação faz com que o indivíduo não só se aproprie, mas

¹³ Para G. Durand (1997) imaginário é “... o conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. Este capital é formado pelo domínio do arquetipal – ou das invariâncias e universais do comportamento do gênero humano – e pelo domínio do idiográfico, ou das variações e modulações do comportamento do homem localizado em contextos específicos e no interior de unidades grupais” (p. 212).

se torne parte daquilo ao qual está identificado. Em contrapartida, deixar de ser atleta representaria o que Hall (2001) entende como um momento de ruptura ou de descentração do sujeito. Modificam-se as primeiras concepções acerca de si mesmo, de crenças, valores e conceitos, configurando o que o autor vai entender por crise de identidade, ou seja, quando aquilo que acreditamos ser fixo e inflexível, passa a se fragmentar e perder sua preponderância central. Inconscientemente, tendemos a criar certa estabilidade e segurança ao nosso redor (MASLOW, 2003), contudo, novos significados sempre se apresentam para subverter este esforço. Para Hall (2001), esta crise de identidade não é em si uma experiência ruim, mas parte de um processo maior de transformação que desestrutura bases e princípios sociais que ofereciam certa solidez no mundo, mas que o submete a novas possibilidades.

A chamada *crise de identidade* proposta por Hall passa por uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno, cujo maior efeito foi o deslocamento final do sujeito cartesiano. O autor aponta cinco grandes momentos que contribuíram para esse impacto.

O primeiro deles refere-se às tradições do pensamento marxista, principalmente no pensamento de Althusser, que coloca as relações sociais e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico marxista, deslocando duas proposições-chave da filosofia moderna: que há uma essência universal de homem e que essa essência é o atributo de 'cada indivíduo singular', o qual é seu sujeito real. Embora a construção althusseriana tenha sido amplamente criticada, seu 'anti-humanismo teórico' teve um impacto considerável sobre muitos ramos do pensamento moderno.

O segundo dos grandes descentramentos no pensamento ocidental do século XX vem da descoberta do inconsciente de Freud. A teoria freudiana afirma que as identidades, bem como a sexualidade e a estrutura dos desejos, são formadas em processos psíquicos e simbólicos de uma instância chamada inconsciente. Seu funcionamento independe da razão, colocando por terra o conceito de sujeito cognoscente e racional, dono de uma identidade fixa e unificada cartesiana. Sendo assim, a identidade é algo formado ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não estão presentes no sujeito desde seu nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade.

O terceiro desses momentos está associado com o trabalho do lingüista estrutural Saussure, que argumenta que nós não somos os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A linguagem é um sistema social e não individual que preexiste a nós. As palavras são 'multimoduladas' que carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento. O significado é inerentemente instável. Ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença).

O quarto descentramento da identidade e do sujeito ocorre no trabalho de Foucault na medida em que ele destaca um novo tipo de poder, que ele chama de 'poder disciplinar, que está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância, sendo o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, o indivíduo e o corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que vigiam e disciplinam as populações modernas como oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas etc. Na visão foucaultiana quanto mais coletiva e organizada for a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual.

O quinto descentramento reside no impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica, quanto como um movimento social, por questionar algumas distinções clássicas como o público e o privado, a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho etc. Foi um movimento que começou dirigido à contestação da posição social das mulheres e expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

Enfim, os descentramentos apresentados por Hall sugerem a ocorrência de rupturas significativas ao longo do último século, que levam o sujeito a uma crise em sua suposta identidade única para se ver diante da possibilidade de identidades múltiplas. Essas identidades, constituídas no interior de práticas de significação, são produzidas em locais históricos e institucionais únicos, emergindo das relações de poder, sendo produto da diferença e não de uma unidade idêntica, da prática da alteridade.

Ao considerar trabalhar as questões relativas à identidade profissional e buscando referências para tal desafio Dubar (2009, p.13) contribui para a discussão sobre a identidade, assumindo uma perspectiva não essencialista, pautando-se na importância da alteridade. Para o autor, a identidade "não é o que permanece

necessariamente 'idêntico', mas o resultado de uma 'identificação' contingente". O entendimento que a essência produz a diferença, a singularidade, traduz a ideia de que a identidade é a diferença.

Assim como em Hall (2005), para Dubar (2009 p.13) a identidade é tida como "um conceito estratégico e posicional" de modo que não pode ser entendida como estável. Dubar descreve que o "ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro indica que a identidade é o pertencimento comum".

Ao analisar o processo de construção identitária o autor recusa a distinção entre identidade individual e identidade coletiva. A 'identidade para si' e 'para o outro' são inseparáveis na medida em que "o que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto". Portanto, a hipótese é que existe "um movimento histórico, ao mesmo tempo muito antigo e muito incerto, de passagem de certo modo de identificação a outro." (DUBAR, 2009, p.14).

Considerando que a identidade "não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições", Dubar (2005, p. 105), sugere que a construção da identidade se dá através de um processo biográfico (identidade para si) e um processo relacional (identidade para o outro), "processos históricos, ao mesmo tempo coletivos e individuais, que modificam a configuração das formas identitárias definidas como modalidades de identificação."

Como formas identitárias clássicas, o autor denominou *formas comunitárias*, que supõem "a crença na existência de agrupamentos chamados 'comunidades', entendido aqui como sistemas de lugares e nomes pré-atribuídos aos indivíduos e que se reproduzem de modo idêntico através de gerações" e *formas societárias* que "supõem a existência de coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem por períodos limitados e que lhes fornecem recursos de identificação que eles administram de maneira diversa e provisória". A ideia é que "a crença na 'identidade pessoal' é que condiciona as formas de identificação societária com os diversos grupos (familiares, profissionais, religiosos, políticos)" (DUBAR, 2009, p. 15).

As *formas comunitárias* são construídas nas relações sociais e dizem respeito ao eixo relacional e as *formas societárias* são formadas nas formas da

temporalidade, relacionadas ao eixo biográfico. As dimensões ‘relacionais’ e ‘biográficas’ da identificação “combinam-se para definir a *configuração identitária* que designa as formas de identificação (DUBAR, 2009, p.17).

MODOS DE ARTICULAÇÃO ENTRE DOIS PROCESSOS IDENTITÁRIOS HETEROGÊNEOS	
PROCESSO RELACIONAL	PROCESSO BIOGRÁFICO
Identidade para o outro (reconhecimento)	Identidade para si (autoconhecimento)
Atos de atribuição (aquilo que dizem o que você é)	Atos de pertença (aquilo que você diz que é)
Transação subjetiva entre identidade atribuída e identidade assumida	Transação subjetiva entre identidade herdada e identidade visada
Resultado: reconhecimento ou não-reconhecimento sociolaboral	Resultado: produção (ruptura identitária) ou reprodução (continuidade identitária)

Processo de Construção Identitária, segundo Dubar (1997): In Ribeiro & Uvaldo (2011)

O autor reforça que as formas identitárias são “inseparáveis de relações sociais que são também formas de alteridade. Não há identidade sem alteridade”. (DUBAR, 2009, p.73).

Dentre as formas de identificação citadas anteriormente, Dubar (2005) considera o trabalho, o emprego e a formação como elementos centrais para os processos identitários. Deste modo, a identidade profissional não é apenas resultado das “formas relacionais (identidades de atores num sistema de ação), são também biográficas (tipos de trajetórias no decorrer da vida do trabalho). E a noção de ‘crise’ é reconhecida neste campo, porém com distinções de significado: “quando se aplica ao emprego (o mais corrente), ao trabalho (o mais complexo) ou às relações de classe (o mais oculto)”.

Os ‘modelos culturais’ detectados por Renaud Sainsaulieu (década de 1960) nas organizações de trabalho são o mote para a discussão que Dubar (2009, p.153) propõem sobre a crise de identidades. Apontando evoluções neste campo identificadas por pesquisas realizadas por ele durante a década de 1980, avalia as categorias apontadas por Sainsaulieu e suas respectivas atualizações, concluindo que a crise de identidades existe e está relacionada às identidades “‘tayloriana’, ‘de ofício’, ‘de classe’, ‘de empresa’” resumindo-se à crise de não-reconhecimento.

Segundo o autor o que se observa é a desestruturação dos “nós coletivos, marcados pelo comunitário... O modo individualista, muito incerto, essa identidade de rede... que se constrói através da globalização... coloca o indivíduo na obrigação de enfrentar a incerteza e, cada vez com mais frequência, a precariedade tentando dar-lhe um sentido”.

Frente aos aspectos da crise de identidade apontados por Hall (2005, 2001) e Dubar (2005, 2009), ao relacioná-los com o contexto esportivo, o trabalho e a carreira atlética, faz-se necessário compreender que a vida profissional configura-se como mais uma etapa do processo de constituição de identidade.

Claude Dubar	Stuart Hall
Forma Comunitária: forma identitária reflexiva e forma identitária cultural	Sujeito do iluminismo
Forma Societária: forma identitária estatutária e forma identitária narrativa	Sujeito Sociológico
Forma identitária de difusão adaptativa	Sujeito pós-moderno

Proposta das Construções Identitárias Contemporâneas no Trabalho: in Ribeiro & Uvaldo (2011)

Esporte Moderno e o processo de identidade profissional

Vale lembrar que com o fim do amadorismo no final dos anos 1970, o futebol converteu-se em um meio de vida, uma atividade profissional: homens de excepcionais dotes para a luta ou para a corrida passam a receber altas somas financeiras comprometendo-se a realizar determinadas atuações. Buscando responder a essas exigências, nos últimos anos os campeões do esporte passaram a ser transformados em rendosas mercadorias que são vendidas e negociadas em diversos pontos do planeta (RUBIO, 2001).

Liderada pelo futebol durante muitas décadas, a profissionalização das demais modalidades esportivas, principalmente das olímpicas, só veio ocorrer em meados da década de 1980, tanto pela referência internacional, como pelas pressões internas das empresas instaladas no país que entendiam ser o esporte uma importante estratégia de mercado para a visibilidade vitoriosa de seus produtos.

Os atletas de alto nível, iguais aos demais profissionais destacados em suas profissões, permanecem em uma luta constante por sua posição; o que os difere das demais categorias é a interdependência entre seu rendimento, que tem de ser

maximizar em curtos períodos de tempo, e a capacidade de seu corpo, considerando a brevidade de suas carreiras.

Na transformação da prática da condição amadora para a profissional, não foram apenas os valores nobres e aristocráticos que se perderam. A criação de uma nova ordem olímpica indicava que o mundo do século XX havia passado por grandes e profundas mudanças de ordem prática e moral. O atleta profissional não é apenas aquele que tem ganhos financeiros pelo seu trabalho. Ele é também a representação vitoriosa de marcas e produtos que querem estar vinculados à vitória, à conquista de resultados. A criação dessa imagem também passa, em alguns casos, a ser incorporada à dinâmica emocional do atleta que se confunde com o papel que desempenha, dificultando ainda mais o fechamento de um ciclo já difícil pelas condições descritas anteriormente (RUBIO, 2001).

Para Guttmann (1978) o profissional deve ser definido como aquele que recebe uma compensação pecuniária pelo que faz por ter sua vida direcionada para a prática do esporte. Por muito tempo a especialização (codinome da profissionalização) foi o resultado das tensões geradas pela necessidade de disfarçar a condição amadora sob forma de ganhos secundários como bolsas de estudos, apoio governamental e generosidade patronal ao invés de salário.

Diante da importância que o atleta tem representado para a sociedade atual países como Austrália, Estados Unidos, entre outros, estão desenvolvendo programas e políticas públicas com a finalidade de preparar os atletas para o final de carreira competitiva¹⁴ (WYLLEMAN et al., 1999).

É grande o esforço a ser realizado pelo atleta para se completar o processo de transição de carreira. Para que ela se dê de maneira saudável é preciso um grau de disposição interna para a adequação aos processos de configuração identitárias (Dubar, 2009) e seus procedimentos. O primeiro deles diz respeito a assimilação do processo de identificação dos pontos comuns nas formas identitárias e todos os seus desdobramentos. Isso tem relação direta com a transformação de papéis sociais junto à sociedade que também necessita de tempo para poder ter o atleta não mais como aquela figura heróica capaz de realizar feitos incomuns, mas como um cidadão que tem suas obrigações e afazeres.

¹⁴ http://www.ausport.gov.au/ais/athlete_career_and_education; <http://www.teamusa.org/For-Athletes/Career-and-Educational-Resources/Athlete-Career-Program.aspx> Acesso em 20/02/2013.

A apropriação da forma identitária e seu processo se refletem também nas interações humanas, tanto em nível familiar como com os companheiros do passado que ainda se mantêm nos papéis atléticos.

Se a profissionalização representa a possibilidade de uma carreira no esporte como em qualquer outra profissão é necessário considerar que em outras especialidades a aposentadoria ocorre por tempo de serviço, seguindo leis do trabalho que garantem rendimentos pelo sistema previdenciário. No caso do atleta a transição de carreira, ou seja, a aposentadoria ocorre dentro do ciclo vital do atleta, quase sempre perto dos 30 anos de idade, ou antes, a depender da modalidade praticada, sem garantias previdenciárias. Isso representa ter que se iniciar toda uma preparação para o enfrentamento de desafios desconhecidos e que já não depende apenas de aptidão e habilidade física (WYLLEMAN et al., 1999). E diferentemente do período do amadorismo onde esse final era claro e esperado e os atletas estudavam e se preparavam para novas carreiras, no período do profissionalismo essa regra é outra.

O término de carreira e a pós-carreira atlética têm chamado a atenção de estudiosos tanto da Psicologia como da Sociologia do Esporte. Isso porque ao representar um papel de destaque na indústria cultural contemporânea, o esporte, seus protagonistas e seus feitos são compartilhados socialmente, o que torna o atleta uma figura pública, de grande reconhecimento popular e, em alguns casos, a imagem do seu país em âmbito internacional.

Referencial Teórico

1. Esporte

1.1 Origens do Esporte Moderno

Conhecer a cronologia do esporte moderno, especificamente a história do futebol, auxilia o entendimento da estrutura de negócios vigente que interfere diretamente na gestão de carreira dos atletas dessa modalidade.

Segundo Melo e Fortes (2010), originária do francês antigo “disport”, a palavra “sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual. É nesse momento que se configura o campo esportivo conforme hoje o conhecemos (BOURDIEU, 1983).

O Esporte Moderno surgiu no final do século XIX como produto das transformações pelas quais passava a sociedade inglesa. Originalmente concebido como uma prática aristocrática, tido como uma atividade de ócio e um meio de educação social dos filhos das classes sociais não trabalhadoras. Esse fenômeno sofreu transformações quando da apropriação pelas demais classes sociais, resultando na sua massificação e popularização.

A estrutura do esporte na sociedade inglesa era estratificada, classificando de diferentes formas seus praticantes. Existia o esporte praticado por profissionais, como era o caso do boxe e das corridas a pé, o esporte escolar praticado nas universidades e *Public Schools*, e o esporte amador praticado basicamente pela aristocracia que dominava a direção das instituições esportivas, base para a constituição do Movimento Olímpico (LÊ FLOC’MOAN, 1969).

Vale ressaltar que o esporte era utilizado nas *Public Schools*, frequentadas pela juventude de elite, como um agente social de controle. Utilizado como um dos componentes curriculares fundamentais dessas escolas o esporte estava intimamente associado à religião, denominando seus praticantes como “Cristandade Muscular”. Esses estudantes, supostamente, apresentavam qualidades positivas tanto para o esporte como para a religião. Muitos dos ex-alunos dessas escolas vieram a ser futuramente os representantes do Império Inglês pelo mundo, disseminando os valores éticos e morais aprendidos tanto nas salas de aula como no esporte. Condição inerente e fundamental desse modelo de esporte era a noção de amadorismo (TOOHEY e VEAL, 2007).

De acordo com os autores, o amadorismo foi uma construção do século XIX, que tinha por função servir aos ideais de nobreza proclamados pela Era Vitoriana. A proposta primeira e original do amadorismo dentro do esporte era não apenas distinguir, mas principalmente, separar os chamados *gentlemen amateur* dos

trabalhadores de todas as categorias “[...] uma pessoa que compete por dinheiro não é apenas inferior, mas é antes de tudo uma pessoa de caráter duvidoso” (TOOHEY e VEAL, 2007, p. 15-16).

O que fundamentou essa divisão e classificação foi a participação crescente da classe média e trabalhadora nas atividades esportivas e de lazer em geral, consideradas, a priori, privilégios da aristocracia.

O entendimento dessa dinâmica é fundamental para a compreensão de tamanho apego à defesa do amadorismo ao longo de mais da metade do século XX. Hobsbawm e Ranger (1997, p. 256) apontam a importância que o esporte teve para a classe operária por ampliar a visibilidade social e questionar a sociedade classista. Entretanto, o conceito de amadorismo era uma forma de impedir a projeção alcançada pelos habilidosos, identificando-os como trabalhadores, ou ainda, como trabalhadores do esporte, condição distinta daqueles que se dedicavam nobremente à prática desinteressada do prêmio material por um bom desempenho.

Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o rugby, o futebol americano [...] ou os ainda não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo.

Elias e Dunning (1992) citam que a competitividade da sociedade contemporânea leva a um inevitável abandono de atividades tidas como amadoras, que na essência do termo seriam aquelas feitas por amor, em detrimento das ações especializadas, passíveis de serem desenvolvidas dentro de uma estrutura profissional que leva à especialidade máxima, e isso não ocorreria somente com o esporte.

Diante disso, Salles e Soares (2002, p.438) afirmam que “[...] os valores estabelecidos sobre amadorismo são apropriados em diferentes contextos, não aceitando as mesmas determinações em todos os países devido ao fato das estruturas políticas e culturais serem distintas”.

O amadorismo foi, no passado, considerado uma virtude humana e condição *sine qua non* para qualquer atleta olímpico. Mas, mais que um valor ético essa imposição era um qualificador pessoal e social dos atletas que se dispunham a seguir a carreira esportiva (RUBIO, 2003, 2013).

Da forma como se estruturou, o Esporte Moderno apresenta os mesmos valores da sociedade capitalista, como a necessidade de mensuração dos resultados, a competitividade e a seriedade (ELIAS e DUNNING, 1992). Sendo assim, a qualidade e eficiência são mensuradas a partir dos resultados produzidos e os vencedores são premiados com troféus e medalhas, com prêmios simbólicos ou materiais que atestam a posição alcançada.

A necessidade de quantificar *performance* foi apontada por Ardoino e Brohm (1995) como um dos fatores responsáveis pela influência tecnológica, pela regulação burocrática, pelas competições, pela espetacularização e mercadorização das práticas esportivas. Em função da sustentação de toda essa estrutura, instituições foram criadas, destacando-se as entidades COI (Comitê Olímpico Internacional) que controla os esportes olímpicos e a FIFA (Federação Internacional de Futebol) que controla especificamente tudo o que se refere ao futebol (GIGLIO e RUBIO, 2013).

A profissionalização acabou por imprimir uma grande alteração na organização esportiva, tanto do ponto de vista institucional, como na atividade competitiva em si. Mais do que uma prova de exibição de habilidades fora da média, o esporte se tornou uma carreira profissional cobiçada, um meio de ascensão social para aqueles que conseguiram transpor as barreiras de uma carreira competitiva e uma opção de vida para jovens talentosos. A competição atlética ganhou visibilidade e complexidade ao se tornar espetáculo esportivo e produto da indústria cultural. E assim, interesses econômicos aliados a disposições políticas e intervenção estatal produziram e reforçaram uma das instituições mais robustas do planeta.

Conforme Bourdieu (1983), algumas chaves constitutivas do dispositivo esportivo, esboçadas no século XIX, não se transformaram plenamente até meados do século XX. Uma das mudanças mais significativas teve relação com a crescente presença do Estado, isso porque a esportivização da sociedade constitui uma parte importante da intervenção e do desdobramento de distintas agências que, durante sua atuação, se autodefiniam e se recriavam.

No Brasil o amadorismo segue proximamente o modelo desenvolvido globalmente. O que se observa ao longo da primeira metade do século XX é que o esporte praticado de forma amadora gerou uma representação social do atleta que variava do sujeito excêntrico, caso pertencesse à aristocracia, ou um vagabundo, caso sua origem estivesse relacionada às classes populares. A via alternativa para esses dois modelos eram os militares, que por força do ofício eram obrigados a praticar esporte, o que levou muito deles a chegarem aos Jogos Olímpicos. A

profissionalização era tão inevitável quanto a competição é para o esporte (RUBIO, 2005).

1.2 O profissionalismo

A atividade esportiva como profissão é um fenômeno recente, posto que a profissionalização no esporte, exceto para o futebol onde isso já ocorria, só se tornou uma realidade a partir do início da década de 1980. O marco desse evento coincide com os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, e os procedimentos que marcaram essa prática nas nações ricas do planeta, com fortes investimentos privados e públicos, diferem em muito dos países pobres ou em desenvolvimento, onde o esporte ainda se estrutura em bases amadoras e/ou familiares.

O esporte é entendido por Guttmann (1978) como uma forma genuína de adaptação à vida moderna e pode ser entendido como um tipo de trabalho disfarçado e desmoralizante. Apresenta características como disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia, provas do mimetismo e da dependência existentes entre o esporte e o capitalismo industrial.

Outra leitura possível, complementar e paralela a essa, considera que desde suas origens, toda atividade esportiva de alguma envergadura supõe uma atividade comercial paralela, que indica que o fenômeno esportivo foi transformado em um setor da vida econômica contemporânea. Nesse sentido, o esporte como instituição é no entender de Brohm (1993) produto de uma ruptura histórica, que surge no ‘espaço clássico’ do modo de produção capitalista, na Inglaterra, não como uma instituição homogênea, mas como uma prática de classes. Se por um lado a burguesia concebia o esporte como ócio, como uma forma de passatempo, o proletariado prescindia-o como um meio de recuperação física. Assim se pode explicar que o movimento sindical, desde seu início, reivindicasse o direito ao tempo livre juntamente com a redução da jornada laboral. Dentro dessa mesma perspectiva o esporte é visto como consequência do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, produto da diminuição da jornada de trabalho, da urbanização e da modernização dos transportes. Sua existência transforma o corpo em instrumento e o integra dentro do complexo sistema de forças produtivas.

O atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca regulado pelas leis de oferta e procura do mercado. O amadorismo deixou de existir desde que o atleta profissional se tornou um profissional do espetáculo muscular.

O esporte contemporâneo nasceu, cresceu e tem se desenvolvido no seio da sociedade urbana e industrial sujeito às adaptações particulares da vida política, econômica e social moderna. Sua prática atual surge na Inglaterra, no mesmo momento, e não por casualidade, em que se inicia a Revolução Industrial. Essa caracterização tem implicações importantes tanto naquilo que se refere à prática esportiva como com a organização do esporte em geral.

Mas o privilégio esportivo não estava destinado a todos. A partir do Ato de Educação de 1870 foi estabelecido um acordo entre o Departamento de Educação e o Gabinete Militar para que sargentos ministrassem educação física nas escolas primárias. O modelo seguido foi o da ginástica sueca, gerando uma dualidade de sistemas na educação física inglesa: jogos organizados nas Escolas Públicas frequentadas pela aristocracia e burguesia e ginástica nas Escolas Primárias, frequentadas pelos filhos dos trabalhadores. Ou seja, nas primeiras têm-se a formação de líderes empreendedores e bons oficiais, e nas segundas bons operários e soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício sistemático (RUBIO, 2001).

Juntamente com a indústria têxtil, as ferrovias, as companhias de energia elétrica e tudo o que a Inglaterra pode exportar, estava o esporte, sua organização e regras. E assim o modelo inglês converteu-se no paradigma do esporte moderno.

1.3 E o futebol...

Em meados do século XIX, foram criadas as primeiras regras do futebol, instituída a *Football Association* (1863), associação inglesa que oficializou e estatizou as regras do esporte. O profissionalismo tem seu registro datado de 1885, e no ano seguinte, foi criada na Inglaterra, a *International Football Association Board*, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário e garantir a uniformização e controle (FRANCO JÚNIOR, 2007; TOLEDO, 2002).

Segundo Hobsbawm e Ranger (1997, p.307), a institucionalização funcionou como uma vitrine para os esportes e, conseqüentemente, uma forma de ampliar e abranger uma parte cada vez maior das “classes médias”. Essa institucionalização “constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente [...]”.

O que aproxima os esportes de massa dos praticados pela aristocracia é a invenção de tradições sociais e políticas, constituindo uma forma de identificação nacional e comunidade artificial (HOBSBAWM e RANGER, 1997). A tradição social associada à comunidade artificial representa a condição de pertencimento que

associa o esporte à elite. Participar do esporte significa pertencer a uma classe social distinta, motivo pelo qual a burguesia começa a ter interesse pelo esporte.

Com a estruturação das regras uma nova condição organiza o campo esportivo: as competições internacionais. Nelas, é possível o confronto entre as nações. O que muda em relação a unificação das regras entre diferentes *public schools* é a escala, se antes era um acerto para que pudesse acontecer o jogo entre duas escolas, agora a unificação das regras dialoga com uma condição mais ampla. Assim, foi que em 1896, na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em Atenas, Grécia, o futebol foi o segundo esporte coletivo a participar como esporte de exibição (GIGLIO, 2013).

De reunião de pessoas à reunião de nações, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) é criada em Paris, em 1904, constituída na época por 07 membros (Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça) e possuindo hoje 208 países filiados.¹⁵

Foi em 1908 que o futebol participou da quarta edição dos Jogos Olímpicos, em Londres, Reino Unido, como esporte de competição. Pela amplitude dos Jogos, as disputas olímpicas valiam como campeonatos mundiais até 1930, quando foi realizada no Uruguai a primeira Copa do Mundo (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Este fato ocorreu, pois na década de 1920 e 1930, uma série de debates entre FIFA e o COI, sobre o estabelecimento de regras e controles para o futebol olímpico aconteceram, e não havendo um consenso, a FIFA resolveu criar a sua própria competição, promovendo anos depois, a exclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de 1932 (GIGLIO, 2013).

Com a amplitude de fronteiras, aumento de público e número de eventos relacionados à modalidade, as federações perceberam que administrar o jogo significava mantê-lo sob controle e divulgá-lo, e que os custos disso implicavam em estratégias de gerenciamento para a sua manutenção. A mercantilização do futebol fez com que a modalidade passasse de status de esporte para a condição de serviço ou bem comercial, pois já se apresentava como atividade lucrativa (PEREIRA, 2008).

Faz-se necessário esclarecer que devido ao sistema institucional vigente, a FIFA possui domínio total em relação ao futebol profissional, sendo que não existe

¹⁵ Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>>. Acesso em: 22 Fev. 2013.

futebol profissional fora do sistema FIFA (DAMO, 2006). Na hierarquia institucional, abaixo da FIFA estão as confederações dos continentes que por sua vez possuem como filiados as confederações dos países, no caso brasileiro é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ainda nessa hierarquia aparecem as federações de futebol dos Estados e vinculadas a elas os clubes, sendo que na última etapa dessa estrutura aparecem os jogadores. Portanto, qualquer situação que aconteça em alguma dessas instâncias a FIFA pode intervir, alegando sua autoridade e competência sobre o episódio (TOLEDO, 2002; GIGLIO, 2013).

Nos estudos sobre o futebol (DAMO, 2008; WALSH & GIULIANOTTI, 2007; LEONCINI, 2001; FÁVERO, 2010; PILOTTO, 2000; GIGLIO, 2013, BENTO, 2013) discute-se o papel e a representação social do atleta profissional.

Para Bento (2013, p.15), a implementação de uma lógica ou mentalidade de fábrica abarca dimensões onde a formação e a forma “cedem lugar à formatação e à fôrma [...] vivenciando uma recessão, face ao pragmatismo e utilitarismo”. Esta crítica corrobora com o que se observa da estrutura hierarquizada que se apresenta aos atletas.

Damo (2008) desenvolve o argumento sobre a necessidade de entendimento dos jogadores a partir de seu duplo estatuto, o de pessoa e de mercadoria. Para compor esse cenário, é preciso recorrer a Walsh e Giulianotti (2007, p. 13) que desenvolvem o conceito de comodificação. Esse conceito refere-se à transformação de um produto ou serviço em *commodity*, isto é, em algo que pode ser comercializado. Os autores definem a comodificação como sendo “a transformação de uma coisa que possui somente valor de uso para um bem que possua valor de uso e valor troca”¹⁶(GIGLIO, 2013).

Giglio (2013) e Giglio e Rubio (2013) trabalham este tema esclarecendo que para Marx (2008), o valor de uso de algo é estabelecido pela sua utilidade, sendo determinada por aquilo que é feita a mercadoria. No caso dos jogadores, isso será estabelecido pelo uso do corpo e por meio de suas técnicas corporais se definirá quanto vale um jogador. Portanto, uma das condições de ser um atleta é possuir saberes dentro de seu corpo. Sob essa perspectiva, os atletas literalmente trazem incorporado, devido às rotinas de treinamento, o seu valor de uso e, dessa forma, o valor de troca que converte o objeto em mercadoria é traduzido por meio do uso de

¹⁶ Tradução dos autores do seguinte trecho: “[...] commodification is defined as the transformation of a thing with only use-value to a good with booth use-value and exchange-value”.

seu corpo e do que é capaz de produzir enquanto força de trabalho. Dentro dessa dinâmica o mercado¹⁷ e o dinheiro são fundamentais para a comodificação. Se o mercado e o dinheiro ditam as regras do que se faz, a consequência disso para Damo (2006, p.58) será

A conversão de pessoa em coisa é um processo ao qual são sujeitos todos os futebolistas, pela simples razão de que existe um mercado de compra e venda bem estruturado, com fluxos preferenciais, como é o caso dos craques brasileiros em direção à Europa e dos jogadores menos prestigiados para outras partes do mundo.

Ainda segundo os autores, de acordo com Walsh e Giulianotti (2007, p. 12), se há um objeto que pode ser comercializado podemos afirmar que o mesmo possuirá um valor de uso e um valor de troca. O valor de uso possui seu valor definido de forma intrínseca enquanto o valor de troca é o valor estabelecido pelo mercado e que possibilita a compra de algo.

O jogador que tiver a sua força de trabalho corporal reconhecida no meio futebolístico aumenta as chances de transformar seu saber corporal em maior rendimento financeiro. Porém, o mercado do futebol tem pouca mobilidade dos atletas para clubes de diferentes divisões. Esse valor de uso, que atesta quanto vale cada atleta, só será materializado quando são consumidos (vendidos). Caso contrário, o jogador poderá ter o seu valor fixado, mas se não for negociado o valor estipulado nada vale.

Diferentemente de outras pessoas, os jogadores de futebol vendem não apenas sua força de trabalho, senão que eles próprios são comprados e vendidos, como coisas. Eles podem ser mercadorias muito apreciáveis, sendo que o preço varia, nestes casos, não apenas pela relação entre oferta e a demanda convencionais, mas por uma lógica especulativa, como no mercado de ações futuras. Robinho, Kaká e Ronaldinho são, pois, *commodities* futebolísticas, produzidas no Brasil e cotadas segundo as leis específicas desse mercado, que concentra na Europa os principais pregões de negócios (DAMO, 2006, p. 58).

A rigidez desse controle da FIFA que monopoliza o futebol profissional acaba por restringir os mercados para os jogadores. Leoncini (2001) afirma que por volta

¹⁷ “Mercado é o grupo de compradores reais e potenciais de um “produto”. O tamanho do mercado depende do número de pessoas que apresentam necessidades, têm recursos para fazer trocas e estão dispostas a oferecer esses recursos em troca do que desejam” (LEONCINI, 2001, p. 40).

de 1.900 a FIFA criou um sistema internacional de transferências de jogadores como sendo uma das maneiras de controlar os salários.¹⁸

Desse modo, esclarece Giglio (2013), os jogadores de futebol estão limitados a apenas um mercado, qual seja, o que a FIFA estabelece e controla a partir das redes das confederações associadas ao seu sistema¹⁹. Conforme apresenta Favero (2010, p. 22), os associados da FIFA devem cumprir uma série de deveres, entre os quais destaca: “obedecer à entidade, ‘seguir a cartilha’, não ir contra as decisões estatutárias (mesmo que as decisões firam leis nacionais) e promover o futebol em sua área de atuação, de acordo com as determinações e interesses da FIFA”. Um jogador que, por algum motivo, não queira mais fazer parte desse sistema não poderá migrar para outro mercado futebolístico profissional, pelo simples fato de que existe somente um único mercado futebolístico internacional. A FIFA consegue manter esse monopólio do futebol profissional pelo fato de controlar todas as instâncias que compõe esse esporte. Cabe a essa entidade organizar os torneios, comercializar os direitos de transmissão e cotas de patrocínio.

Importante salientar que existe uma dualidade nas permissões da FIFA para as transferências dos jogadores. Quando o critério é clubístico há uma regra que permite a transferência dos jogadores sem grandes restrições. Com isso, muitos atletas permanecem nos clubes por pouco tempo, estabelecendo o que Rial (2008, p. 58) chama de ‘rodar’, em que os vínculos são transitórios: “é apenas uma passagem, algo que se faz como um trabalho, com sacrifício, para receber a recompensa de prestígio profissional e financeira” (GIGLIO, 2013).

Ao mesmo tempo em que a FIFA permite que o jogador possa se transferir de clube ela impede que ao ter defendido uma seleção, ele possa representar outra. O critério central dessa decisão é o vínculo identitário que acionado pela via nacionalista traz embutido, como elemento central, a ideia de amor à pátria. O atleta

¹⁸ “Este sistema, surgido inicialmente na Inglaterra, era baseado na noção de registro de um jogador: apenas um jogador registrado pela FA Inglesa (Federação de Futebol Inglesa) poderia jogar futebol profissional. Contudo, este registro pode estar apenas em poder dos clubes. Se o jogador quiser mudar de clube, só poderá fazê-lo caso o clube que detém seu registro permita. Esta é a definição do que costumamos chamar aqui no Brasil de ‘passe’” (LEONCINI, 2001, p. 49-50).

¹⁹ Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), Confederação Africana de Futebol (CAF), Confederação Asiática de Futebol (AFC), União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) e Confederação de Futebol da Oceania (OFC).

que prefere permanecer em um clube por muitos anos²⁰, estabelecendo uma relação de identificação com a torcida, cria uma relação afetiva com o clube e os torcedores ao subverter a lógica da mercadorização.

Cada mudança de clube, de país, de time, significa desnudar o atleta, entendido enquanto mercadoria - de sua estória, de seus afetos e de seus amores. Através da sua circulação e manipulação como mercadoria, estas dimensões perdem o seu caráter simbólico e, desta forma eles se transformam, mais uma vez, em simples mercadoria de outro clube, de outro dono. As escolhas são feitas em função da quantidade de dinheiro que está em jogo; por isso, pode-se dizer que conforme as representações contidas nesses textos, gente é mercadoria e não objeto/coisa que possui marcas, que guarda estórias etc. (PILOTTO, 2000, sem página).

O ponto central dessa dualidade gerada pelo mercado do futebol acontece pelo fato de os jogadores, a mercadoria em questão, possuírem pátria enquanto as mercadorias não as têm (GUEDES, 2004). Ter uma pátria significa pertencer a algum lugar, possuir uma história, ter vínculos com algum grupo que representa a sua origem. De acordo com Hobsbawm (1990, p.112-113), esse processo de construção da nação e do nacionalismo não foi simples. Afirmo o autor

Os Estados e regimes tinham todas as razões para reforçar, se pudessem, o patriotismo estatal com os sentimentos e símbolos da comunidade imaginária, onde e como elas se originassem, e concentrá-los sobre si mesmos. Tal como aconteceu, o tempo em que a democratização da política tornou essencial 'educar nossos mestres', 'fazer italianos', transformar 'camponeses em franceses' e fazer com que todos se ligassem a uma bandeira e a uma nação [...]. Do mesmo modo, nada estimula melhor o nacionalismo, em ambos os lados, que um conflito internacional.

Os vínculos apontados pelo autor para entender a constituição da nação e da nacionalidade são essenciais para entender o futebol e as relações identitárias, que são estabelecidas entre os torcedores do clube e/ou da seleção. No entanto a mercadoria, sob esse ponto de vista, não possui essas raízes sendo, portanto, livre para circular. Porém, foi somente após o caso Bosman²¹ que a estrutura do futebol

²⁰ Os dois casos exemplares dessa situação são os goleiros Marcos (Palmeiras) e Rogério Ceni (São Paulo). O primeiro defende o Palmeiras desde 1992 e o segundo o São Paulo desde 1990. No dia 7 de setembro de 2011, Rogério Ceni completou 1000 jogos pelo São Paulo.

²¹ O caso Bosman refere-se a ação que o jogador belga Jean-Marc Bosman promoveu contra o seu clube, o Liège, por não conseguir se transferir para outro clube. Após anos de trâmites o atleta recebeu o veredito favorável e, dessa forma, garantiu a livre circulação dos jogadores. Além disso, foi anulada a regra que limitava a três atletas estrangeiros de atuar por uma equipe. Para saber mais sobre o caso, consultar Leoncini (2001), Giulianotti (2002), e Favero (2009). A sentença do caso Bosman pode ser consultada no seguinte endereço: <http://eur->

foi alterada com a eliminação do limite de três jogadores estrangeiros por equipe e permitiu essa livre circulação (GIGLIO, 2013).

1.1 Futebol Nacional

Como o Brasil se tornou o “país do futebol”?

Na História do Esporte nacional, muitos são os autores e as teorias que fomentam a ideia de que o Brasil é o país do futebol. Franco Júnior (2013, p.54) esclarece

“... depois de certa hesitação na década de 20 quanto à nocividade (por exemplo, Lima Barreto e Graciliano Ramos) ou ao benefício (por exemplo, Coelho Neto) social da modalidade, a popularização dele a partir dos anos 30 levou muitos intelectuais a vê-lo como expressão de nacionalidade (Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Mario Filho)”.

As virtudes da modalidade seriam quase que automaticamente as virtudes do povo, o estilo de jogar brasileiro baseado no talento individual, decorria da noção de sociedade mestiça, onde “cada um precisa contar com a sua própria astúcia para sobreviver diante da frágil organização coletiva” (FRANCO JÚNIOR, 2013, p.55). Sendo o Brasil um país onde a mestiçagem étnica e cultural é única, a forma de se jogar futebol também se traduziu como justificativa para a ideia do país do futebol.

Somado à prática pouco institucionalizada dos intelectuais e, de outro lado, à necessidade acrítica daquela visão de Brasil, as formas de um povo mestiço vencedor no futebol criaram uma identidade para a nacionalidade, ganhando força como elemento de identidade nacional, “o campo onde o brasileiro tem qualidades reconhecidas por si próprio e pelos outros.” (FRANCO JÚNIOR, 2013, p.55).

“Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.61).

Com o tempo, a fragilidade da fórmula vem ocorrendo, pois “pressupõe que a seleção sempre vença, ou quase, e com estilo”. O fato é que a análise nos leva a perceber que o Brasil carece de “um olhar mais realista, equilibrado...” começando a entender que o “país é formado por bons futebolistas” (FRANCO JÚNIOR, 2013, p.55).

Relatos sobre a prática

A primeira apresentação foi realizada em 1870, no Rio de Janeiro, com uma partida mítica entre marinheiros ingleses, em frente ao atual Palácio Guanabara, então residência da Princesa Isabel (FRANCO JÚNIOR, 2007).

A versão mais aceita sobre a origem da modalidade no país é que o futebol foi apresentado por Charles William Miller, estudante inglês, filho de um cônsul britânico residente em São Paulo, em 1894 (COSTA, 2001; MILLS, 2005). No decorrer do século XIX e início do XX, filhos de empresários e latifundiários brasileiros estudavam na Europa, principalmente, Inglaterra, que até a guerra era a grande potência mundial. Esses jovens passaram a importar equipamentos, técnicas e regras afirmando sentimentos de civilidade e progresso.

Nessa década, há relatos de partidas em São Paulo (1895), com o São Paulo Athletic Club; o alemão Hans Nobiling, fundador do Sport Club Germania, atual Esporte Clube Pinheiros de São Paulo, reforçou a implantação do futebol no Rio Grande do Sul em 1897, ajudando a fundar o Sport Club Internacional de Porto Alegre (PEREIRA, 2008).

Outra versão sobre as origens da modalidade aponta que em 1896, Oscar Alfredo Cox, filho de ingleses, ao retornar ao Brasil após estudar na Suíça, funda com um grupo de amigos no Rio de Janeiro o “Rio Team”, e em 1901 organiza os primeiros jogos entre paulistas e cariocas. O Rio de Janeiro também registra os primeiros jogos em 1901, entre os times do “Paysandu” e o “Athletic Association” de Niterói, com o primeiro campeonato carioca acontecendo em 1906 (COSTA, 2001; PEREIRA 2008). Do ponto de vista institucional, foi com a fundação da “Liga Paulista de Futebol” - 1902 e com a criação da “Liga Carioca de Futebol”- 1914, que foram organizadas as primeiras competições. Porém, até o início da década de 30, a organização da modalidade no Brasil possuía um “ethos amador” (ELIAS e DUNNING, 1992), ou seja, era mais uma forma de divertimento e prazer do que um fim em si mesmo.

Na década de 1930, com a realização das primeiras Copas do Mundo observou-se uma maior organização profissional tornando a prática competitiva mais importante que a prática lúdica.

Seguindo a periodização proposta por Levine (1982), Pereira (2008), Franco Júnior (2007) e pelas entrevistas analisadas nesta pesquisa, proponho uma caracterização da história do futebol brasileiro por cinco fases no contexto histórico-cultural em que se desenvolveu.

- Primeira (1894 - 1904): chegada do futebol ao país e criação de clubes urbanos por imigrantes europeus;
- Segunda (1905 - 1933): período amador, com a elitização da platéia e da composição dos times;
- Terceira (1933 - 1950): início do profissionalismo;
- Quarta (1950 - 1970): reconhecimento internacional e da comercialização do futebol.
- Quinta (1970 - 2007/14): futebol total

Proponho neste estudo, alterar o período de abrangência da quinta fase, passando a considerá-la de 1970 a 2001, ano em que foi promulgada a Lei Agnelo/Piva (no. 10.264/01), instituindo normas gerais sobre o desporto e modificando, por exemplo, a distribuição de recursos financeiros ao COB e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).²²

Além disso, sugiro uma sexta fase a partir da mudança na lógica do mercado nacional do futebol promovida pela Lei Agnelo/Piva em 2001, e pela Lei de Incentivo ao Esporte (no. 11.438/06)²³.

Primeira fase (1894-1904): a bola e a elite

Como citado anteriormente, Charles Willian Miller é considerado o precursor da modalidade no Brasil. Helal (1997, p.38) descreve: “[...] de início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como focos de

²² Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei no. 10.264, de 16 de julho de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10264.htm>. Acesso em: 22 fev. 2013.

²³ Brasil. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para assuntos jurídicos. Lei no. 11.438, de 29 de dezembro de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11438.htm>. Acesso em : 22 fev. 2013.

irradiação o meio industrial e aristocrático, ligados aos hábitos de lazer da colônia europeia”.

Entre os anos de 1899 e 1902 foram fundados em São Paulo a Associação Atlética Mackenzie College, Sport Club Germania, Club Athletico Paulistano, Sport Club Savoia e Associação Atlética das Palmeiras.

Em 1902, o esporte passa a ser assistido e praticado por mais pessoas. Assim, surgem os clubes formados por pequenos comerciantes, operários e artesãos (HELAL, 1997; FRANCO JUNIOR, 2007). Colaborando com essa ampliação, surgiram os primeiros clubes somente com a prática do futebol; exemplos, Ponte Preta (1900) e Botafogo (1904).

Foi entre 1901 e 1905 que as primeiras ligas foram criadas, com o intuito de reger a prática da modalidade, utilizando-se do amadorismo. Como exemplo a Liga Paulista de Football (LPF); quando da aprovação do estatuto, a instituição seria mantida pela renda dos jogos, devendo 50% do que fosse arrecado ser destinado para os cinco clubes que integravam a instituição e os outros 50%, para manutenção da mesma (FRANCO JÚNIOR, 2007; MILLS, 2005).

Segunda fase (1905 - 1933): a massificação

Nessa fase, o apelo popular levou a prática da modalidade para as fábricas. Em 1904, foi fundado o Bangu Athletic Club por ingleses que trabalhavam para a companhia Progresso Industrial Ltda; no início, somente ingleses e trabalhadores de outras nacionalidades jogavam, mas depois os funcionários foram integrados para compor os times (FRANCO JÚNIOR, 2007; LEVINE, 1982).

Surge o primeiro noticiário e o primeiro repórter esportivo – Mário Cardim, no jornal O Estado de São Paulo. Também foi publicado o primeiro livro sobre o futebol: Guia do Football; apresentava distinção entre pobres e ricos, brancos e negros (RIBEIRO, 2007). As diferenças econômicas e raciais fizeram parte dessa fase, onde a composição da platéia e a divulgação da imprensa foram constantes. (LOPES, 1994; LEVINE, 1982).

Em São Paulo, inúmeros campos de várzea surgem para a prática da modalidade fomentando a popularização. No processo de desenvolvimento, em 1916, foi criada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que além do futebol, também gerenciava remo, natação e atletismo (RIBEIRO, 2007).

Em 1917, há registro da cobrança de ingresso a fim de cobrir custos materiais e, posteriormente, para o pagamento de salários aos jogadores. Em 1919, embora a modalidade já fosse praticada por brancos e negros, o presidente da época, Epitácio Pessoa, proibiu a convocação de jogadores negros para a Seleção de Futebol (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Em 1920, o futebol já era utilizado como veículo de comunicação das empresas, divulgando imagem e prestígio e, ainda, como mecanismo de diversão e disciplina para os trabalhadores (ANTUNES, 1994; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Nessa época, o futebol passou a ser praticado “clandestinamente” por negros que ainda eram proibidos de participarem da Seleção Brasileira. Este fato foi usado até como instrumento político na campanha de Nilo Peçanha para a presidência da república. O dono do mais famoso jornal de esporte da época tornou-se presidente da CBD e a elite literata passou a escrever e discutir a modalidade. Foram registradas as primeiras transmissões de rádio, cinema e noticiário esportivo (FRANCO JÚNIOR, 2007; RIBEIRO, 2007).

Entre 1920 e 1930, o futebol passou definitivamente de passatempo a identidade nacional. Aos poucos, brasileiros elegeram a modalidade como terreno para a resolução de aspirações coletivas, fortalecendo o ideário da nação e a consolidação do esporte (FRANCO JUNIOR, 2007; RIBEIRO, 2007).

Terceira fase (1933 – 1950): profissionalização

Patrocinados pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1936) que ao aprovar CLT (Consolidação das Leis do Trabalho de 1º. de maio de 1943) regulamentou a profissão por meio da legislação social e trabalhista, a democratização se inicia com a contratação de jogadores sem restrição social ou étnica.

A modernização tornou-se discurso obrigatório, embutindo a ideia de industrialização do país e de consolidação da unidade nacional. No futebol, também ocorreram conflitos entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo, já ocorrendo nesse período o início da transição da CBD para a CBF (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Nesse período, os meios de comunicação passam a disputar a transmissão dos jogos, brigam pela atenção do público e começa a surgir a ideia de exclusividade nas transmissões. Foi em 1938 a primeira transmissão de uma Copa do Mundo pelo rádio; a imprensa constrói o primeiro fenômeno esportivo - Leônidas

da Silva, o “diamante negro” - e surgiu a primeira revista especializada, Sport Ilustrada. Começaram a ser cobradas cotas nas rendas dos jogos para subsidiar a imprensa (FRANCO JUNIOR, 2007; RIBEIRO, 2007).

Nessa fase foi publicada no Brasil a obra *O negro no futebol brasileiro*, escrita pelo jornalista Mario Rodrigues Filho, que teve duas edições do livro, a primeira edição foi publicada pela Editora Irmãos Pongetti no ano de 1947 e a segunda em 1964 pela Editora Civilização Brasileira. Observa-se que o autor utilizou fontes orais como meio de preencher as lacunas que os documentos oficiais apresentavam, dando voz a um grupo, cuja história não passava por outros documentos (MELO, 2013, p.164)

Com o advento da Segunda Guerra, os campeonatos mundiais foram interrompidos, porém os campeonatos nacionais e regionais continuaram a ser disputados. Conforme Witter (1996) foi neste período que surgiu a prática da compra do passe do jogador.

Quarta fase (1950 – 1970): milhões em ação

Os meios de comunicação em massa surgem e a propagação definitiva do futebol na vida dos brasileiros é um fato. Com a final da Copa do Mundo de 1950 acontecendo no Maracanã, a derrota foi um evento visto por muitos como a inevitável deficiência proveniente da mestiçagem que há no país. Foi em maio de 1958, que o jornalista Nelson Rodrigues publicou a crônica esportiva “complexo de vira-latas” expondo a dor de 50 (FRANCO JUNIOR, 2007).

Em 1964, golpe militar, com eleições presidenciais adiadas e o Santos de Pelé impondo sua hegemonia (1964-1974).

A modernização da modalidade ocorre na década de 70, com a construção dos centros de treinamento e profissionalização do futebol, sendo a profissão de jogador reconhecida e atrelada a fonte de renda vantajosa para todos os agentes envolvidos com a modalidade (jogadores, treinadores, dirigentes, políticos).

A atividade tornou-se veículo de marketing e representação ideológica consubstanciando um mercado de interesse para outros profissionais que anteriormente não reconheciam o contexto esportivo como uma opção interessante (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Quinta fase (1970 – 2001): a vez do alto rendimento

Pereira (2008) ao propor esta fase aponta a era pós-midiática como o marcador da efetiva globalização dos processos de formação dos atletas pautada nos grandes eventos esportivos, nas leis sobre o futebol, por comissões parlamentares de inquérito sobre a modalidade e contratos comerciais que regem os direitos de imagem.

Esta fase constitui a matriz espetacularizada de Damo (2007) onde a organização da modalidade se dá de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA. A divisão social do trabalho é vista dentro e fora do campo e a excelência performática é exigida dos praticantes diariamente. Casos onde a eficiência e a democracia foram relativas (1976-1986) com personagens marcantes como Afonsinho (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Esta fase também marca a desmilitarização da modalidade e a criação da CBF, em substituição à CBD e a maior esportificação do futebol profissional, lembrando aqui os movimentos de democratização na modalidade (por exemplo, a Democracia Corintiana).

A década de 1990 e o início do novo século foi um período de intensa mobilização na área jurídica que estabeleceram regras e leis para a formatação do que hoje chamamos de Sistema Nacional do Desporto.

Em 1993, a Lei Zico (no. 8.672/93) pôs fim à tutela do Estado ao esporte. As alterações pautavam-se na autonomia das entidades esportivas, fortalecendo a possibilidade de clubes esportivos se tornarem empresas e na livre iniciativa. A lógica do mercado continuou a predominar, só que agora regrado pela lei. A Lei Zico não avançou e nem propiciou a participação popular e a descentralização do processo de tomada de decisão, pois não concretizou meios para a sua efetivação.

A conhecida Lei Pelé (nº. 9.615/98) corroborou com o destaque para o futebol e suas prerrogativas deixando as discussões sobre a estrutura esportiva relegadas a um segundo plano.

Segundo a Coletânea do Caderno III Conferência Nacional do Esporte (2009, p.18)

“A Lei Pelé, que regula o presente Sistema Brasileiro do Desporto, foi sancionada com a finalidade de aperfeiçoar a Lei Zico. Apesar de tratar o esporte de forma geral, suas principais consequências foram mudanças no futebol, principalmente o fim do ‘passe livre’. No entanto, a liberação do passe ocorreu sem regulamentar ou assegurar os direitos dos jogadores. A estrutura permaneceu quase a mesma.”

Em 16 de julho de 2001, foi aprovada a Lei n.º 10.264, chamada de Lei Agnelo-Piva. A Lei modificou parte do artigo 56º da Lei Pelé, que trata dos recursos para o esporte. Especificamente aponta que dois por cento da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares são destinados aos Comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiros. Destes recursos, oitenta e cinco por cento são destinados ao COB e quinze por cento ao CPB. Contudo, deste total repassado para as duas entidades, estas deverão investir 10% no desporto escolar e 5% no desporto universitário.

O uso dos recursos ficou condicionado ao estabelecimento de convênios com a União e devem ser utilizados em projetos de: fomento, desenvolvimento e manutenção do desporto, formação de recursos humanos, preparação técnica, manutenção e locomoção de atletas e suas participações em eventos desportivos.^{24 25}

A Lei foi muito comemorada pela comunidade esportiva por ser fonte segura e constante, embora COB e CPB repassem com parcimônia os recursos às 27 confederações filiadas.

A estimativa de repasse em 2013 considerava que a lei destinaria às confederações aproximadamente R\$ 90 milhões, trinta vezes mais do que a quantia média anual que vinha sendo direcionada ao setor antes da Lei.^{26 27}

As considerações a serem feitas em relação a esta Lei estão relacionadas à perspectiva da prioridade do destino de recursos públicos voltados em sua maior parte ao esporte de alto rendimento em detrimento do educacional. Esta observação é possível ao acessar a demonstração de uso dos recursos da Lei Agnelo-Piva pelo COB, deixando evidente que os recursos ao desporto educacional são usados para a realização de eventos esportivos, despesas administrativas e subvenção da Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU). Outro ponto a ser

²⁴ BRASIL. (16 de julho de 2001). LEI Nº 10.264, DE 16 DE JULHO DE 2001 - Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto. Acesso em 3 de março de 2013, disponível em Senado Federal - SICON: <http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaBasica.action>>.

²⁵ COB. (2004). INSTRUÇÃO NORMATIVA 1/2004. Acesso em 03 de mar 2013, disponível em Comitê Olímpico Brasileiro - COB: http://www.cob.org.br/site/sobre_cob/downloads/INSTRUCAO_NORMATIVA_IN_01-2004-internet.pdf

²⁶ COB. Confederações receberam R\$ 90 milhões dos recursos da Lei Agnelo/Piva em 2013. Disponível em: <http://www.cob.org.br/noticias-cob/confederaes-recebero-r-90-milhes-dos-recursos-da-lei-agnelopiva-em-2013-034551>>. Acesso em: 03 mar 2013.

²⁷ ME. (2004). Uma Política Nacional de Esporte. Disponível em Ministério do Esporte: http://www.esporte.gov.br/boletim_email/boletim_politica_nacional.asp>. Acesso em: 03 mar 2013.

analisado é o repasse quase que imediato da verba para o COB e CPB, sem ter outro tipo de fiscalização a não ser o do Tribunal de Contas da União.

Vale a pena lembrar que outros recursos provindos de: contratos profissionais (1%), valores de cláusulas penais de transferências de atletas (1%), arrecadação de competições (1%) e penalidades disciplinares pecuniárias são recolhidos pela Federação das Associações de Atletas Profissionais – FAAP e destinados à assistência social e educacional aos atletas profissionais, ex-atletas e aos em formação (BUENO, 2008).

A Constituição Brasileira considera autônomas as entidades privadas como a CBF e os clubes de futebol. Desta forma, a modalidade futebol é a única que não se beneficia da Lei Agnelo/Piva²⁸, pois sendo seus dirigentes remunerados, o repasse de recurso público fica inviabilizado^{29, 30}.

Sexta fase (2001 – dias atuais): futebol patrimônio nacional

Seguindo o curso do processo de democratização, foi em 2003, que o Governo Federal criou o Ministério do Esporte e realizou as I, II e III Conferência Nacional do Esporte (2004, 2006 e 2009). Estes eventos foram preparatórios para a formulação da Política Nacional do Esporte (2005) e dos princípios, diretrizes e as bases para a construção do Sistema Nacional de Esporte e Lazer.

O futebol está presente no eixo Desenvolvimento do Esporte de Alto Rendimento. O Ministério do Esporte desenvolve neste eixo os programas: Brasil no Esporte de Alto Rendimento, **Futebol: Patrimônio do Brasil** e Promoção de Grandes Eventos Esportivos.

Pela demanda de ações relacionadas ao futebol e sua característica intrínseca de principal prática esportiva nacional, o Congresso Nacional aprovou um

²⁸ LAGUNA, M. COB aumenta repasse da Lei Agnelo/Piva, mas não modifica a distribuição da verba. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/maisesportes/2012-12-20/cob-aumenta-repasse-da-lei-agnelopiva-mas-nao-modifica-a-distribuicao-da-verba.html>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

²⁹ WINCKLER, A.; COIMBRA, B.; SILVA, D.C.; THURLER, F.; LUZ, N. AHE! entrevista: Marcos Vinícius explica a relação do COB com as confederações. Disponível em: <http://www.ahebrasil.com.br/noticias/2011/12/02/londres2012/ahe+entrevista+marcus+vinicius+explica+a+relacao+do+cob+com+as+confederacoes.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

³⁰ Alberto Murray Olímpico. Blog sobre o Movimento Olímpico. Informações sobre o projeto de lei que veda reeleições para entidades desportivas que recebem dinheiro público. Agosto, 29, 2012. Disponível em: <http://albertomurray.wordpress.com/2012/08/29/informacoes-sobre-o-projeto-de-lei-que-veda-reeleicoes-para-entidades-desportivas-que-recebem-dinheiro-publico/>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

projeto de lei criando na estrutura do Ministério do Esporte, a Secretaria Nacional do Futebol e da Defesa dos Direitos do Torcedor (2003), que tem como principais competências, planejar, desenvolver, acompanhar e monitorar as atividades do setor (COLETÂNEA CADERNO III, 2009, p 29).

Diversos temas são avaliados, dentre eles a alteração da Lei Pelé. Ainda em 2003, foi promulgada a Lei de Moralização dos Clubes (n.º 10.672). Na verdade, é mais uma das alterações da Lei Pelé e que determina que entidades de práticas esportivas sejam regidas pelo Código Civil, o que impõem à estrutura do esporte formal regras mais transparentes e a obrigatoriedade da publicação de balanços patrimoniais até o último dia útil do mês de abril, após as entidades terem suas contas auditadas por auditores independentes. A Lei ainda determina a responsabilização dos dirigentes em caso de má administração dos clubes.³¹

Em 2005, foi apresentado um Projeto de Lei (5.186/2005) propondo alterações que envolvem a proteção do atleta em formação, o incentivo ao clube formador e a definição de questões controversas na relação de trabalho entre o clube e o atleta. O objetivo central da alteração é regulamentar a relação trabalhista entre o atleta e o clube; este projeto ainda não havia sido aprovado em 2011 em decorrência do fim da legislatura do período.³²

Como a modalidade futebol não é beneficiada pela Lei Agnelo/Piva (2005) por motivos já citados anteriormente, com a Lei de Incentivo ao Esporte (no. 11.438/06)³³ vários clubes puderam receber verbas de patrocínios já que a modalidade é uma fonte rentável.³⁴ Porém, mesmo com esta possibilidade, em fevereiro de 2009, um grupo de oito entidades clubísticas, nem todas diretamente ligadas ao futebol, fundaram o Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos (CONFAO), órgão que integra a Confederação Brasileira de Clubes (CBC). O propósito do órgão é incentivar atividades ligadas à formação de atletas olímpicos e paraolímpicos e se aproximar das regras que o COB gerencia para

³¹ SESMA, E. A legislação no esporte brasileiro. Disponível em: <http://www.prmurray.com.br/pt/informativo/a-legislacao-no-esporte-brasileiro-1>>. Acesso em: 03 mar. 2013.

³² Brasil. Câmara dos Deputados. Portal. Disponível em: www.camara.gov.br/proposicoesweb/fichadetramitacao?idProposicao=284827>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

³³ Brasil. Presidência da República. Casa Cível. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11438.htm>. Acesso em 03 mar 2013.

³⁴ CRUZ, J. Corinthians terá R\$28,9 milhões da Lei de Incentivo ao Esporte. 04/02/2013. Disponível em: <http://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2013/02/corinthians-tera-r-289-milhoes-da-lei-de-incentivo-ao-esporte/>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

participar do grupo de confederações selecionadas para receberem anualmente a verba da Lei Agnelo/Piva.³⁵

No início do novo século, observa-se que a modalidade conquistou novos meios de comunicação: internet, blogs, chats, entre outros que abrigam não só os programas televisivos, mas também, os comentários dos próprios protagonistas do espetáculo esportivo, colocando o “jogador de futebol profissional” em maior evidência. Este fato produz as celebridades instantâneas, que não duram somente quando os flashes incidem sobre eles, mas muitas vezes, ampliando seu brilho e fazendo lugar na história da modalidade. Além disso, potencializando e contribuindo para a clareza das aventuras e desventuras da carreira atlética.

Neste sentido, um dos efeitos da conquista dos novos meios de comunicação produziu um espaço de compartilhamento de ideias e ideais políticos e de representação nacional. Um dos exemplos é o movimento Bom Senso Futebol Clube, fundado em 30 de setembro de 2013, nascido da iniciativa de diversos jogadores “preocupados com o atual estado do futebol brasileiro”³⁶.

Assim, a história do futebol no Brasil e no mundo é importante para compreender as transformações socioeconômicas que fizeram do esporte um fenômeno sociocultural e representativo da história da humanidade.

Os desencontros quanto à caracterização da carreira esportiva e suas relações serão discutidos no próximo capítulo.

2. O mundo do trabalho

“um ponto de vista é uma vista a partir de um ponto”
Leonardo Boff

2.1 O sentido do trabalho

O sentido do trabalho é um conceito complexo envolvendo um sistema dinâmico e multidimensional de valores individuais e sociais a respeito do que é o trabalho. A concepção sobre o trabalho sofreu transformações ao longo do último século, particularmente em função das mudanças tecnológicas observadas na era pós-industrial.

³⁵Regulamento. Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos (CONFAO). Disponível em: <http://www.cbc-clubes.com.br/site/arquivos/files/regconfao.pdf>>. Acesso em 03 mar 2013.

³⁶<http://www.bomsensofc.org/>. Acesso em 01/11/2014.

Biotecnologias, automação e redes computacionais globais representam alguns dos novos recursos que engendraram profundas transformações nos diversos setores produtivos. Com as novas tecnologias, o trabalho foi transferido em grande escala das mãos para as mentes (HOWARD, 1995), influenciando as peculiaridades da experiência humana, o que pode provocar mudanças em padrões do sentido do trabalho ao longo do tempo.

Se, por um lado, ao assumirmos a rigidez de um conjunto de valores, incompatibilizamos qualquer noção de mudança social, também não é possível assumir absoluta instabilidade deste conjunto, pois isso não seria compatível com a continuidade observada nas transações humanas. Assim, apesar de ser dinâmico em sua essência e construído socialmente ao longo de diferentes experiências associadas ao universo ocupacional, acredita-se que o sentido do trabalho para as pessoas tenha relativa estabilidade e esteja também associado aos seus valores em outras esferas da vida (NORD e BRIEF, 1990).

As implicações do sentido do trabalho para as organizações e sociedades são amplas, uma vez que ele parece determinar aquilo que as pessoas julgam ser legítimo no contexto ocupacional, o que estão ou não dispostas a tolerar, como os custos que as elites aceitam para direcionar as várias atividades do mundo do trabalho, até a facilidade com que indivíduos se dispõem a mudar hábitos para satisfazer os imperativos de novas tecnologias. Portanto, conhecer o sentido do trabalho para indivíduos e grupos, hoje, é um passo essencial para compreender o comportamento das pessoas no trabalho num mundo pós-moderno, no qual a dimensão profissional ainda tem papel fundamental para a formação da identidade e para o bem estar das pessoas.

Ao pensarmos nas dimensões do trabalho e o sentido para a vida humana analisamos o mesmo pelas dimensões existencial, socioeconômica e psicossocial, considerando a dualidade do ser e suas representações. Ribeiro (2009b) esclarece que esta dualidade passa pelo significado do trabalho como emancipação (gerador de vida) e pelo trabalho como repetição, robotização (gerador de vazio existencial e doenças).

Na sua dimensão existencial, o trabalho manteria a vida ativa compreendida como a existência no mundo e a construção das relações sociais, constituindo uma das três atividades do homem segundo Arendt (1987 apud Ribeiro, 2009b): o trabalho (manutenção da vida); a obra (produção de algo novo); e ação (vida

pública, política)³⁷. Estas três atividades fazem parte da *vita activa*: a vida humana. Arendt (1987) distingue labor, trabalho e ação pela maneira como essas atividades se realizam, “pelo espaço que ocupam na natureza ou no mundo, na esfera privada ou pública, pelo resultado obtido através da realização das mesmas e pela maneira como os homens se expressam a partir de cada uma delas” (WAGNER 2002, p.64).

Na sua dimensão socioeconômica, Ribeiro (2009b, p.4) aponta que, “segundo Marx (1980), o trabalho é um “processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza (p. 202)” indicando a relação entre o ser e a sociedade em uma relação recíproca e dialética. Na dimensão psicossocial do trabalho, Dejours (1999 apud Ribeiro, 2009b), acredita que o trabalho é o espaço de significação da experiência do contato de si mesmo com o real, emergindo limites humanos e, por outro lado, o conhecimento de uma vida ativa na relação com o mundo.

Na possibilidade de verificar o sentido do trabalho no segmento do futebol profissional no Brasil e seu papel na sociedade capitalista contemporânea é importante lembrar que o trabalho como atleta de futebol é apenas mais um dentre tantos outros.

O esporte faz parte da lógica capitalista ao ser compreendido como instituição (RUBIO, 2012). Produto de uma ruptura histórica, que surge na Inglaterra como uma prática de classes. Se, por um lado a burguesia concebia o esporte como ócio, como uma forma de passatempo, o proletariado prescindia-o como um meio de recuperação física. Assim, se pode explicar que o movimento sindical, desde seu início, reivindicasse o direito ao tempo livre junto com a redução da jornada laboral. O esporte é entendido como consequência do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, produto da diminuição da jornada de trabalho, da urbanização e da modernização dos transportes.

O atleta profissional é um tipo de trabalhador que vende sua força de trabalho; é valor de troca regulado pelas leis da oferta e da procura do mercado. O amadorismo deixa de existir desde que o atleta profissional se tornou componente da matriz espetacularizada (DAMO, 2007).

³⁷ Utilizamos a tradução dos termos labor (trabalho), work (obra) e action (ação) baseando-se na seguinte obra: ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

A passagem do futebol amador ao profissional/empresarial é resultado e reflexo da hegemonia do mercantilismo na gestão esportiva. Este processo não consiste em uma simples remodelação do sistema esportivo, mas na transformação do mesmo em empresas mercantis. Podemos verificar este fato no exemplo do mercado de compra e venda de jogadores de futebol; em matéria publicada recentemente, o estudo de uma consultoria esportiva privada demonstra a distribuição entre clubes, das cinquenta maiores transferências de jogadores brasileiros. Os clubes espanhóis, Real Madrid e Barcelona lideram a lista. Porém, o que chama a atenção é que o Porto, clube português que vigorava na 15ª. posição entre os clubes compradores, aparece na 1ª posição no ranking dos clubes vendedores; isso também ocorre com outros clubes, como o Parma, da Itália. O Brasil fica somente na 3ª posição como vendedor, representando a globalização e o livre comércio do 'mercado da bola'.³⁸

A metamorfose do sistema esportivo, enquanto gestão e regularização, ocorre em função da economia política do mercado, levando à instauração de uma nova cultura organizacional onde se destaca a comercialização dos jogadores, processo que os converte em produto e *commodities*. Esta transformação cultural afeta valores e atitudes, crenças e percepções, normas e regras, compromissos e comportamentos sociais e laborais, identidades e identificações organizacionais e a ética profissional; bem como a responsabilidade social corporativa e as instituições envolvidas no sistema.

Os valores e normas impostos pelo novo modelo de organização e gestão dos clubes esportivos entram em tensão com elementos centrais da cultura esportiva e das tradições profissionais. Entre os aspectos mais destacados a esse respeito vigoram as demandas contraditórias recebidas pelos atletas quando são comercializados entre clubes e por isso, recebem críticas da torcida, da imprensa e, às vezes, da própria diretoria que o comercializou³⁹. Veladamente, é exigido a fidelidade ao clube e o 'amor à camisa', valores cultivados no período do amadorismo.

³⁸ GONÇALVES, E. As 50 maiores transações com jogadores brasileiros. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/01/10/as-50-maiores-transacoes-com-jogadores-brasileiros/#>>. Acesso em: 19 Fev. 2013.

³⁹ DUARTE, M. Palmeiras confirma venda de Barcos para o Gremio. Disponível em : <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/02/08/palmeiras-confirma-venda-de-barcos-para-o-gremio-e-recebe-5-jogadores.htm>>. Acesso em 23 Fev. 2013.

Assim, o mundo do trabalho esportivo, gerido pelas leis capitalistas, obediência às demandas do mercado e da organização, aparece não só como um imperativo moral, mas também do sentido comum, da lógica do mercado e da legitimidade política. O modelo atual parece fértil para a instalação das relações verticalizadas de poder em um campo de forças sociais caracterizado pela alta capacidade de quem domina para induzir quem está dominado a locomover-se até a meta ordenada. Isto será possível?

2.2 Profissão: atleta profissional de futebol

As temáticas, “profissionalismo” e “profissão” e o processo de profissionalização são temas de discussão de algumas correntes de pensamento no campo da sociologia das profissões. Autores como Dubar (2005) e Freidson (1996) nos auxiliam neste entendimento.

Segundo Dubar (2005), antes das universidades no século XIII, o trabalho era algo consagrado e todos os trabalhadores, fossem eles das artes liberais (artistas, intelectuais) ou das artes mecânicas, (artesãos, trabalhadores manuais) eram provenientes de uma mesma organização corporativa. Com a distinção entre as artes, a profissão passou a ser associada ao intelectual.

No decorrer do século XX, teorias a respeito desta distinção foram constituídas destacando principalmente os saberes intelectuais como reguladores das relações entre clientes e profissionais. Destacamos a teoria funcionalista, na década de 30, representadas por sociólogos americanos e o modelo interacionista, ambos constituídos na relação entre cliente e profissional, enaltecendo os saberes intelectuais e suas relações de independência/dependência (ANGELIN, 2010).

Nas décadas de 1970 e 1980, modelos mistos surgiram, destacando-se aqueles que ressaltam o papel dos mecanismos econômicos, tendo como base a teoria marxista, e a questão do poder e das estratégias profissionais. Eliot Freidson é um dos representantes dessa fase e conceituou o sentido de profissão como um “trabalho especializado, pago e realizado em tempo integral, que possui uma base teórica e está calcada no conhecimento científico” (ANGELIN, 2010, p.9).

Em um dos seus artigos, Freidson (1996 apud ANGELIN, 2010) propõe a “teoria do profissionalismo”. Seria um método de organizar a divisão do trabalho, permitindo “que as ocupações negociem os limites jurisdicionais entre si e organize

e controle a própria divisão do trabalho”. A noção de profissão apresenta-se flexível e o que se pretende são as “práticas de trabalho”.

Ainda através da análise do profissionalismo, Freidson informa que o mercado de trabalho também é algo que está sob efetivo controle. Assim, em um mercado de trabalho controlado, só estão habilitados a desempenhar a ocupação os profissionais que possuem autorização (atestado que certifica a sua competência e qualificação), ou seja, a sua credencial, geralmente o diploma; esse processo é intitulado “Reserva de Mercado de Trabalho” (ANGELIN, 2010).

No futebol, o início da obra esportiva muitas vezes se dá de forma precoce. Com as dificuldades para alcançar êxito esportivo em um contexto social cada vez mais competitivo, a iniciação esportiva inclui programas de treinamento intensivos, que podem durar até dez anos e acumular cerca de cinco mil horas de atividades sem a certeza de concretizar o sonho da profissionalização (DAMO, 2007).

Na matriz espetacularizada, o recrutamento precoce é mais evidente nas modalidades coletivas que nas individuais e, diferentemente de outros períodos, em que a iniciação à prática esportiva era feita em espaços públicos, hoje há também uma institucionalização precoce, na medida em que as áreas livres são cada vez mais escassas.

No Brasil, ainda se pode encontrar os praticantes do futebol de rua; uma prática informal que admite a livre variação de regras, da configuração de equipes e dos recursos materiais. Estimula jogos criativos, o desenvolvimento de habilidades e descobertas de potenciais talentos. Costumam ser a base primária para o recrutamento das ‘escolinhas’ e dos modernos centros de formação de profissionais (DAMO, 2007).

O esporte de alto rendimento se converteu em algo tão qualificado que hoje é quase impossível se ‘produzir’ futebolistas profissionais fora dos centros especializados. Do ponto de vista técnico, seus praticantes mais destacados e dedicados estão mais próximos da classe trabalhadora, por isto, denominados ‘trabalhadores do esporte’ (FERRANDO, 1979).

O processo de formação do atleta da modalidade é classificado por DAMO (2007) em três tipos:

- endógeno: clube promove os jogadores vindos de suas categorias de base visando não apenas a economia de custos, mas, principalmente, fortalecer os vínculos de identidade.

- exógeno: organizado por empresas que produzem 'pés-de-obra' para vender seus direitos federativos (antigo passe), aos clubes com grandes torcidas ou a empresários mediadores.
- híbrido: concilia a formação afetiva das 'pratas da casa' com a produção para o mercado, conforme a conveniência de cada momento.

Absorver tantos profissionais em um mercado pouco flexível é um dos grandes desafios, pois o número de clubes com torcida grande não se expande e, são poucos os jogadores que fazendo parte da 1ª. divisão do futebol nacional, aceitam atuar em uma divisão inferior⁴⁰. O excesso de talentos gerados no país, intensifica a sua circulação, encontrando vazão no mercado internacional. O Brasil tem mantido seu potencial de venda nos últimos anos, mas tem se tornado atualmente, um potencial mercado comprador devido às oscilações cambiais, permitindo o retorno de atletas brasileiros que atuavam no exterior.

Frente a este cenário, os jovens selecionados para os centros formadores passam a ter como meta a emigração para outros países, principalmente, os do bloco Europeu, já conhecido mercado de destino dos trabalhadores de futebol. Soares et al. (2011) apresentam dados da "indústria" ou agência de formação profissional de jovens ressaltando que a ampliação do mercado de trabalho se dá na inclusão deste mercado externo.

O mercado para jogadores no Brasil está estimado entre 10 a 15 mil postos de trabalho. Parte desses postos são empregos sazonais e bastante precários. O Brasil tem cerca de 800 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA (DAMO, 2007 apud Soares et al., 2011). Apesar deste número, dos 800 clubes credenciados apenas 2,5%, isto é, 20 clubes, detêm 90% da preferência dos torcedores (DAMO, 2007). Isso indica que o potencial de exploração do produto que os clubes podem vender junto ao público consumidor (torcedores) é desigual e acarreta uma redução significativa dos postos de trabalho bem remunerados. Se calcularmos que um clube possui em média 26 jogadores na sua equipe principal, teríamos em torno de 520 postos de trabalho na parte mais valorizada do mercado, isto é, os 20 principais clubes no Brasil que disputam o campeonato nacional da primeira divisão (Soares et al., 2011).

⁴⁰DUARTE, M. Palmeiras confirma venda de Barcos para o Gremio. Disponível em : <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/02/08/palmeiras-confirma-venda-de-barcos-para-o-gremio-e-recebe-5-jogadores.htm>>. Acesso em 23 Fev. 2013.

Apesar dos ganhos salariais não serem expressivos⁴¹, com a maioria dos jogadores ganhando até dois salários mínimos, esses dados não parecem desestimular a profissionalização do futebol. Soares et al.(2011) esclarece que a teoria social indica que a origem familiar da maioria dos atletas e a escolarização de seus pais, em termos de probabilidade, exerceriam uma forte pressão para eles permanecerem próximos aos estratos em que se encontram suas famílias na estratificação social, tornando assim, o futebol, um campo de desejo culturalmente construído, do que efetivamente real. E ainda aponta estudos que revelam que a carga horária destes jovens atletas na escola tem uma relação inferior direta com as horas gastas nos treinamentos (MELO, 2010 apud SOARES et al., 2011), além de apontar que jovens que migram, tem um aproveitamento escolar inferior aos jovens que moram com suas famílias.

Damo (2005) aponta que os centros de formação de atletas de futebol no Brasil, apesar dos limites legais, atuam sem nenhuma supervisão ou política pedagógica de estado. Esses centros são totalmente livres para definir as cargas de treinamento, escolher profissionais – com ou sem credenciais acadêmicas – que trabalham diretamente com os jovens e adequar a infraestrutura dos centros de treinamento. O discurso oficial dos clubes indica que os atletas são obrigados a estudar, mas a maioria dos clubes formadores não supervisiona ou acompanha a vida escolar dos mesmos (MELO, 2010).

Em relação a este tema, o Governo do Estado de São Paulo, aprovou a Lei 13.748, de 8 de outubro de 2009, que determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados. Porém, há necessidade de fiscalização constante para verificar o cumprimento da mesma⁴².

O processo de formação do atleta é, até certo ponto, favorecido pela FIFA, que estabelece regras internacionais para o comércio de direitos federativos nas trocas entre clubes, assegurando que os mesmos fiquem no início de suas carreiras

⁴¹ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3101200236.htm> . Acesso em 02/11/2014

⁴² São Paulo. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. LEI Nº 13.748, DE 8 DE OUTUBRO DE 2009. Determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei%20n.13.748,%20de%2008.10.2009.htm>>. Acesso em: 20 Fev. 2013.

no país de origem. Além disso, as legislações específicas e as deliberações das federações nacionais auxiliam neste aspecto (DAMO, 2007).

Em comparação com outros países, o Brasil apresenta, segundo o autor, uma estrutura ainda pouco profissional no quesito formação. Em visita à França, o pesquisador conheceu um centro de educação para o esporte, investimento em educação escolar. É uma exigência da legislação francesa, atenta, desde os anos 70, ao fato de que os investimentos futebolísticos não têm reconversão imediata e o mercado profissional comporta um número reduzido dentre aqueles investidos durante os longos anos de formação. O objetivo é aprimoramento técnico e formar jogadores capacitados para assumir outras profissões (reconversão) em caso de insucesso na carreira esportiva

O exemplo de políticas públicas integradas na França desde a década de 70 viabilizou resultados concretos na conquista da medalha de ouro nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), da Eurocopa (1984 e 2000) e da Copa do Mundo (1998).

Muitos brasileiros não consideram o futebol profissional como uma opção profissional ou como trabalho propriamente dito. Mas, apesar desta profissão não aparecer nos principais indicadores sociais e profissionais, vale a pena lembrar que desde 1976 a profissão **atleta de futebol** passou a ser regulamentada pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e, em 1982 a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (1ª. edição) já reconhecia, nomeava e codificava a ocupação **atleta profissional de futebol**⁴³.

O trabalho produtivo e a profissão se converteram em eixo existencial na época industrial. Desde o núcleo familiar, incluindo os contatos sociais cotidianos, ao se perguntar para uma pessoa ‘qual a sua profissão?’ é como se a resposta significasse a identificação, valorização ou não do sujeito classificando-o em uma posição na sociedade.

A identidade ocupacional e/ou profissional se construía tendo como referentes a categoria profissional ou ocupacional a qual a pessoa estava vinculada, gerando construções identitárias semelhantes e potenciadoras de constituição de grupos de pares (SAINSAULIEU, 1988).

⁴³Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Portal do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em 25 Fev. 2013.

Segundo Ribeiro e Uvaldo (2011), os padrões para construção da identidade e do projeto de vida no trabalho se tornaram mais instáveis, complexos e heterogêneos, pela emergência de uma multiplicidade de referentes e critérios para guiar a vida no mundo contemporâneo. Neste contexto, o processo identitário se dá pela constante construção de uma trajetória de possíveis escolhas temporárias e não definitivas, causando insegurança e instabilidade ao indivíduo.

Para Hall (2001, p.7), há uma crise das identidades, pois “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Este fato não é de todo negativo, podendo proporcionar outras possibilidades identitárias constituídas no interior de práticas de significação. Segundo Rubio (2012, p.51), “essas identidades são produzidas em locais históricos e institucionais únicos, emergindo das relações de poder, sendo produto da diferença e não de uma unidade idêntica, da prática da alteridade”.

O debate sobre identidade tem assumido uma condição de destaque nas discussões contemporâneas porque faz parte das mudanças sociais, políticas e econômicas, contribuindo para essa transformação.

Assim, o atleta de alto nível, mantém luta constante por sua posição; o que os difere, segundo Rubio (2012, p.58) de outras categorias profissionais, “é a interdependência entre seu rendimento, o qual eles têm de maximizar em curtos períodos, e a capacidade de seu corpo, considerando a brevidade de suas carreiras”.

3.Carreira

Apresentar a carreira atlética exige transitar nos campos da psicologia do esporte, social, da orientação profissional e do trabalho. A importância atribuída ao tema decorre da própria evolução histórica, de contextos organizacionais e da sociedade civil que estão passando por mudanças que conduzem à abertura de perspectivas de futuro e novos paradigmas.

Segundo Dutra (2007) a necessidade de constante aprimoramento, transformação do ambiente, do contexto e do espaço organizacional tem provocado

desafios aos principais líderes organizacionais a fim de buscar melhores opções de capacitação para que os profissionais elaborem respostas mais objetivas e práticas.

Desafiadas, as organizações reavaliam seus modelos de gestão de pessoas, buscando abordagens que contemplem análise reflexiva de aspectos comportamentais, interpessoais e do próprio desenvolvimento de seus colaboradores.

Este processo ocorre devido ao enfraquecimento do trabalho em suas principais funções que lhe davam sentido e valores - institucional e subjetivo: “na dimensão institucional, o enfraquecimento foi motivado pela necessidade de aumento de produtividade dos agentes econômicos e, na dimensão subjetiva foi motivado pelo enfraquecimento do papel do trabalho na construção da identidade e subjetividade” (BENSASSOLLI, 2007 apud DUTRA e VELOSO, 2013, p.88). A globalização provocou mudanças significativas nas estruturas institucionais e nos modelos de gestão, passando a exigir das pessoas maior autonomia e controle sobre suas vidas. Segundo Hall e Moss (1998), a responsabilidade da gestão passou das mãos das empresas para o próprio indivíduo e a carreira já não possui os limites estabelecidos como outrora se entendia, a carreira clássica vivenciada no início do século como ideia de ‘emprego vitalício’.

Se por um lado é possível o indivíduo vivenciar o benefício de exercer maior flexibilidade de tempo e espaço para explorar outros papéis sociais e, assim, expandir seu autoconhecimento, por outro, as pessoas ao se verem obrigadas a dirigir suas vidas de forma independente, sem o suporte da coletividade e das instituições sociais tradicionais, assumindo sozinhas o risco de suas escolhas, podem administrar tal situação de forma inadequada (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002 apud DUTRA e VELOSO, 2013) o que gera em relação a identidade, uma diminuição da capacidade de definição, a fragmentação do homem moderno tornando-o, segundo Kallinikos (2003 apud DUTRA E VELOSO, 2013) um ser modular, inseguro, com crise de identidade e grande frustração e insatisfação. (BENDASSOLLI, 2007; SENNET, 2000; SWANN, 2007 apud DUTRA e VELOSO, 2013).

Arthur, Hall e Lawrence (1989 apud DUTRA e VELOSO, 2013) frente às mudanças, redefiniram carreira como a sequência de experiências pessoais de trabalho ao longo do tempo, enfatizando os aspectos pessoais e a trajetória profissional focada no ritmo do indivíduo.

Para Dutra (1996 apud NAKATA, 2014), a carreira deve ser entendida como uma série de estágios e transições que irão variar conforme as forças - internas e externas - exercidas sobre o indivíduo, que seria resultado da relação estabelecida entre organização e profissional, funcionando como fator de conciliação dinâmica das expectativas entre ambas as partes.

Como o conceito de carreira é complexo, será apresentado um histórico das carreiras e a concepção de carreira atlética, apontando a necessidade de novos paradigmas que possam subsidiar a orientação da carreira para compreensão do comportamento vocacional e suas relações com o contexto esportivo.

3.1 Concepção de carreira

A compreender a definição de um conceito, é importante sabermos sua história e as reflexões feitas a partir da mesma. Tendo como base a Conferência Internacional apresentada por Duarte (2009) no II Congresso Latino-Americano de Orientação Profissional da ABOP⁴⁴ e IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional, alguns pontos serão esclarecidos.

No início do século XX, o mundo vivenciou mudanças, apresentando necessidades sociais que foram surgindo após a Revolução Industrial. Nessa época, a psicologia apresentava novos domínios, como a métrica de Alfred Binet (1857-1911) afirmando que a inteligência era aquilo que seus testes mediam; William Stern (1871-1939) e Hugo Munstterberg (1863-1916) aplicavam pela primeira vez o método dos testes aos problemas do trabalho, Frank Parsons (1854-1908) apresentava a teoria dos traços, tão valorizada na psicologia vocacional, entre outros pesquisadores.

O momento era da noção de emprego, de trabalho remunerado, de ascensão na profissão, e da associação de uma via ativa e socialmente aceita a quem trabalhasse um número elevado de horas, com dedicação e lealdade, mesmo tendo dificuldade de aprendizagem (DUARTE, 2009).

Com base no positivismo, os primeiros psicólogos acreditavam que a ciência e o “conhecimento científico poderiam ser somente de tipo quantitativo – o que teve como consequência imediata a edificação da psicologia baseada na observação de

⁴⁴ ABOP: Associação Brasileira de Orientação Profissional. Data: 01 a 03 de outubro de 2009 em Atibaia-SP, Brasil.

fenômenos que permitiam a explanação e a predição” (DUARTE, 2009, p.6). A autora aponta que

“O predomínio do quantitativo, a expansão da indústria e da técnica, e a procura de leis gerais e universais determinaram, assim, a construção dos primeiros modelos aplicados ao sector industrial e produtivo, nos quais a produtividade e a organização se sobrepunham às diferenças individuais, dentro dos espaços organizacionais.” (DUARTE, 2009, p.6)

Foi depois da Segunda Guerra Mundial, que as diferenças individuais foram ganhando significado conceitual e importância científica. A relação entre desempenho e sucesso trouxeram os modelos desenvolvimentistas para o estudo da psicologia vocacional. Duarte (2009, p.6) esclarece “que da ‘vocação’ passou-se para a ‘carreira’, considerando-se que esta acompanha o indivíduo ao longo do seu ciclo de vida”. A expressão ‘orientação vocacional’ foi sendo substituída por ‘aconselhamento de carreira’ e a força das abordagens desenvolvimentistas criaram as expressões “comportamento de carreira”, “implementação de autoconceitos” e “desenvolvimento ao longo do ciclo de vida”. Neste período autores como Super (1957, 1990) destacaram-se.

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, autores como Hall (1976; HALL e MOSS, 1998 apud DUTRA e VELOSO, 2013) que desenvolveram a ideia de *carreira proteana* (carreira gerenciada pela própria pessoa, que se baseia nos seus objetivos individuais e na qual é motivada para atingir sucesso psicológico ao invés de ter motivações financeiras, de cargo ou poder) ou Arthur (1994 apud DUTRA e VELOSO, 2013) que apresentou o conceito de *carreira sem fronteiras* (são aquelas que transcendem as organizações, que se vinculam aos indivíduos, não são definidas por uma sequência ordenada de etapas e não são planejadas seguindo os procedimentos e regras ditados pelos paradigmas das organizações) apresentavam modelos psicossociais e psicoeducacionais, tendo como base outras referências da psicologia como o desenvolvimento de competências e a aprendizagem estruturada.

Já no século XXI, a sociedade civil vive a cultura da globalização econômica, onde novos contratos entre patrões e empregados são feitos com perspectivas profissionais menos previsíveis e com transições mais frequentes e difíceis, fazendo do trabalhador um aprendiz permanente que precisa assumir flexibilidade ao invés de estabilidade, manter sua empregabilidade e criar suas próprias oportunidades. Assim, o que se observa é a necessidade de novas formas de pensar a Orientação

de Carreira para compreender o “comportamento vocacional” e as mudanças no mercado de trabalho.

E esta reflexão teve como base a teoria desenvolvimentista de Super (1957, 1983, 1990), posteriormente ampliada por ele e seus colaboradores (SUPER, OSBORNE, WALSH, BROWN E NILES, 1992) sob a designação de modelo desenvolvimentista de avaliação e aconselhamento da carreira (C-DAC). Duarte (2009, p. 7) esclarece que “o contributo destes modelos consistiu em considerar a **maturidade vocacional, no caso de jovens**, e a **adaptabilidade, no caso de adultos**, como o elemento determinante para a maior ou menor facilidade de o indivíduo tomar decisões de carreira”. Porém, a autora ressalta que este foi um modelo importante, mas que no século atual já não atende às necessidades da sociedade moderna.

“Trata-se agora, de compreender não somente o modo como o indivíduo pode desenvolver-se e progredir na sua carreira, mas também aquela que é uma questão fundamental [...] como é que os indivíduos constroem as suas vidas, quais são os fatores e processos da construção de si? A construção das vidas de trabalho não é independente da construção das outras vidas. Ou seja, é preciso compreender-se como é que o indivíduo constrói a sua vida através do seu trabalho” (DUARTE, 2009, p.8)

Assim, o século XXI apresenta uma sociedade coletivista composta por individualidades. Nobeit Elias (1897-1990) ao constatar que “somos uma sociedade de indivíduos”, aponta o distanciamento da ideia de noção de partilha, de construção, de co-construção. Devido a este fato, um grupo de pesquisadores e estudiosos da área, em 2006 em reunião realizada em Bruxelas, começam a discutir os modelos teóricos sobre carreiras e sobre ensino e aprendizagem para adultos vigentes trabalhando a ideia de que ‘construção de vida’ é diferente de ‘orientação de vida’.

O paradigma da construção de vida - *Life Design* – sugere o estudo da *construção da carreira* (SAVICKAS, 2005), ou seja, da *construção da vida*: “o que se propõem é que da psicologia vocacional enquanto estudo do comportamento nas escolhas de carreira, passou-se para o estudo da importância relativa que o trabalho tem na vida de cada um, considerando o conjunto de variáveis que afetam e interagem com o desenvolvimento: as dimensões psicológicas e os contextos socioeconômicos e culturais (Duarte, 2006 apud DUARTE 2009, p. 9).

As questões sociais, as de natureza econômica, as leis laborais, a política social, a cultura são elementos que moldam a carreira de cada um. Na perspectiva construcionista, a noção de carreira ou de percurso profissional “evidencia uma perspectiva de movimento que atribui significados a memórias do passado, a experiências do presente e a aspirações para o futuro, reunindo-as a fim de constituírem um tema de vida” (DUARTE, 2009, p. 10).

Assim, o paradigma da construção de vida se apresenta como uma perspectiva teórica apropriada ao método de pesquisa utilizado nesta tese. Assumindo que para o *Life Design* o significado contido nos temas biográficos “fornece aos indivíduos os pré-requisitos necessários que lhes permitem adaptarem-se às mudanças sociais que vivenciam nas vidas de trabalho”, o significado pessoal substitui o contexto conservador antes oferecido pelas organizações, que “detinham a tarefa da autointegração dos seus empregados através do cuidado, da proteção e da interpretação das suas experiências”. Atualmente, é a história de vida que permite esta “síntese de si” e estabelece as pontes pó meio das quais se passa de um emprego para outro, e até de uma profissão para outra. Ajudar o indivíduo a construir a sua vida e o seu percurso profissional, nesta sociedade do conhecimento, requer novos métodos de intervenção (SAVICKAS et al., 2009 apud DUARTE, 2009).

Em relação aos métodos de intervenção, Duarte (2009) sugere como objetivos a serem alcançados: a promoção e a facilitação da adaptabilidade, a narrabilidade e a atividade de cada indivíduo atendido. Identificar a narrativa e fazer sua revisão contextualiza o indivíduo e o conhecimento deste sobre os fatores motivacionais, a jornada realizada e a realizar que pode facilitar mudanças, enfrentar falhas e frustrações como necessárias e inevitáveis, avaliar competências na narrativa para que o processo de aquisição de aprendizagem tenha importância, vigor, e assim, surjam os temas de vida.

Nesta pesquisa a investigação metodológica é importante para suportar cientificamente uma proposta de programa de intervenção na gestão da carreira atlética.

3.2 Identidade Profissional

São muitas as fases da vida de um indivíduo em que as angústias surgem em processos de tomada de decisão. Uma delas é a escolha profissional que faz parte da juventude: “período intermediário entre as funções sociais da maturidade e as funções sociais da infância” (MEIRA, 2008, p. 39), tendo como mais importante característica o aspecto da transição. O comportamento nesta fase é fortemente influenciado pelos grupos sociais e pelas instituições, que, inclusive determinam a sua duração, situando-a em diversas ocasiões, entre ritos de passagem.

Rumblesperger (2011, p.95) em estudo sobre a imagem da juventude a partir de revistas brasileiras especializadas em publicações sobre o mercado de trabalho aponta que, na década de 70, os jovens eram descritos como trabalhadores, que trariam renovação por meio da aplicação de seus conhecimentos teóricos. Na década de 80, surge a figura de um jovem *alegre*, que usa de sua *intuição* e *ousadia* para transformar a realidade. Até meados da década de 90 este jovem mostra-se como uma alternativa econômica para ajudar a solucionar os problemas financeiros das empresas, ameaçadas em meio a uma forte crise. A autora indica que

“o fim deste período é o único no qual podemos perceber um posicionamento mais negativo com relação à atuação dos mesmos no ambiente corporativo, principalmente, em face da substituição massiva da mão-de-obra mais experiente por profissionais mais novos e menos dispendiosos”.

A atitude crítica, entretanto, durou pouco, com o surgimento gradual de uma nova ‘mania jovem’ ao final dos anos 2000. Menções referentes ao narcisismo e arrogância não ofuscaram a chamada Geração Y. Chamados de *high-talent* em diversas oportunidades, os jovens são descritos, de maneira empolgada, como detentores de inúmeras habilidades técnicas e pessoais. Segundo a autora, uma postura mais reflexiva e cautelosa com relação à juventude tem liderado as publicações nesta última década sugerindo que a crise de 2008 poderia ser responsável por este novo discurso fazendo parte de um ciclo natural que pode reservar uma nova onda de otimismo a favor dos jovens no futuro.

Outro ponto importante deste estudo é o fato relacionado ao perfil dos indivíduos retratados pela mídia impressa. O jovem representado apresenta características peculiares: ele é homem, branco, heterossexual e rico. A autora considera que

“Embora temas como diversidade tenham sido abordados em algumas ocasiões na revista, as reportagens analisadas costumam

posicionar estes chamados ‘personagens’ como meros coadjuvantes do mundo corporativo, ou em casos especiais, como vitoriosos outliers deste círculo fechado. O mesmo ocorre com os jovens provenientes das camadas mais pobres da população. O discurso de desenvolvimento de carreira e oportunidades de trabalho, claramente, não está dirigido a estas pessoas. Estas são apenas citadas como ferramentas para a redução de custos nas empresas. Os mais abastados, por sua vez, gozam da possibilidade de criar, ousar e ser ‘autêntico’.” (RUMBLESPEGER, 2011, p.96)

As variáveis gênero e classe são, portanto, aspectos determinantes na construção social da juventude nos veículos investigados no estudo, relacionando-as ao que se entende por um possível “modelo ideal” de jovem. Interessante também é observar que não aparece em nenhum momento o contexto esportivo como um ambiente possível de organização a ser investido de força de trabalho. As mídias impressas focam as grandes organizações voltadas principalmente para as áreas de bens de consumo e serviços, não incluindo entretenimento como opção a ser avaliada.

Iniciando a vida profissional na juventude conhecendo o mundo do trabalho, a carreira, que foi tradicionalmente associada às empresas e instituições, atualmente é um constructo teórico-prático que alcança além dos limites institucionais, o mundo do trabalho como um todo (RIBEIRO, 2009b). As circunstâncias nas quais uma carreira é desenvolvida se deve ao fato do indivíduo compreender e investir nas diversas dimensões da vida; a profissional é uma delas e a carreira é construída na sua relação com o cotidiano.

Portanto, assumir a trajetória da carreira avaliando habilidades e competências desenvolvidas e a desenvolver faz do indivíduo o próprio gestor do seu processo de autodesenvolvimento, deixando a realidade dura e não passível de ser significada (DEJOURS, 2001). A ideologia da esperança e uma postura ativa são fortalecidas nas ‘ilhas’ de sossego casual necessárias para momentos futuros de planejamento e reconversão.

Planejar, construir projetos, emerge no projeto de vida de cada um. Aproximando-se da definição de projeto de vida na visão existencialista, segundo Carreteiro (2001, p.89)

“[...] o homem é sempre um vir-a-ser em constante transcendência que é reafirmada por seu projeto, entendido como direcionamento do ser para o futuro: o homem é apenas o que ele projeta ser pelas seguidas escolhas que faz.
Um projeto é o momento de integração no qual passado e futuro se fundem pela afirmação do homem pela ação. A questão da escolha seria a resposta

própria que cada um dá, pela ação, às interpelações da existência. Um projeto é sempre um projeto de vida.”

E sendo um projeto de vida uma das questões desafiadoras da sociedade contemporânea, o desenvolvimento de uma identidade profissional concomitante ao processo de construção da carreira se faz presente. O desenvolvimento dessa identidade corresponde a um complexo conjunto de escolhas individuais e de determinações públicas presentes na cultura de uma sociedade.

Um indivíduo que assume uma ocupação desenvolve atitudes profissionais que têm diferentes dimensões técnicas, políticas, emocionais e estéticas. A **dimensão técnica** refere-se às atividades e aos objetivos da profissão. A **dimensão política** diz respeito à posição que o indivíduo irá ocupar num determinado sistema social e às relações deste com a comunidade. A **dimensão emocional** trata das regras de sentimento que irão orientar o comportamento do indivíduo e da carga de trabalho emocional a que ele estará sujeito no exercício da profissão. A **dimensão estética** abrange a mobilização do capital físico e o desenvolvimento de uma aparência estabelecida como adequada para o desempenho da profissão. Essas quatro dimensões existem dentro de limites gerais colocados pela cultura da sociedade (BORGES e CASADO, 2013, p.139).

Segundo os autores, o desenvolvimento de uma identidade profissional corresponde ao processo de incorporação das (pré) definições citadas que dizem quem esse profissional deve ser: **identidade prescrita**. E, ao mesmo tempo, é um processo que se inicia, em geral, com a idealização e segue em busca por realização da profissão imaginada, sonhada e desejada; processo marcado pelo enfrentamento de desafios e limites à questão de quem o indivíduo está se tornando: **identidade real**. Esses dois processos indicam, respectivamente, a centralidade da objetividade e da subjetividade no desenvolvimento da identidade profissional (BORGES e CASADO, 2013, p.139).

A emergência de uma nova profissão, além de ser resultado de transformações sociais mais amplas, representa uma maneira específica de fazer, ser, sentir, agir, vestir, beber, comer e de definição de lugares para morar e se divertir. Essa maneira é criada, mantida e transformada pelos indivíduos em seu esforço para demarcar uma posição distinta na sociedade e para consolidar o seu pertencimento a um grupo profissional. Ela é, ao mesmo tempo, vivida e imaginada individual e coletivamente, pois é influenciada pelo contexto histórico, econômico,

cultural e político. Trata-se de um longo processo de autogerenciamento, gerenciamento das impressões dos outros sobre si mesmo e de adequação às sanções públicas que perpassam a vida cotidiana.

A vida profissional é vivida por atores mais ou menos conscientes de seus projetos de carreira, porém, eles estão sujeitos aos riscos advindos dos desencontros e julgamentos dos outros, independentemente das suas próprias escolhas: recusar ou aderir a uma identidade profissional prescrita.

Considerando o *Life Design*, o importante não é tanto a questão da realização da escolha profissional certa, mas auxiliar as pessoas com as competências necessárias para realizarem as escolhas ao longo de suas vidas, de modo a tornarem-se cidadãos saudáveis e autoconfiantes, capazes de lidar com a mudança constante em mercados de emprego rapidamente mutáveis e de manter o equilíbrio entre os papéis de vida e de trabalho (JARVIS, 2003). As carreiras são hoje em dia caracterizadas pela constante adaptação e pela responsabilidade pessoal e são os indivíduos os responsáveis pela gestão das suas carreiras, mais do que uma organização ser responsável pelo desenvolvimento das suas carreiras (GOTTFREDSON, 2002; SAVICKAS e BAKER, 2005), trata-se de um movimento conceitual que parte do desenvolvimento da carreira para a gestão da carreira, em que as fases de carreira foram substituídas por ciclos de aprendizagem e o contrato de emprego por um contrato de empregabilidade (SAVICKAS e BAKER, 2005).

Desenvolver uma carreira hoje em dia reporta-se, assim, mais ao modo de gerir as aptidões e oportunidades do indivíduo do que manter-se numa posição estabelecida (SAVICKAS, 2004). Neste contexto, **a carreira não pode ser vista como um comportamento, mas sim como uma ideia**, e a construção da carreira decorre de uma negociação entre os objetivos do indivíduo e as expectativas da sociedade (SAVICKAS, 2003). O indivíduo encontra-se condicionado a construir uma experiência através da articulação de três dimensões – a integração, a estratégia e a subjetivação – construção essa determinada pela natureza das experiências socialmente influenciadas com que se depara (GUICHARD e HUTEAU, 2007). O percurso de vida faz-se através do envolvimento em papéis sociais, mas independentemente da teia de papéis pessoais que constituem o padrão de vida, o papel-chave é o trabalho, através do qual os indivíduos se desenvolvem ao expressarem interesses profissionais, talentos vocacionais e valores de trabalho (SAVICKAS, 1997). O *Life Design* provoca o processo de revisão da trajetória deste

indivíduo no seu papel profissional na medida em que ao contar a sua história, ele a revê. Assim, o que se pretende é o abandono da abordagem desenvolvimentista e a aproximação com a abordagem construtivista, considerando que a identidade é

“um processo social de construção que emerge de um contínuo, que se molda e segue uma nova direção à medida que se vão edificando outras construções. Então, pergunte-se, como é possível pensar em orientar um indivíduo de acordo com um modelo pré-definido em prejuízo das suas características e capacidades pessoais? Como é possível pensar que o bem coletivo depende da necessidade de o indivíduo abdicar da sua personalidade, e da obrigação de ser encerrado, contra vontade e contra natureza, numa forma rígida que, sendo operacional, é, no entanto, condicionadora é limitadora da criatividade?” (DUARTE, 2011, p.148)

3.3 Carreira esportiva...carreira atlética

Na revisão bibliográfica feita para este trabalho, aparecem como sinônimos os termos carreira esportiva e carreira atlética. Considerando esta discussão, Nakata (2014) propõe que a carreira esportiva abrange os ex-atletas que estão de alguma forma desenvolvendo novas carreiras no contexto esportivo e que a mesma, contém os atletas que em atividade desenvolvem suas carreiras atléticas. A autora ainda sugere, que para aquelas modalidades onde o ciclo olímpico predomina como influência para tomada de decisão na carreira, possa ser considerado o termo “carreira olímpica”. Esclareço que neste trabalho considero os termos **carreira esportiva e carreira atlética** devido a natureza da modalidade futebol e a amostra selecionada.

A carreira atlética é composta por, no mínimo, três fases: iniciação, competição e aposentadoria sendo considerada até pouco tempo pelas ciências da gestão como *não-carreira* (MARTINI, 2012).

Apresentando-se mais curta e definida são muitas as etapas, fases ou ciclos vividos pelo atleta desde a sua iniciação. Transições são inevitáveis no desenvolvimento da carreira atlética e caracterizam-se como um processo complexo que abrange uma série de situações com exigências de ajustamento nas esferas da vida ocupacional, financeira, psicológica e social. A transição atlética pode ser definida como “evento ou não evento o qual resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios” (SCHLOSSBERG, 1981).

Na carreira atlética vivida no futebol, este trabalho adota a concepção desenvolvida por Damo (2007) onde a carreira esportiva se organiza na forma de

uma espiral, combinando-se a temporalidade cíclica e linear. O autor apresenta o seguinte esquema dos ciclos que compõe a carreira do atleta.

Ciclos de aprendizagem ou pré-formação	Ciclos de preparação ou formação	Ciclos de aprimoramento ou de atuação	Ciclos de desconversão	Ciclos de reconversão ou aposentadoria
Domínio das técnicas elementares, frequência das escolinhas, eventual reconhecimento do talento, seleção e recrutamento para a formação	Restrito aos vocacionados, aos que tem dom; refinamento das técnicas corporais e progressão em direção ao profissionalismo e exclusão	Atuação profissional sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso, embora ser profissional seja um valor em si, pois é associado e o ideal de masculinidade	Fim de carreira e reconversão profissional, podendo esta ser definida por limitações físicas (idade ou lesões graves) ou desemprego crônico	Período de recesso, seguidamente traumático pelo distanciamento do público.
Dos primeiros passos aos 14 anos	A partir dos 10 anos, intensificando-se dos 14 aos 20	Entre os 17 e 35 anos	Entre os 30 e 40 anos	A partir do fim da carreira ou quando este estiver próximo

Quadro: Ciclos da Espiral Longa. Adaptado de Damo (2007).

Como peculiaridade, a carreira atlética no futebol não pode ser exercida de forma autônoma. Ela exige a dependência de outros (modalidade coletiva) e é restrita devido ao monopólio exercido pela FIFA, que limita o mercado de trabalho para além dos clubes que participam do circuito por ela agenciado.

A carreira de atleta profissional de futebol é reconhecida por poucos como uma opção. Damo (2007) em seu estudo pergunta a meninos e meninas de 10 a 13 anos em escolas públicas e privadas de Porto Alegre: “Em sua opinião, quais são as profissões mais valorizadas em nossa sociedade”; alunos de escolas públicas, onde a população possui menor poder aquisitivo, a resposta dada por meninos, respectivamente foi ‘jogador de futebol’, ‘advogado’ e ‘médico’. Já, alunos das escolas privadas responderam ‘jogador de futebol’ em terceiro lugar.

O mais importante, aponta o autor, são as consequências destas percepções na vida dos atletas. Os egressos das classes populares veem na profissão a

possibilidade de ascender profissionalmente a partir de uma modalidade incorporada em forma de habitus, priorizando o capital futebolístico e abrindo mão da escola. Já os egressos de classes médias, não suspendem os investimentos nos capitais escolares, dando chance para outras possibilidades se caso a carreira não for de sucesso. No Brasil, cada centro de formação tem autonomia em relação à questão da escolaridade, sendo que o Estado de São Paulo, como já mencionado no capítulo anterior, desde outubro de 2009 sancionou a lei no. 13.748 que determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados⁴⁵.

Ademais, a questão da faixa salarial é um dos dados que refere que a carreira atlética não é tão bem remunerada quanto parece. Em dados de 2000, Proni (2000) demonstrou que mais de 50% dos jogadores com contrato de trabalho registrado na CBF recebiam até um salário mínimo mensal. Somente 5,2% recebiam acima de 10 salários mínimos mensais. Porém, é sabido que estes valores ainda não são representativamente alterados se inclusos outras formas de pagamento feitas aos atletas, como patrocínio etc.

Vieira (2001) ao estudar a renda salarial de 321 jogadores do Rio de Janeiro, observou que a diferença salarial apresentava relação direta com a raça e a baixa escolaridade. Por isso, o investimento nos dois primeiros ciclos da espiral pode fazer muita diferença nos resultados dos ciclos restantes.

Em relação ao aprimoramento dos atletas é possível que o início da prática e sua ascensão tenha sido no próprio clube passando pelas categorias dente de leite, infantil, mirim, juvenil e profissional, ou podem ter passado por outros clubes da cidade ou de outras localidades em que viveram. Uma grande parte ascende por indicação de 'olheiros', por indicação de professor ou por apresentar maior talento e habilidade em relação aos demais atletas. Nesta fase, a disciplina, o esforço e o talento são ingredientes para que o atleta possa passar ou não à categoria profissional (PEREIRA, 2008).

É nesta etapa, do juvenil para o profissional, que muitos atletas desistem. Os que persistem, avançam por serem indicados por professores, 'olheiros', por terem

⁴⁵ São Paulo. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. LEI Nº 13.748, DE 8 DE OUTUBRO DE 2009. Determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei%20n.13.748,%20de%2008.10.2009.htm> >. Acesso em: 20 Fev. 2013.

mudado de idade ou revelarem porte físico para a continuidade da prática. O rigor dos treinamentos, a relação atleta-técnico, mudança de endereço da família ou excesso de atividades extracurriculares podem ser motivadores da desistência. Nesta fase, muitos aspirantes à carreira atlética são comunicados da possível eliminação por causa da indisciplina, falta de habilidade técnica e/ou condicionamento físico inadequado (DAMO, 2007; PEREIRA, 2008; CAVICHIOILLI et al., 2011, SOARES et al., 2011, CAFRUNI, 2002).

Os atletas que passam a configurar na categoria profissional são exigidos em relação à disciplina, ao talento, ao esforço e a inteligência tática. É muito difícil verificar casos de atletas que desistam nesta fase da carreira, embora possam sofrer com afastamentos por treinadores que não incluem determinado atleta no esquema tático ou por falta de condições físicas ou medidas disciplinares. (DAMO, 2007; PEREIRA, 2008; CAVICHIOILLI et al., 2011, SOARES et al., 2011)

A transição de carreira ou reconversão refere-se ao momento em que o atleta se prepara para se retirar de treinamentos e competições, em um processo que pode ser planejado ou compulsório. Entretanto, esse processo ocorre em um momento de vida do sujeito cronologicamente precoce, em que ele vive ainda sua plenitude biológica, disparando uma emoção paradoxal visto que ao mesmo tempo em que se deseja o descanso é ainda muito cedo para se sentir afastado das atividades produtivas (MURPHY, 1995). Entende o autor que se retirar da carreira esportiva significa a necessidade de adaptar-se a uma nova condição de vida, em diferentes papéis e realizando ações que não necessariamente estarão relacionadas com a identidade do passado.

Além desses fatores, é fundamental entender o processo de construção da identidade do atleta para poder prestar a atenção necessária a esse momento de transformação e alteração. Isso porque, a identidade do atleta pode ser compreendida a partir do aspecto motivacional, ou seja, as razões que o levaram a se destacar da média e alcançar posição de destaque em sua modalidade dentro da esfera competitiva relaciona-se com sua capacidade de perseguir objetivos e persistir diante da adversidade. A transição de carreira, nesse sentido, pode representar uma experiência que abre novas oportunidades para o atleta, onde ele pode tentar novos caminhos e explorar novas oportunidades (MARTINI, 2003; BARROS, 2008; RUBIO, 2012; BRANDÃO et al., 2000; AGRESTA et al., 2008;

COSTA et al., 2010; STAMBULOVA e ALFERMANN, 2009; CROOK e ROBERTSON, 1991; DRAHOTA E EITZEN, 1998; SINCLAIR e ORLICK, 1993).

Um processo planejado de transição pressupõe uma preparação que começa por diminuir o ritmo de treinos e competições e pode ser desencadeado pelo decréscimo da motivação intrínseca ou por sinais de fadiga. Um processo compulsório se dá por algum impedimento físico, como lesões ou perda de potencial físico, ou institucional, como questões de ordem política que alteram o curso do plano de vida e impõem uma necessidade não desejada e não planejada (STAMBULOVA e ALFERMANN, 2009).

De acordo com Barros (2008), o encerramento da carreira esportiva começou a ser compreendido como um importante fenômeno nos últimos 20 anos. Isso porque a divisão social entre atletas de elite e a população em geral começou a ganhar novos contornos a partir do final da década de 80 com a expansão da profissionalização de atletas até então proibida pelas rígidas normas do COI.

Em um estudo realizado no Canadá, Sinclair e Orlick (1993) apontam que atletas que alcançam suas metas ao longo da carreira tendem a sentir mais satisfação com sua situação e vida presentes do que aqueles que tiveram frustrações e não conseguiram conquistar seus objetivos esportivos. Essa é mais uma indicação da continuidade da carreira do atleta e da necessidade de revisão dessa trajetória antes de se pensar em avaliação ou procedimentos de intervenção universais e generalizantes, principalmente por se tratar de pessoas habituadas a situações extremas.

Situações vividas por pessoas que praticam esporte desde a infância se somam para marcar as etapas de transição na carreira que vão das primeiras competições, que ocorrem ainda na escola, às primeiras viagens para competições intermunicipais, passando pelas primeiras convocações para seleções até os títulos nacionais e internacionais.

Esse processo se dá seguindo as etapas do desenvolvimento humano, ganhando contornos nítidos ao se observar que uma carreira esportiva tem um tempo limitado para ocorrer, que atinge sua fase áurea durante a segunda e terceira décadas da vida e que se encerra quando ainda é tempo para se realizar inúmeras outras atividades. Considerando a dedicação necessária para a construção de uma carreira vitoriosa, o momento de aposentadoria também pode representar o início de

uma nova fase onde realizações que permaneceram latentes ganham espaço para se manifestarem.

A realidade do atleta que se dedica a conquistar grandes marcas é árdua, o que o leva a se sentir muitas vezes no limite de sua capacidade. Martini (2003) aponta que atletas com elevados *recursos para lidar* com as situações de transição tenderão a experimentar menos estresse do que atletas com poucas habilidades para alterar sua *qualidade* de ajustamento está influenciada pela quantidade de recursos disponíveis para lidar com a nova situação.

Alguns estudos apontam (CROOK e ROBERTSON, 1991; DRAHOTA e EITZEN, 1998; SINCLAIR e ORLICK, 1993) que os atletas tendem a se ajustar melhor à vida depois da carreira atlética se eles se aposentarem voluntariamente, se forem preparados para a vida depois da carreira esportiva com planos para o futuro, se tiverem uma identidade que estiver exclusivamente definida pelo sucesso no esporte, mas também por relacionamentos sociais, experiências e sucessos fora do domínio esportivo ou se sentirem confortáveis com o apoio social e com os relacionamentos com os quais estão envolvidos. Para isso é desejável que tenham se preparado para esse momento e tenham cuidado da sua formação educacional (formal ou não) que lhes dê outra identidade profissional e que sejam capazes de se desligar de seus esportes depois do auge de suas carreiras, mesmo que venham a ocupar a função de técnicos ou dirigentes.

Brewer, Van Raalte e Petipas (2000), Murphy (1995) e Drahota e Eitzen (1998) apontam diferentes circunstâncias para se iniciar um processo de transição de carreira.

Seria possível começar com uma escolha, condição importante, para finalizar uma atividade que por tanto tempo conferiu sentido à identidade do atleta. Entre as várias razões que levam o atleta a optar por finalizar sua carreira estão o fato de já ter alcançado os objetivos a que se propôs, a determinação de novas prioridades para sua vida (situação intimamente relacionada com o nível de motivação desejado e necessário para se manter na vida competitiva) e a falta de prazer naquilo que vinha realizando, condição também relacionada com a motivação. Para os autores, os atletas que escolhem parar sua atividade esportiva competitiva podem se preparar para isso planejando suas ações futuras e executando-as dentro do ritmo próprio de sua dinâmica psíquica. Ou seja, agindo dessa forma há tempo para que diferentes mecanismos de enfrentamento sejam experimentados e mobilizados ao

longo do processo. Entretanto, a escolha desse momento não garante a inexistência de sofrimento pela situação, uma vez que sentimentos de perda fazem parte do processo que leva a uma reflexão sobre uma história pregressa contemplada de êxito.

Outras causas apontadas pelos autores são da ordem do incontrolável, do inexorável e do inevitável. A *idade* é uma das razões mais comuns para a transição de carreira. Isso porque há um declínio inevitável das capacidades físicas com o decorrer dos anos e ainda que as novas tecnologias e o avanço da ciência contribuam para que esse limite se prolongue, não será mais possível adiar esse momento indefinidamente. Dependendo da modalidade esse momento pode ocorrer precocemente ou ser adiado para a idade adulta madura. Outro fator que pode contribuir para a transição da carreira de um atleta é o *corte* ou o fato de ter sido preterido em uma escalação para a constituição de uma equipe em uma importante competição.

O processo de seleção – o qual Lavallee (2005) nomeia de “darwinismo esportivo” – pode desencadear uma perda de motivação e de objetivos para a vida do atleta que não encontra estímulos para continuar se empenhando em treinos. Esse processo seletivo ocorre ao longo de toda a carreira esportiva, desde as categorias iniciais, e sua superação é incluída no repertório de todos os atletas que desejam alcançar o alto rendimento. Embora vista como necessária, não há uma preparação adequada ao seu enfrentamento, tanto que a impotência, como a frustração, são decorrências desse fato. Indivíduos que têm pouca mobilização de recursos para lidar com esses sentimentos estarão mais sujeitos a desistir diante da adversidade. Vale ressaltar que entre os vários motivos que contribuem para o corte estão a falta de controle emocional, a raiva, a falta de apoio e de recursos de enfrentamento e incerteza quanto ao futuro.

Por fim, as *lesões* são também responsáveis pelo final da carreira competitiva de muitos atletas. Se a lesão é grave o suficiente para fazer o atleta finalizar sua carreira ou trazer dúvidas sobre sua continuidade, a possibilidade da transição deve ser incluída entre as estratégias de enfrentamento da lesão. A menos que o atleta tenha ótimos recursos de enfrentamento, essa dupla conquista é desejável ao ajustamento. Na atualidade a lesão é o fator que se sobrepõe aos demais na transição da carreira esportiva. Isso talvez esteja associado à necessidade de cumprimento de uma agenda repleta de compromissos determinados por

patrocinadores e meios de comunicação, sobrecarregando o atleta, muitas vezes alterando sua periodização de treinamento e abreviando os períodos de descanso, as rotinas e hábitos de vida, sendo necessários para seu restabelecimento e prevenção de lesões, que quando ocorrem antecipadamente resultam em uma extensa variedade de dificuldades psicológicas, incluindo medo, raiva, ansiedade, perda de autoestima, quando não depressão.

A transição de carreira atlética resulta de vários fatores individuais e sociais que vão do avanço da idade, à sucessão de lesões, ou ainda à escolha de outra carreira, ao desejo de dedicar mais tempo para a família etc. Ela pode ser definida como um evento que resulta de uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios (WYLLEMAN E LAVALLEE, 2004).

Quando existem condições para adaptações, a transição pode ser positiva. O sucesso na transição da carreira esportiva exige a busca de autonomia pessoal durante a carreira e a consciência sobre formas de investimento material e libidinal em outras esferas da vida.

Atualmente, as pesquisas apresentam novos paradigmas baseados nos estudos culturais. Partindo-se da revisão de literatura publicada por Stambulova e Ryba (2014) que consideraram somente publicações em língua inglesa, destacaram-se países do leste e oeste europeus, Austrália e Estados Unidos da América e países emergentes, os do continente asiático e sul-americano.

O contraste sócio-cultural das publicações avaliadas sugeriu que os pesquisadores tendem a trabalhar a partir da história e contexto sócio-cultural a que pertencem. Foram observadas três “ondas” teóricas: a primeira foi a *cross-cultural* que partindo da epistemologia positivista tinha interesse em compreender o papel da cultura no desenvolvimento e na transição da carreira atlética (elaboração de testes e instrumentos de avaliação como “Revised Casual Dimension Scale – CDSII” (McAuley, Duncan, Russel, 1992), “Cope Inventory”(Carver, Scheler, Weintraub, 1989), “Career Beliefs Inventory – CBI”(Krumboltz, 1993) e “Athletic Identity Measurement Scale- AIMS”(Brewer, Van Raalte, Linder, 1993), a segunda foi a *cultural mindset* que teve como foco epistemológico os processos psicológicos culturais (linguagem, comunicação, perspectivas relacionais, práticas culturais e seus significados, crenças e valores no desenvolvimento humano, aprendizagem e comportamento) e sua relação com o contexto sócio-cultural. A terceira onda foi a

cultural praxis, inserida no tema e entendida como o desafio para as pesquisas desenvolvidas futuramente (RYBA e STAMBULOVA, 2013).

O discurso europeu apresentou-se como o mais diversificado, refletindo as diferentes culturas que fazem parte do continente; o tópico sobre **aposentadoria atlética** revelou a preocupação comum destes países em relação à adaptação do atleta pós-carreira atlética. O **desenvolvimento da carreira atlética e seus estágios e trajetórias** também foi tema de estudo lidando, não só com a fase de formação da identidade atlética, bem como com as transições que são ocasionadas por características específicas do sistema nacional de esporte e/ou cultura esportiva (DIMOULA, et al., 2013).

A proposição da revisão foi considerar a carreira atlética somente uma parte da vida da carreira profissional permeados pela cultura. Os aspectos a serem destacados são: (1) **perspectiva holística**: entendendo o indivíduo, a carreira e o ambiente como um todo. Enquanto as duas primeiras perspectivas são abraçadas pela abordagem holística de vida (WYLLEMAN et al., 2004, 2011; WYLLEMAN E LAVALLEE, 2004 apud STAMBULOVA E RYBA, 2014) e bem aceita no campo, a perspectiva ecológica holística (HENRIKSEN, 2010 apud STAMBULOVA E RYBA, 2014) ainda é relativamente nova; (2) **contextualização da cultura**: implica uma contextualização reflexiva dos projetos de carreira em contextos sócio-culturais e históricos relevantes; (3) **abordagem idiossincrática**: valorização de populações atléticas (principalmente as marginalizadas) e a diversidade dos padrões de carreira e trajetórias; (4) **pesquisas transnacionais e transdisciplinares**: a carreira e seu desenvolvimento é negociado em um espaço sociocultural através das fronteiras; (5) **cooperação e encontro de pesquisadores** e profissionais que desenvolvem programas de assistência na carreira atlética e (6) **projeto de pesquisa-ação participativa**: estreitando a colaboração entre pesquisadores, profissionais e atletas participantes. É interessante ressaltar que em relação ao continente sul-americano, um único trabalho foi citado, excluindo outras produções, o que indica ser necessária a publicação de pesquisas em língua inglesa a fim de que as diferenças culturais e continentais sejam consideradas.

3.4 Programas de Transição de Carreira

Com a profissionalização esportiva ocorrendo na década de 1980, foi somente na década de 1990 que os primeiros estudos sobre programas de transição

de carreira esportiva foram publicados e desenvolvidos (STAMBULOVA, 1994; ALFERMANN et al., 1999; MURPHY, 1995; OGILVIE e TAYLOR, 1993 apud DOLLEPPER, 2011).

Depois de mais de uma década, algumas revisões críticas a este corpo de conhecimento tem apresentado a importância da existência destes programas e apontam para futuras propostas de intervenção (TEPPER, 2012; STAMBULOVA, 2012; RYBA et al., 2013; STAMBULOVA e RYBA, 2014).

Especialmente o COI, no tema Educação Olímpica, tem discutido as novas perspectivas para o atleta de alto rendimento considerando a globalização econômica e as alterações das relações profissionais nas diferentes modalidades esportivas. Tendo como referência a última conferência ministrada pelo Professor Stephan Wassong, da Universidade de Colônia, na Alemanha⁴⁶, de acordo com Pierre de Coubertin, o atleta olímpico tinha de assumir a responsabilidade de agir como modelo para disseminar o valor educativo do desporto, já que como um atleta amador tinha terminado a sua formação profissional ou universitária. Porém esta ideia foi sofrendo modificações com o advento do profissionalismo, da comercialização e da politicização dos Jogos Olímpicos. No mundo moderno de esporte olímpico as velhas regras amadoras estavam fora de contato com a realidade. A consequência lógica disso foi o desenvolvimento de um **profissionalismo disfarçado** para garantir a elegibilidade para a participação nos Jogos Olímpicos.

Com a abertura dos Jogos Olímpicos para os profissionais, Juan Antonio Samaranch, presidente do COI, resolveu o problema em Seul, 1988, com primeira edição dos Jogos Olímpicos realizada por atletas profissionais. O atleta profissional já nasceu marcado como alguém culpado de minar a integridade do modelo olímpico, pelo menos sobre o nível de elegibilidade e exercer o papel de “atleta educado” o expôs a uma série de críticas ao violar os preceitos do olimpismo (ex: doping, ideia contrária ao *fairplay*). Foi em 2002, que a Comissão de Atletas do COI “identificou que um dos principais problemas enfrentados pelos atletas é a transição bem sucedida para uma carreira após o esporte”.

46

<file:///C:/Users/usuario/Downloads/2014%20International%20Symposium%20For%20Olympic%20Studies-Proceedings.pdf> . Acesso em 07/11/2014.

Porém, esta ideia não podia ser considerada nova, pois muitas instituições esportivas mundiais já apresentavam a preocupação com um processo de formação educacional durante a carreira atlética, a fim de auxiliar na construção do papel no mundo profissional na fase final da carreira. Organismos Nacionais de Desporto tais como o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) e o Comitê Olímpico da Alemanha (DOSB), já haviam implementado programas de carreira de atleta. O COI respeitando esses programas, mas como o órgão diretivo mundial do esporte internacional, percebeu a responsabilidade em apresentar um programa educacional internacional, acessível a todos os atletas olímpicos.

Portanto, em 2005, a primeira edição do Programa de Carreira Atlética do COI foi lançado em parceria com a consultoria ADECCO⁴⁷, sendo que o contrato foi renovado em 2007, 2013 e com prazo para vigorar até 2020. Os dados apresentados pelo COI apontam que até o final de 2013, o programa já apoiou mais de 15.000 atletas em mais de 100 países e cinco continentes, com oportunidades de formação e inserção profissional.

No Brasil, em dados fornecidos pelo site do COB e através de notícias de jornais, a primeira edição do Programa de Apoio ao Atleta (PAA) foi lançada em dezembro de 2011⁴⁸, sendo que desde 2012 foram atendidos 20 atletas olímpicos e pan-americanos, ressaltando que nenhum atleta da modalidade futebol.⁴⁹

O objetivo do Programa de Carreira Atlética do COI é “auxiliar os atletas no seu desenvolvimento de carreira, fornecendo apoio profissional e colocação profissional [...] é cuidar dos atletas na conclusão, mas também durante o seu processo de carreiras através da educação, seminários e reuniões com os empregadores [...] buscar a flexibilidade às necessidades da carreira atlética”.⁵⁰

Foi em 2009, no Congresso em Copenhagen, que o COI dedicou a sessão toda ao papel e a situação da vida profissional do atleta. Com a participação de ex-atletas contando suas histórias de vida; o destaque foi para o discurso de Frank

⁴⁷ <http://www.olympic.org/ioc-athlete-career-programme> - acesso 07/11/2014

⁴⁸

<http://www.ahebrasil.com.br/noticias/2011/12/19/maisesportes/cob+apresenta+projeto+para+auxiliar+atletas+em+transicao+de+carreira.html> – acesso 07/11/2014

⁴⁹ <http://timebrasil.cob.org.br/noticias-tb/programa-do-cob-beneficiara-13-atletas-em-transicao-de-carreira-036587> – acesso 07/11/2014

⁵⁰ <http://www.olympic.org/ioc-athlete-career-programme> - acesso 07/11/2014

Fredericks , ex-atleta de atletismo e membro do COI que salientou a importância de atletas ativos para a construção de uma perspectiva viável para ingresso na vida profissional. Na verdade, Fredericks foi o defensor ideal para demonstrar que, após uma carreira dupla (Dual Career) é viável ser ativo como um atleta.

O processo educativo de seguir uma carreira dupla pode ser considerado uma nova dimensão no perfil do atleta como um modelo olímpico. A imagem do atleta de alto rendimento é entendida como aquele que tem origens e experiências únicas durante a sua carreira, visualizando seu desenvolvimento precoce e seus enfrentamentos em situações de competição. Rubio (2001) já mencionava esta dimensão sobre humana, mas o mercado de trabalho formal ainda não havia se dado conta destes seres com “dons” exclusivos (DAMO, 2005).

Não sabendo se podem generalizar todas estas características especiais a um único grupo, o mercado de trabalho formal aceita a ideia de que os atletas profissionais se apresentam de diferentes formas durante os anos de desenvolvimento, pois gerenciam “demandas exclusivas durante os anos de escolaridade, e as suas experiências de vida e de trabalho são tipicamente diferentes”. Esta história única não é por si só, um bom indicador da capacidade de futuro, mas pode considerar este profissional a partir da sua trajetória de vida como um ser de alta performance que têm a unidade e demonstra motivação para conquistas (Athletes to Business Guidelines, 2014)⁵¹.

A nova visão educacional proposta pelo COI, ainda considera o atleta olímpico como modelo a fim de que este possa salvaguardar a integridade do desporto, sublinhando a importância de uma dupla carreira no esporte e educando embaixadores para o que se tornou conhecido como Agenda Olímpica de 2020, que foi introduzido na 126ª Sessão do COI em Sochi em 2014 (Twelfth International Symposium for Olympic Research, 2014).

Assim, vamos conhecer e analisar exemplos de pós-atletas e atletas olímpicos brasileiros da modalidade futebol de diferentes gerações.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA

O Brasil participou no futebol masculino em 12 edições dos Jogos Olímpicos

⁵¹ <http://www.athletestobusiness.com/about.php> - acesso em 07/11/2014.

(1952, 1960, 1964, 1968, 1972, 1976, 1984, 1988, 1996, 2000, 2008 e 2012). No entanto, para a presente pesquisa foram selecionadas 12 entrevistas realizadas com atletas (2) e pós-atletas (10) brasileiros do futebol masculino, que participaram de diferentes edições dos Jogos Olímpicos.

Os critérios de inclusão para a pesquisa foram:

- entrevistas realizadas pela autora do estudo (8)
- entrevistas que apresentaram narrativas representativas segundo o objeto do estudo (4)⁵²

Na tabela abaixo estão todos os jogadores que compõem a amostra desta pesquisa.

ENTREVISTAS					
JOGOS OLÍMPICOS	ATLETAS	PESQUISADOR	LOCAL	IDADE (na entrevista)	Classificação nos Jogos
1964 - Tóquio	Elizeu Antônio Ferreira Vinagre Godoy	Gabriela Gonçalves	Salvador BA	68 anos	não esteve entre os quatro primeiros
1968 - Cidade do México	Arnaldo de Mattos	Sérgio Giglio e Carlos Rey Perez	São Paulo SP	65 anos	não esteve entre os quatro primeiros
1972 - Munique	Vitor de Paula Oliveira Braga	Luciana Angelo	Fortuna de Minas MG	59 anos	não esteve entre os quatro primeiros
1976 - Montreal	Erivelto Martins	Luciana Angelo	Montes Claros MG	58 anos	4º colocado
1976 - Montreal	Eudes Lacerda Medeiros	Luciana Angelo e Júlia Amato	Lorena SP	58 anos	4º colocado
1976 - Montreal	João Batista da Silva (Batista)	Luciana Angelo	Porto Alegre RS	58 anos	4º colocado
1984 – Los Angeles	Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão)	Luciana Angelo e Júlia Amato	Campinas SP	50 anos	Medalha de prata
1988 - Seul	João Batista Viana dos	Luciana Angelo e Júlia Amato	Belo Horizonte	51 anos	Medalha de prata

⁵² Por pertencer a um projeto de pesquisa mais amplo, que envolve todos os atletas olímpicos brasileiros, não fiz todas as entrevistas com os jogadores de futebol devido a própria demanda e tempo de agendamento. Porém, participei de boa parte delas.

	Santos		MG		
1996 - Atlanta	Marcelo José de Souza	Luciana Angelo	Campinas SP	40 anos	Medalha de bronze
2000 - Sidney	Fábio Aurélio Rodrigues	Luciana Angelo	Porto Alegre RS	34 anos	não esteve entre os quatro primeiros
2000 - Sidney	Athirson Mazzoli e Oliveira	Paulo Henrique do Nascimento	Rio de Janeiro RJ	34 anos	não esteve entre os quatro primeiros
2000 - Sidney	Alexsandro de Souza	Katia Rubio	Curitiba PR	35 anos	não esteve entre os quatro primeiros

Perfil dos entrevistados

Todos os pesquisados integrantes da amostra da pesquisa são brasileiros natos, que praticaram a modalidade futebol desde a infância e tinham entre 34 a 68 anos. Dois estavam ainda em atividade profissional e dez já haviam declarado aposentadoria da carreira atlética. Todos participaram de pelo menos uma edição dos Jogos Olímpicos, sendo que três foram medalhistas, sendo dois de prata e um de bronze. A amostra é composta por dois atletas da década de 1960, quatro atletas da década de 1970, dois atletas da década de 1980, um atleta da década de 1990 e três dos anos 2000, entrevistados nos anos de 2012 e 2013.

Quanto à aposentadoria podemos caracterizá-las como seis sendo involuntárias e quatro voluntárias. Em relação ao grau de escolaridade, sete atletas têm o ensino médio completo, um tem o ensino fundamental completo e quatro tem pelo menos um curso de nível superior completo, enquanto seis continuavam vinculados ao futebol, dois ao esporte e dois ao comércio em suas novas carreiras.

Os entrevistados serão apresentados a seguir por meio de um prévio verbete preparado a partir das entrevistas.

E1 - Elizeu Antonio Ferreira Vinagre Godoy

Nasceu em Santos, São Paulo, em 17 de outubro de 1945. Começou a jogar futebol nas categorias de base do Santos (SP), e em 1964 participou da Seleção Brasileira que foi aos Jogos Olímpicos de Tóquio. Teve passagens pelo São Cristóvão (RJ), Fluminense (RJ), Olaria (RJ), Bahia (BA), Anderlecht (Bélgica), Belenseses (Portugal), New York General's (Estados Unidos) e Vitória (BA), onde encerrou sua carreira. Trabalhou como superintendente do Departamento de Futebol

do Bahia, desempenhando a profissão de comentarista esportivo na época em que a entrevista foi realizada.

E2- Arnaldo de Mattos

Nasceu em São Paulo, em 15 de Janeiro de 1947. Filho de uma família de cinco irmãos, moradores do Belenzinho, começou a jogar futebol aos 16 anos no infantil do Corinthians (SP). No clube, foi campeão infantil e juvenil, porém não se profissionalizou. Participou da Seleção Brasileira que foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Na volta da competição, jogou na Portuguesa Santista (SP) e depois no Saad de Santo André (SP), onde encerrou a carreira. Montou uma loja de perfumaria..

E3 – Vitor de Paula Oliveira Braga

Nascido em 23 de novembro de 1953, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Família com situação financeira estável, pai era auditor da receita federal e pintor de quadros. Começou a jogar futebol na rua e desenvolveu sua carreira profissional no Cruzeiro Esporte Clube (MG) estreando em 1971 (1971/75 e 1981/85), jogando também no Santos (SP) (1978-81), no Avaí (SC) e em Vila Nova (GO) na posição de goleiro. Foi aos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, como reserva, sendo o primeiro jogador cruzeirense a participar de uma olimpíada. Tinha 18 anos e faz comentários durante a entrevista sobre a comissão técnica composta por militares que comandavam a Seleção Brasileira. Também comenta o atentado terrorista ocorrido na Vila Olímpica. Sua vida de estudante foi interrompida pela carreira atlética, tendo o segundo grau completo, mas não conseguindo ingressar na universidade. A carreira atlética na década de 70 não lhe dava estabilidade financeira e, por isso, de 72 a 74 jogava e trabalhava como vendedor de enciclopédia e depois como corretor imobiliário. Finalizando a carreira esportiva, ele deu início às atividades de marchand e produtor de cachaça.

E4 – Erivelto Martins

Nasceu em Piraí, Rio de Janeiro, em 10 de julho de 1954. Seu nome, presente da mãe, foi uma homenagem ao cantor Herivelto Martins, vizinho de rua quando moravam no Rio de Janeiro. Jogava futebol de salão no colégio quando, em 1971, fez teste no Fluminense (RJ) para jogar futebol. Foi aos Jogos Pan-

Americanos do México, em 1975 conquistando medalha de ouro, e no ano seguinte, aos Jogos Olímpicos de Montreal. Em 1977, transferiu-se para o Goiás (GO) e de lá para o Vila Nova (GO), onde parou para estudar Administração de Empresas. Retornou ao clube, onde encerrou a carreira de atleta em 1987, motivado basicamente por sucessivas lesões no joelho esquerdo. É também graduado em Educação Física. Foi diretor da AGAP (Associação de Garantia de Atletas Profissionais) e na ocasião da entrevista era técnico da Funorte, de Montes Claros (MG).

E5 – Eudes Lacerda Medeiros

Nasceu na cidade de São Paulo, em 08 de abril de 1955. Começou a jogar futebol na Portuguesa, quando foi campeão sul-americano no Chile, em 1974. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975. Em 1976, foi aos Jogos Olímpicos de Montreal. Transferiu-se para o Comercial de Ribeirão Preto (SP) e depois seguiu para o Cruzeiro (MG), Operário (MS), Inter de Limeira (SP), Noroeste (SP), Rio Branco de Americana (SP) e Guaratinguetá (SP). Após encerrar a carreira de atleta, trabalhou na Volkswagen de Taubaté (SP) até se aposentar. Em 2012, foi treinador das escolinhas de futebol da Prefeitura de Lorena, em São Paulo.

E6 – João Batista da Silva (Batista)

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 08 de março de 1955. Começou a jogar futebol na escolinha do Internacional e, em 1975, foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos do México. No ano seguinte, participou dos Jogos Olímpicos de Montreal. Em 1982, transferiu-se para o Grêmio (RS), onde jogou por um ano. Atuou ainda pelas equipes Palmeiras (SP), Lazio e Avellino (Itália), Belenenses (Portugal) e Avaí (SC), onde encerrou sua carreira de atleta em 1988. Durante a concessão da entrevista trabalhava como comentarista de futebol para a televisão (RBS).

E7- Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão)

Nasceu em Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul, em 04 de setembro de 1962. Em 1978, foi aprovado em uma peneira na Ponte Preta (SP) para atuar nas categorias de base, onde jogou até 1981, quando se profissionalizou. No mesmo

ano, passou ao time principal na condição de titular. Em 1987, foi transferido para o Santos F.C. (SP). Nesse período, fez parte da Seleção Brasileira que foi aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, e conquistou a medalha de prata, fato inédito para o futebol brasileiro. Em 1987, foi para o Coritiba (PR), onde conquistou o título de campeão paranaense. Depois, jogou em vários clubes brasileiros como Botafogo (RJ), Bragantino (SP), Santa Cruz (PE), Atlético Paranaense (PR), Vitória (BA), Remo (PA), Atlético Sorocaba (SP), Ituano (SP) e Portuguesa (SP). Em 1999, sofreu um infarto e um AVC, o que antecipou o encerramento de sua carreira. Depois de recuperado, dedicou-se a suas duas escolas de futebol em Campinas: a Chicão Futebol Center e a Bolão.

E8- João Batista Viana dos Santos

Nasceu em 20 de julho de 1961, em Uberlândia, Minas Gerais. Antes de começar a jogar futebol, estudou piano no Conservatório de Uberlândia. Iniciou sua carreira no Uberlândia (MG), onde jogou entre 1979 e 1984, quando foi transferido para o Atlético Mineiro (MG), onde atuou até 1990. Participou da Seleção Brasileira que foi aos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, conquistando a medalha de prata. Na sequência, atuou pelas equipes Guarani (SP) e Atlético Paranaense (PR). Finalizou sua carreira em 1997 no Tirsense F.C. (Portugal), onde jogou por seis anos. Na ocasião da entrevista ele era assessor do deputado estadual João Leite, na Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

E9– Marcelo José de Souza

Nasceu em Cotia, São Paulo, em 13 de setembro de 1973. Começou a jogar futebol descoberto em seu bairro por um senhor que tinha contatos no Sport Club Corinthians Paulista (SP), onde jogou dos 11 aos 20 anos. Foi convocado para a Seleção Brasileira Olímpica ao substituir um atleta lesionado, participando dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996 e conquistando a medalha de bronze. Jogou, ainda, nos clubes Botafogo (RJ), Guarani (SP), Fluminense (RJ), Panathinaikos F.C. (Grécia) e Almería (Espanha). Formou-se em Educação Física. Fez pós-graduação em Técnicas do Futebol, atuou como gerente de futebol do Avaí (SC) até o início de 2013 e estava trabalhando em uma empresa de assessoria esportiva na época da entrevista.

E10 – Fábio Aurélio Rodrigues

Nasceu em 24 de setembro de 1979, em São Carlos, São Paulo. Começou a jogar futebol nas categorias de base do São Paulo, passando para o profissional aos 17 anos. Sua boa atuação no São Paulo levou-o à convocação para os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000. No mesmo ano, foi para o Valência (Espanha), clube que defendeu até 2006 e, depois, para o Liverpool (Inglaterra), onde jogou até 2012. Na época da entrevista atuava pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS).

E11 – Athirson Mazzoli e Oliveira

Nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de janeiro de 1977. Quando tinha 2 anos, seu pai, que era militar, foi transferido para a Urca, onde passou a infância e adolescência até os 14 anos. Começou a jogar na escolinha de futebol da vila militar. Sua trajetória no esporte começou no futebol de salão e nas divisões de base do Flamengo e, aos 10 anos, foi para o futebol de campo. Profissionalizou-se em 1996. Em 2000, foi convocado para a seleção brasileira e defendeu o país nos Jogos Olímpicos de Sidney. Jogou pelas equipes do Santos (SP), Flamengo (RJ), Botafogo (RJ), Brasiliense (DF), Portuguesa (SP), Cruzeiro (MG) e Duque de Caxias (RJ). Atuou também pela Juventus da Itália, no CSKA da Rússia e no Bayer Leverkusen da Alemanha. Em 2012, iniciou seu processo de transição de carreira, ao aceitar compor o elenco do showbol do Flamengo (RJ). Na ocasião da entrevista trabalhava como comentarista no Canal Fox Sports.

E12 – Alexsandro de Souza

Nasceu em Curitiba, Paraná, em 14 de setembro de 1977. Na infância jogava futsal até que passou a jogar futebol nas categorias de base do Coritiba (PR), onde se profissionalizou em 1995. No início de 1997, transferiu-se para o Palmeiras (SP), onde jogou até 2000, quando participou da seleção olímpica que foi aos Jogos Olímpicos de Sidney. Nesse mesmo ano, jogou emprestado no Flamengo (RJ). Em 2001 foi para o Parma, da Itália, retornando ao Brasil em 2002 para defender o Cruzeiro (MG). Transferiu-se para o Fenerbahçe S.K. da Turquia, em 2004, onde jogou até 2013, quando retornou ao Brasil para jogar em seu clube de origem, o Coritiba (PR).

A seguir tabela que resume as principais informações sobre os dados dos doze entrevistados.

Jogos Olímpicos	Atletas	Grau de escolaridade	Idade em que se aposentou e caracterização da aposentadoria	Nova carreira
1964 - Tóquio	Elizeu Antônio Ferreira Vinagre Godoy	Economia	27 anos voluntária	Comentarista
1968 - Cidade do México	Arnaldo de Mattos	Curso Técnico Química Industrial	26 anos involuntária (Financeiro)	Comerciante
1972 - Munique	Vitor de Paula Oliveira Braga	Segundo Grau Completo	33 anos voluntária	Comerciante
1976 - Montreal	Erivelto Martins	Administração e Educação Física	33 anos involuntária (Lesão)	Técnico de Futebol Funorte Esporte Clube
1976 - Montreal	Eudes Lacerda Medeiros	Segundo Grau Completo	35anos involuntária (Financeiro)	Colaborador Secretaria de Esportes de Lorena/SP
1976 - Montreal	João Batista da Silva (Batista)	Segundo Grau Completo	31 anos involuntária (Lesão)	Comentarista de TV
1984 – Los Angeles	Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão)	Segundo Grau Completo	35 anos involuntária (Política)	Técnico/Professor em escola de futebol
1988 – Seul	João Batista Viana dos Santos	Educação Física e Direito	35 anos voluntária	Assessor na Assembléia Legislativa de Belo Horizonte
1996 - Atlanta	Marcelo José de Souza	Educação Física	32 anos voluntária	Administração Empresa Eventos Esportivos
2000 - Sidney	Fábio Aurélio Rodrigues	Ginásio Completo	Ainda em atividade	Em atividade
2000 - Sidney	Athirson Mazzoli e Oliveira	Segundo Grau Completo	34 anos involuntária (Lesão)	Comentarista de TV
2000 - Sidney	Alexsandro de Souza	Segundo Grau Completo	Ainda em atividade	Em atividade

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Como personagem da indústria cultural contemporânea, o esporte, seus protagonistas e seus feitos são compartilhados socialmente tornando o atleta uma figura pública, de grande reconhecimento popular e, em alguns casos, a imagem do seu país em âmbito internacional.

Atletas da década de 1960

- Elizeu Antônio Ferreira Vinagre Godoy (Jogos Tóquio)
- Arnaldo de Mattos (Jogos México)

A carreira atlética de ambos os atletas que representam esta fase foi desenvolvida nos campos de várzea ainda na infância, tendo a primeira atividade clubística na época da adolescência (entre 15, 16 anos). Especificamente, o que se observa é que Elizeu vai ao Santos F. C. participar de uma peneira, e por coincidência, seu pai fazia parte da Diretoria, enquanto Arnaldo foi encaminhado para um teste no Sport Club Corinthians Paulista por um dos senhores do bairro que observavam as brincadeiras do campo da várzea.

Os dois atletas iniciaram atividades em clubes paulistas e desenvolveram suas carreiras nas categorias de base. Quando foram convocados para os Jogos Olímpicos, faziam parte dos times juvenis dos respectivos clubes, com uma média de idade de 18 anos.

É importante salientar que em 1952 o futebol brasileiro iniciou sua participação olímpica sem grande alarde, ofuscada por dois acontecimentos marcantes: a derrota na final da Copa do Mundo de 1950 e a conquista do título em 1958. Com isso, fortaleceu-se a memória construída na modalidade, predominando os resultados em Copas do Mundo. Segundo Giglio (2013, p.55) isso se deve ao fato da seleção brasileira “ter se transformado ao longo dos anos na maior vencedora da Copa do Mundo, e ostentar duas marcas que nenhuma outra seleção possui: a de ter participado de todas as edições e de ser sozinha a maior vencedora da competição”. Nenhum dos atletas chegou a ser convocado para seleção brasileira para disputar Copa do Mundo.

O fato de atletas amadores participarem dos Jogos Olímpicos era uma das exigências impostas pelo COI órgão responsável pela organização dos Jogos Olímpicos (Giglio, 2013).

Elizeu nos explica:

“[...] a copa hoje ela é estritamente comercial, não espere que nenhum jogador brasileiro tenha patriotismo, isso não existe. [...] Naquela época existia sim, até no profissional em 58, 62 eram patriotas, o jogador era patriota, acabou, hoje eles nem querem ser convocados para a seleção brasileira, então mudou essa relação ao preço de olimpíada, de futebol profissional mudou totalmente, hoje o jogador de futebol profissional, ele joga também às vezes olimpíada para chamar público nas olimpíadas, é uma coisa que mudou todo o conceito também, ele é estritamente profissional [...] ele é um negócio, ele é um produto, essa relação mudou totalmente, naquela época nós éramos jogadores patriotas, defendendo o Brasil, hoje acabou, isso não existe.”

A questão nacionalista que surge na narrativa do atleta demonstra que a cultura se faz presente no momento vivido. As identidades nacionais segundo Hall (2006, p.48 apud GIGLIO, 2013) “não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Em 1964, o Brasil sofria o golpe militar, com eleições adiadas e no futebol, o que se via era uma hegemonia de Pelé (1964-1974) que fazia com que o Santos F.C. fosse reconhecido nacional e internacionalmente. Interessante observar que mesmo sem resultado expressivo nos jogos de 64, Elizeu viveu a partir do sucesso institucional, o que poucos atletas desta época experimentaram:

“[...] quando eu voltei das olimpíadas eu voltei para o Santos [...] eu excursionei muito com o Santos, fui para a Europa, fui para a Itália, aí do Santos me venderam para os Estados Unidos, fui vendido para New York Giants [...] quando o futebol começou em New York, depois voltei para o Santos e fui para jogar no Bahia [...] Aí em 69 eu voltei aos Estados Unidos, aí fui para o futebol da Bélgica em 1970, aí joguei na Bélgica em 70 a 72, já o jogador brasileiro já começou a ser reconhecido como um bom jogador do mundo do futebol, comercialmente ainda barato, a gente não tinha um mercado ainda em expansão e foi melhorando com o passar do tempo [...] hoje um jogador que joga na Europa ganha muita grana, hoje o jogador faz a sua independência financeira, naquela época não”.

Vale a pena ressaltar que o clube foi uma das organizações esportivas a ter um contrato de trabalho, com carteira assinada e benefícios sociais para os atletas valorizando assim o que hoje podemos chamar de ‘capital corporal’. Na época, a valorização deste capital já apontava o investimento na espetacularização das competições e no desempenho corporal dos atletas para que se produzisse o interesse do público e houvesse a modernização da modalidade culminando na construção de centros de treinamento e o início da profissionalização na década de 70.

No entanto, quatro anos mais tarde, quando Arnaldo foi aos jogos do México (1968), apesar de conhecer um mundo “fantástico”, aprendeu o que é a desorganização institucional.

“[...] a gente não tinha ideia de como era. A vila olímpica é fantástica, com tudo o que a gente pode imaginar, tem de tudo, o dia inteiro, dia e noite. Só que eu acho que o nosso grupo é que estrutura, gente muito nova, a própria orientação não era muito bem feita. Saímos daqui sem médico, o massagista fazia o papel de roupeiro e massagista, e com o treinador só. Não tinha estrutura. A gente lavava calção e meia, para você ver como era.”

Antes da efetiva profissionalização, Arnaldo feliz com sua convocação e com expectativa de reconhecimento profissional, mesmo resultados expressivos, descreveu a falta de estrutura, a desunião do time e a falta de objetivos institucionais durante os Jogos de 1968. Isso fez com que ao voltar ao Brasil, o descrédito pela opção profissional fosse maior:

“ Mas depois que você entra no futebol, acaba vendo as coisas, acaba meio que ficando com o pé atrás. É um querendo engolir o outro. É terrível. Futebol é que nem política, é que nem televisão, um querendo engolir o outro, disso ninguém escapa”

Em termos de contratos de trabalho, as relações entre atletas e instituições foram minimamente alteradas somente no final da década de 70. De acordo com as narrativas dos atletas, de uma situação de total impotência se passou para uma inviabilidade de acordo se este não fosse estabelecido respeitando as regras institucionais.

“Antigamente tinha o passe preso ao clube. Foi quando apareceu esse tal de Afonsinho para tentar arrumar o passe livre. Foi a pior coisa que existiu para quem estava começando. Sabe por quê? Quando você era dispensado com o passe livre, ninguém te queria. Achavam que como tinham te mandado embora do clube, você não servia. [...] É, antigamente ninguém tinha acesso. Você chegava na sala, sentava o presidente, o diretor do departamento de futebol profissional, o tesoureiro e o jogador. Aí começava: ‘nós te ajudamos, você tem que ajudar’ ”. – Arnaldo de Mattos

Sobre a condição de ser amador, atletas das edições dos jogos que antecederam a década de 80 relatam que na prática os atletas brasileiros eram profissionais com contrato de gaveta. “Muitas críticas foram feitas aos países da Cortina de Ferro como nações que, de certa forma, burlavam as regras do amadorismo impostas pelo COI. O contrato de gaveta, na prática, colocava os atletas brasileiros numa condição parecida com os países da Cortina, pois ‘oficialmente’ mantinham a condição de amadores, mas na prática atuavam como profissionais” (GIGLIO, 2013, p.349).

Porém, esta situação inviabilizava uma série de projetos de vida para estes atletas. Em relação aos estudos, quando a identidade profissional era atribuída através da quantidade de horas dedicadas e a remuneração por elas pouca motivação e importância tinha o projeto intelectual. Dentre as justificativas dadas pelos atletas a falta de tempo devido às viagens e os longos períodos de concentração apareceram limitando a viabilidade de considerar a vida estudantil.

Em relação à carreira atlética, os atletas concordam que a mesma é realizada em um período que varia de 10 a 12 anos e que muitas vezes, este fator impossibilitava a organização financeira necessária para um plano futuro. Assim, Elizeu fala do importante papel das associações, como a AGAP (Associação de Garantia ao Atleta) que são instituições sem fins lucrativos que prestam serviços sociais e que fazem parte do sistema do FAAP (Fundo de Assistência ao Atleta Profissional), existente desde 24/11/1975, quando da aprovação da Lei 6.269, regulamentada pelo Decreto 77.774, de 08/06/1976.⁵³

Para Elizeu:

“[...] tem uma associação de garantia ao atleta profissional que é estadual e tem a nacional, tem a FAAP nacional e a AGAP local, então o que se faz aqui, aqui não se dá dinheiro, porque se dá dinheiro, ele acostuma e não vai querer mais nada, dá a eles curso profissionalizante, a AGAP paga cursos profissionalizantes, que é muito mais interessante, para ele tentar viabilizar, [...] alguma coisa que ele possa ter aquele curso e se virar.”

Em estudo desenvolvido por Costa et al. (2010) sobre transição de carreira, foram entrevistados 25 ex-atletas da modalidade futebol residentes e inscritos na AGAP de Minas Gerais. Nenhuma relação específica com a instituição foi feita ou avaliada como diferencial nesta fase de transição de carreira, concluindo-se que a presença e apoio familiar nos aspectos emocional e financeiro foram os de maior validade para uma boa qualidade de transição. Em outros estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros (BRANDÃO et al. 2000, SAMULSKI et al. 2009, BARROS, 2008, RUBIO, 2012) o papel desse sistema não aparece com tamanha importância.

Em relação ao processo de aposentadoria, os atletas tiveram diferentes vivências e sentimentos. Desde a busca por grupos, associações, amigos, entre outros que pudessem apoiar financeiramente e emocionalmente até o abandono por completo do contexto esportivo:

“[...] o que acontece, ele começa a se tornar um cidadão desconhecido, porque a geração que viu ele jogar vai envelhecer também, e

⁵³ WWW.faapatletas.com.br . Acesso em 07/11/2014.

o jovem ouviu falar, mas não sabe quem é. [...] AGAP – BA quem frequenta mais são os ex, porque os atuais acham que não vão precisar daquilo. É uma questão até social de ajuda, tem a associação, então toda quinta-feira tem uma pelada como a gente chama aqui em Salvador, aqui na associação atlética Banco do Brasil toda quinta-feira, que vão ex-jogadores, a gente se reúne lá, bate o nosso papo e depois tem uma confraternização toda quinta-feira, principalmente para dar forças para aqueles que estão meio deprimidos, para que eles possam ter um convívio social [...] nesse encontro que a gente tem, eu digo vamos deixar de falar do passado, vamos falar no presente e no futuro, porque eles falam muito no passado, do que eles foram. – Elizeu

“Eu parei justamente por causa disso. Na época, não tinha nem acesso, nem descenso. Eu disputava a segunda divisão pelo Saad. Mas não tinha dinheiro. O homem contratava os jogadores, mas se não dava certo mandava embora, porque não tinha nem descenso, nem acesso. Então não corria o dinheiro. Ninguém punha dinheiro na segunda divisão, pois não tinha mais acesso. Conheci a minha esposa e pensei: "Agora vai ficar assim? Sair daqui e jogar num time lá no fim do mundo, depois volta, não ganhava nada [...] **É duro, parece que a gente morre.** É uma vida totalmente diferente. **Tem gente que fala que o jogador morre duas vezes.** Quando para, morre. É um negócio diferente. Você concentra, você está sempre com outras pessoas, você treina todo dia, é um negócio gostoso. Eu adorava concentrar, pois fica todo mundo junto, está sempre com as amizades, aquele dia a dia de viajar, voltar. Quando isso acaba de uma hora para outra parece que você não tem mais chão”. – Arnaldo de Mattos

Na narrativa de Arnaldo de Mattos, o grifo foi feito para enaltecer o processo de compreensão não só das ações reais e vividas, mas das histórias emocionais e suas marcas identitárias. Relembrando que Dubar (2009) ao denominar as formas comunitárias, cita a crença na existência de ‘comunidades’ aqui denominada por Arnaldo de “jogador morre duas vezes” aludindo a morte em vida, para a identidade profissional atlética e a morte natural. Inseparáveis das relações sociais, as formas identitárias ganham sentido na sua configuração coletiva.

Na vida pós-carreira atlética Elizeu se mantém em atividades que o vinculam ao contexto esportivo sejam elas na administração organizacional ou ao comentar uma partida de futebol nos meios de comunicação. Já Arnaldo, como se tivesse vivido um *drop-out* (abandono da carreira atlética), afasta-se por completo do contexto e assume a vida de comerciante que lhe é “dada” pela *entourage*⁵⁴ familiar.

Atletas da década de 1970

- Vitor de Paula Oliveira Braga (Jogos de Munique);
- Erivelto Martins (Jogos de Montreal)
- Eudes Lacerda Medeiros (Jogos de Montreal)

⁵⁴ Entourage: configuração social de pequena escala (família, amigos, entre outros). In DAMO, 2007.

- João Batista da Silva (Batista) (Jogos de Montreal)

O início da carreira esportiva dos atletas se deu de forma semelhante: famílias que os apoiavam na prática esportiva, sendo que alguns iniciaram sua prática na escola e outros nos campos de várzea, ainda quando crianças e aos 14 anos de idade (média) tiveram seu primeiro contato com clubes.

O que os diferenciava era a condição econômico financeira familiar. Dentre eles, Vitor Braga apresentava uma família de poder aquisitivo expressivo, pois seu pai era funcionário público federal e também trabalhava no mercado de obras de arte. Os demais narram histórias de vida onde as estruturas familiares eram distintas: esposa trabalhava (Erivelto Martins), a família era dependente (Eudes Lacerda) e onde ser solteiro era um benefício (Batista).

Em relação aos estudos, Vitor, Eudes e Batista tem o segundo grau completo e somente Erivelto Martins completou dois cursos superiores: um de Administração e outro de Educação Física e isso se deve, segundo o atleta a sua esposa que:

“disse para eu não ter pressa de formar, eu tinha que formar, não importa se fosse em 5 ou 10 anos. Aí foi importante no início dessa nova carreira de treinador de futebol”.

No caso de Vitor, o atleta relata que tentou vestibular mas que a convocação para a seleção brasileira olímpica aconteceu no mesmo período e ele abandonou o projeto estudantil; com os compromissos da carreira atlética e seu envolvimento ‘genético’ com a área comercial em paralelo, ao final da carreira atlética já lucrava mais no mercado imobiliário e de artes do que com a profissão atlética.

Para Eudes, a carga de treinamento era muito intensa e quando ia para a escola à noite, frequentemente dormia durante as aulas, sentia-se mal, desconfortável. Também por ter casado cedo, sentia-se dividido em deixar a esposa sozinha, assim optou por não continuar os estudos. E Batista relata que a mãe o apoiava na profissão, mas dizia que ele não podia ser um jogador ‘burro’:

[...] tem que dar entrevista, tem que saber falar direito, na hora da entrevista não pode falar bobagem” esse era um argumento que ela usava muito comigo e tu saber falar, tu saber conversar, isso é muito importante então não deixa de estudar, e eu fazia essa correria, porque era uma correria, treinava de manhã e de tarde e a noite ia direto , já levava pra o estádio o que tinha que levar pra o colégio e foi indo”.

Nesta década, temos os primeiros indícios da profissionalização no país e do processo de globalização do mercado do futebol. Essa fase demarca a desmilitarização da modalidade no Brasil e a criação da CBF, em substituição à CBD, lembrando aqui o início dos movimentos de democratização que se efetivam na sociedade brasileira na década de 1980.

Vitor, ao narrar suas memórias sobre os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, cita a estrutura militarizada da seleção da época

“E na seleção olímpica, [...] eu fui chamado pelo treinador, a princípio, era o Senhor Antoninho [...] que foi um dos mais tradicionais, e foi treinador de diversas Olimpíadas da seleção brasileira. Mas apoiados por um grupo, que ainda tinha umas reminiscências militares. Que era a coisa da época, da transição nossa, e nos tempos duros [...] Que era o pessoal de exército, que tinha integrado a Seleção de 1970, campeã no México. E a equipe, ficou mais ou menos, uma equipe formada por militares na retaguarda: preparação física, preparação de goleiro, supervisão. Então, nós tínhamos o Antoninho como preparador e uma equipe formada, que era: o supervisor era o Capitão Calominho (do Exército); o Capitão Claudio Coutinho, que era da Supervisão Geral; tínhamos o Tenente Carliço, que era o treinador de goleiros, especificamente.”

Nascido no interior de Minas Gerais e tendo uma condição econômica financeira diferenciada, Vitor demonstra um relato apurado sobre o seu entendimento político da seleção da época. Cabe ressaltar que a relação da memória com a cultura apresenta a influência do modo de pensar e agir específicos de um certo grupo cultural. Aqui, destaco a narrativa de Vitor, por concordar com Durham (2004, p.231 apud GIGLIO, 2013) que a análise de fenômenos culturais sempre corresponde a uma análise da dinâmica cultural que indica um “[...] processo permanente de reorganização das representações da prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática”.

Depois dessa convocação, o atleta não teve mais nenhuma convocação para a seleção brasileira, apesar de fazer parte da lista de goleiros indicados para compor a seleção de 78 que iria participar da Copa do Mundo. Em relação a esse fato, o atleta complementa com informações sobre seu desenvolvimento na carreira, as oportunidades vivenciadas e as relações institucionais estabelecidas indicando satisfação nessa única oportunidade.

No desenvolvimento da modalidade, os atletas que participaram da edição de 1976, contam sobre suas visões a respeito do mercado de trabalho:

“A gente não se preocupava muito até do lado financeiro, você queria seguir a sua carreira, tinha o prazer de querer jogar [...] Na nossa época não, o

nosso amor pelo clube a gente não precisava demonstrar externamente não. Mas quando você estava dentro de campo todo mundo sentia que, internamente, aquele clube estava dentro da gente – Erivelto Martins

A edição de 1976 apresenta um resultado expressivo para a seleção olímpica: foi a primeira vez que o Brasil se classificou para as quartas de final, terminando em quarto lugar, o que gerou para alguns atletas a expectativa de melhores condições de trabalho ao retornarem ao país, mas não necessariamente foi o que ocorreu.

“não se dava muito valor pra quem ia pra olimpíada [...] por se tratar de uma competição amadora na época que, amadora entre aspas [...] mas nunca tive, me deram o valor ou qualquer colega meu tenha sido valorizado por isso não, por participar de uma olimpíada [...] porque eu por exemplo voltei da olimpíada pro meu clube, mas eu quando cheguei na Portuguesa não fui devidamente contemplado por isso não. Ah você é de seleção olímpica, você vamos ter um carinho especial, não tive isso tá. Não tivesse isso e, mas tudo bem.” – Eudes Lacerda Medeiros

“ [...] a Olimpíada de Montreal, eu tenho que dizer isso, ela prejudicou a gente, a maioria dos jogadores, alguns né, alguns atletas atrasaram a profissionalização pra poder disputar, e eu fui um dos casos, entendeu, então eu não fui profissionalizado enquanto os outros eram profissionalizados com 18, 19 anos, nós fomos com 21, 22, entendeu, pra poder disputar a Olimpíada [...] a pedido da CBF, depois que a gente veio saber disso, poxa vida [...] – Eudes Lacerda Medeiros

“ [...] mas quando você escuta o hino nacional fora do nosso país, é uma coisa que é indescritível [...] E a gente tinha esse objetivo de representar bem o país. Era a nossa cobrança que os dirigentes fizessem para isso. Não vamos ser individualistas, vamos saber que a primeira coisa que está no nosso peito é a bandeira do Brasil. E pediam sempre que a gente representasse com carinho e nós sempre representamos [...] Naquela época havia ainda esse problema de...diferenciava muito ainda o jogador que já era profissional, jogador que era até então amador considerado profissional.” Erivelto Martins

Frente ao processo político nacional e internacional, o que se observa é que a organização da modalidade se dava de forma lenta e gradual. A década de 1970 foi marcada por discussões no COI sobre o tamanho e o custo dos jogos, dos fatos que aproximavam questões políticas do evento esportivo e das marcas deixadas pelo atentado em 1972. No início da década de 1980, questões relacionadas com a profissionalização de fato são consideradas e em 1988, o COI permite a participação de atletas profissionalizados mediante regras.

Já em meados de 1975, 1976, com a presença de associações e sindicatos no contexto da modalidade e com o reconhecimento da CBF, alguns atletas esclarecem o poder das entidades e os benefícios que proporcionaram ao

desenvolvimento do contrato de trabalho e das relações trabalhistas, mesmo lembrando que já existiam clubes que oficializavam as contratações.

“E às vezes os dirigentes eles te instigavam a diminuir o contrato e se você não aceitasse ele te colocava na prateleira... você ficava sem contrato e ia te sufocando até você ter que assinar pela necessidade e eu nunca fiz isso[...] E eu fiquei, fiquei na geladeira 6 meses, 7 meses sem ganhar um centavo. Penando!” Erivelto Martins

“[...] eu chegando da Olimpíada eu fiquei 3 meses discutindo contrato, salário, eu não queria nada exorbitante, só queria o justo [...] se fossem me vender naquela época, com certeza ele seria um ganho muito bom, então nada mais justo que repassar isso pra minha folha de pagamento. Não aconteceu isso, eu fiquei 3 meses parado, chateado, e você não tinha como desistir de um contrato de gaveta que você assinava em branco, que era de praxe você assinar, é um absurdo o que acontecia antigamente, você tinha seu contrato, você tinha seu salário mas ele ficava lá em branco. O clube era seu dono, você não tinha como.. E acabavam com sua carreira se você não aceitasse o que eles impunham.” – Eudes Lacerda

“O Piazza é o formulador maior, da consciência que hoje, impera. Se hoje, nós temos associações e sindicatos, realmente expressivos, que representem e que ajudem, sobretudo, o atleta que está mais carente, às vezes, dentro da vida dele [...] Porque a nossa classe se soubesse a força que tem [...] até porque são figuras respeitadas, são figuras públicas, são figuras que são amadas por todos. Que tenhamos mais conscientização”. Vitor Braga

“A partir de 76 que a profissão foi reconhecida. Os anos anteriores, em termos de aposentadoria, eu tive que comprovar com os holerites que eu recebia. A partir de 76 que foi pela CBF”. Eudes Lacerda

Entre os Jogos Olímpicos de Munique e os de Montreal, uma série de mudanças começaram a ser pensadas quanto ao futebol olímpico. A Associação de Futebol da Grã-Bretanha fez uma sugestão que interferia diretamente na elegibilidade dos atletas nos Jogos Olímpicos: queriam abolir a distinção entre o termo profissional e amador, adotando-se apenas a palavra “jogador” para se referir aos atletas do futebol. Nas eliminatórias europeias surgiu a denúncia de que dois atletas espanhóis, o jogador Carlos Alonso González, conhecido como Santillana (Real Madrid) e Daniel Solsona (Barcelona) eram profissionais. Certamente motivado por tais denúncias de profissionalismo envolvendo os atletas do futebol (no caso dos espanhóis, ambos tinham 24 anos), fez com que o COI começasse a pensar na possibilidade em modificar o regulamento do futebol nos Jogos Olímpicos (GIGLIO, 2013, p. 397, 398).

Porém, enquanto isso não acontecia, a memória de nossos atletas da década de 70 sobre a carreira atlética nos revela aspectos interessantes. Vitor comenta sobre os benefícios da imagem que lhe renderam uma das novas carreiras,

esclarecendo que foi por convite de um amigo que queria unir a imagem de um “atleta modelo” a um “projeto modelo imobiliário”. A imagem do ídolo construída durante anos foi uma estratégia, nesse caso de compartilhamento de imaginários auxiliando Vitor a não perder a própria identidade, mas sim a alterá-la. Savickas (2002, 2005) cita a importância da adaptabilidade na carreira, onde a integração social oferece ao indivíduo ajustamentos às mudanças ocupacionais e monitoramento de tarefas de desenvolvimento vocacional. Neste sentido, podemos pensar que esta foi uma oportunidade de soma entre o conhecimento de um campo vocacional e a aprendizagem em outro campo, trabalhando um dos objetivos do Life Design que é a adaptabilidade (DUARTE, 2009).

Para Erivelto a mudança de carreira foi planejada. Teve possibilidade de estudar em alguns momentos, levando a atividade intelectual e esportiva em paralelo, reforçando que o estudo se deu por insistência de seus pais e sua esposa. Depois de quinze anos longe da cátedra, foi fazer vestibular novamente e aí realizou seu sonho que era cursar Educação Física. Esse fato também remete ao paradigma Life Design quando na narrativa surge o tema de vida que motiva a construção dos diferentes papéis profissionais de Erivelto, tornando as formas identitárias (DUBAR, 2009) explícitas na construção de papéis e no processo afetivo e emocional que se tem neste processo. Erivelto ressalta que teve apoio da AGAP-MG:

“[...] o curso que eu fiz na faculdade foi todo com amparo pela unidade comandada pelo Piazza, que é um cara que ele não pensa nele, ele pensa em qualquer ex-atleta ou de qualquer outra atividade. Então, às vezes a gente até recomenda ao jogador buscar a AGAP, porque as vezes a AGAP tem o apoio que não seja só o financeiro, ela tem o apoio educacional, ela tem o apoio psicológico, porque o atleta tenha uma estrutura, tenha uma base que no futuro venha precisar, já sabe onde recorrer”.

Erivelto ainda cita a importância do estudo como algo que ninguém “tira de você” e faz uma comparação: “a sequência do estudo sempre vai ter, no esporte é o contrário. Você vai, como uma laranja: quanto mais caldo você tem, uma hora vai acabar de tanto espremer, você vai ser encostado e vão pegar outro”. Nesse sentido, a educação se mostra como importante elo entre as carreira atlética e pós-carreira atlética, demandando tempo e recursos emocionais e materiais, e configurando novas formas identitárias (DUBAR, 2009, RUBIO, 2012). Neste

sentido, a *questão do* espírito olímpico em que o esforço do atleta deveria ser uma expressão interna se apresenta (RUBIO, 2001, 2002; WASSONG, 2014).

A narrativa de Eudes apresenta uma carreira em decadência e com poucos recursos seja de rede de apoio, de investimentos financeiros ou intelectuais, entre outros. Sem planejar a carreira atlética e com uma trajetória instável, com histórico de lesões frequentes, ele se viu obrigada a se desfazer de parte do seu patrimônio material para dar suporte à família, a buscar outra atividade profissional e acabou atuando como operário na linha de produção do automóvel GOL, da Volkswagen do Brasil vivendo o que podemos chamar de crise de identidade que Hall (2001) entende como um momento de ruptura.

“a gente enfrenta muita discriminação dentro de uma fábrica, você de uniforme, você que já disputou uma Olimpíada, que já, jogou em grandes clubes, as pessoas vêm do lado com a lixadeira, “Ué, mas você não é o...” Eu falei: “Eu sou sim, mas eu preciso tratar da minha família, não sei fazer mais nada, mas eu aprendo” [...] É, porque todo mundo acha que, por exemplo, você é jogador de futebol, você tem que ficar rico, ninguém pensa, por exemplo, no objetivo. Eu fui jogador de futebol e pronto, foi o que eu quis fazer, eu fui o jogador de futebol, joguei no Cruzeiro, joguei na Portuguesa, joguei na Olimpíada, e não fiquei rico, não fiquei rico porque não tinha dinheiro, não me pagavam, mas...”

Não necessariamente a crise de identidade é ruim, mas oferece a oportunidade de transformação que a princípio altera as bases já constituídas. Neste sentido, Duarte (2009) aponta que o processo de mudança de pensamentos se faz necessário e que encarar as falhas e frustrações é necessário. A flexibilidade neste processo está no fortalecimento das narrativas e conceitos próprios que funcionam como traves que ajudam a pessoa a priorizar atividades e perceber conflitos e inconsistências.

Batista também comenta sobre a sua percepção de que a realidade lhe apresenta uma situação na qual não necessariamente tem controle. Ao comentar que “o garoto que vem, está na reserva e ganha, eu me senti desprestigiado por não receber” revela que enquanto o autoconceito está ancorado ao papel de atleta, outros papéis onde poderia ancorar o processo de ressignificação não foram construídos revelando que a construção de novas carreiras só ocorre quando as pessoas expressam seus autoconceitos. Duarte (2010) aponta que o autoconceito também é constituído através de experiências específicas a que as pessoas se expõem nos contextos em que vivem e este foi o caso de Batista, que ao se tornar comentarista cita as situações que vivenciou com a imprensa ao longo de sua carreira.

Atletas da década de 1980

- Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão) (Jogos Los Angeles)
- João Batista Viana dos Santos (Jogos de Seul)

Os dois atletas da década de 1980 são medalhistas olímpicos das edições de 1984 e 1988, respectivamente. Porém suas trajetórias profissionais já tem um início que se distingue na motivação para a prática do esporte.

Francisco Vidal (Chicão), nasceu no Centro-Oeste brasileiro e veio para São Paulo no início da adolescência tentar a sorte nas peneiras futebolísticas, muito pelo sonho do pai e sem saber ao certo o que a vida lhe guardava. Em Campinas, desenvolveu-se nas categorias de base da Ponte Preta, sendo que aos 17 anos já estava jogando com o time profissional. Já João, vindo do interior de Minas Gerais, de uma família grande e sem muitos recursos, priorizou a prática livre do futebol e os estudos até os 19 anos, quando um senhor que o viu em uma das partidas da várzea o levou para o Uberlândia Esporte Clube para fazer um teste e foi aceito. Assim, temos histórias que apresentam atletas que conseguiram investir em uma vida estudantil com limitações (Chicão) e em uma vida estudantil com mais tranquilidade (João) e apresentam uma concepção diferente da carreira atlética:

“[...] mas financeiramente jogador não era uma profissão muito bacana naquela época. Então a minha família, a minha mãe, não deu assim, não estimulou que eu pudesse continuar na carreira de futebol. E sim que eu estudasse mesmo que eu fosse um médico. Mas não deu, aí eu fiz, eu tinha assim uma habilidade na questão do esporte, eu gostava muito, então eu acabei professor de educação física. Aliás eu não cheguei a exercer, só graduei. Mas eu tive muito apoio logo depois que eu escolhi ir para o Uberlândia, eu tive apoio deles, eles acompanharam.” – João Viana

Duarte (2010) esclarece que nas sociedades ocidentais temos uma diversidade de realidades individuais que traçam novas trajetórias profissionais. Por isso, os exemplos de Chicão e João podem auxiliar o entendimento da construção de suas trajetórias.

Chicão teve uma ascensão rápida jogando em times de expressão nacionais, porém problemas de relacionamento político institucional o levaram a ter perdas de oportunidades, entre históricos de lesão. João por ter iniciado a carreira tardiamente e ter pouco fortalecimento muscular, também apresentou problemas de lesão, que o afastaram por até um ano dos gramados logo no início da carreira. Porém,

integrantes do próprio clube foram resgatá-lo em casa para que voltasse aos campos. A adaptação surge novamente como quesito para que se compreenda que a flexibilidade e a motivação podem e devem fazer parte do conjunto de competências sociais exigidas aos atletas que constituem equipes que praticam futebol. A satisfação com a decisão tomada, a adaptação a novas situações, a aceitação de sua situação pessoal e a sensação de ter chegado a uma conclusão são fatores que Duarte et al. (2010) apontam como importantes para um processo de interação entre o indivíduo e seus objetivos profissionais.

João narra a importância do apoio que teve da rede de relacionamentos em diversas ocasiões de sua trajetória profissional, tais como tratamento e afastamento por lesão, alterações na ordem social familiar, investimentos materiais e afetivos na vida do alto rendimento, entre outros. Já para Chicão, com a rede social restrita, pouco apoio e compreensão fizeram parte de sua trajetória, onde os desentendimentos políticos e a sensação de vitimização é o fio condutor de sua narrativa.

A participação nos Jogos Olímpicos foi narrada de forma um tanto frustrada e melancólica por Chicão. O time base de 1984 foi composto na sua grande maioria por atletas do Sport Club Internacional de Porto Alegre o que fez com que os outros atletas sofressem um certo preconceito e boicote. João, por sua vez, cita com muita tranquilidade poder ter participado do evento, não fornecendo na sua narrativa episódios de problemas de qualquer ordem, mas ressaltando que a ideia de ser “embaixador do Brasil, representando uma nação, um povo, foi uma experiência marcante na sua trajetória de vida.

Ao finalizar a carreira, Chicão teve uma série de problemas: primeiro foi a questão do passe livre que na época não havia um entendimento claro e o time com quem ele estava negociando seu contrato de trabalho, negou o interesse e cancelou a compra; com isso, Chicão encerrou a carreira aos 33 anos de idade. Depois, teve problemas de saúde (Infarto e AVC) que o colocaram em situação de limitação profissional e financeira. Pode contar com um apoio específico do último clube que jogou e mesmo assim, ficou desamparado socialmente, pois não tinha nenhum benefício previsto por lei.

Já João, percebendo as demandas físicas dos grandes times brasileiros e verificando que já não conseguia render o suficiente para manter o alto desempenho, aceitou ser negociado para a Europa e finalizou a carreira após 6 anos

em Portugal, em um time da segunda divisão. João fala que este período foi de “descanso profissional”, pois:

“Portugal, país pequeno ...então as viagens eram curtas, a concentração era diferente. Você não tinha aquele tempo de grandes concentrações como aqui no Brasil [...] não tinha mais desejo de continuar jogando, mas estava assim um pouco estressado [...] Eu estava com 35 anos. Eu tive alguns convites, mas eu não queria mais jogar. **Eu conhecia já o que é jogar em um time grande, jogar em um time pequeno. E eu não queria passar por aquela fase de time pequeno, de experimentar um outro time e eram tantas coisas e eu achei que eu tinha outras coisas para fazer, então eu voltei e encerrei a minha carreira[...]** Não tinha plano. Eu tinha na verdade o desejo de ser professor de educação física [...], mas as coisas não aconteceram dessa maneira. Logo que eu cheguei, eu tinha um amigo que jogava comigo no Atlético que ele era deputado estadual na época e ainda é, deputado estadual e aí [...] me convidou para trabalhar com ele.

O grifo ressalta na narrativa de João o momento em que ele deixa se relacionar consigo mesmo e com o papel de atleta de alto rendimento. Duarte et al. (2010) lembra que cada história é composta por um “eu” e Rubio (2014) esclarece que atletas tem no desejo o fator predominante para buscar novas conquistas, e porque não dizer, conquistas na dimensão profissional. A reconversão exige do indivíduo uma postura tranquila e serena como a apresentada por João e esta possibilidade emerge do projeto de vida, podendo ser vivido com uma crise ou como oportunidade de fazer o que sempre se quis fazer.

Atletas da década de 1990

- Marcelo José de Souza (Jogos de Atlanta)

Como representante desta fase o atleta Marcelo José de Souza, conhecido como Marcelinho Paulista. Atleta das categorias de base do Sport Club Corinthians Paulista, dos 11 aos 20 anos narra sua dedicação ao clube, à família e aos estudos. Aos 17 anos de idade prestou vestibular e passou no curso de psicologia, mas por motivos profissionais, desistiu de cursar, porém a valorização do estudo sempre fez parte da sua trajetória de vida:

“[...] mesmo porque eu sempre acompanho muito reportagens essas coisas... sempre existe um questionamento em cima do ex-atleta, ah ele está falando isso só porque ele é ex-atleta, ele não está embasado pra falar disso, então assim uma coisa que eu tenho hoje, hoje eu tenho muita tranquilidade pra falar sobre o que eu faço é porque eu vivenciei e depois fui

entender os porquês, então e assim depois que eu passei pra área de gestão também fui me especializar na área de gestão foi justamente pra não ter, ah você é ex-atleta, sou ex-atleta sim com muito orgulho, vivenciei coisas que eu tenho certeza que 99% da população não vai vivenciar [...]

A educação formal faz parte das dimensões da carreira esportiva. Soares et al. (2011) esclarecem que ao mesmo tempo em que os atletas estão em formação física é no mesmo período que acontece a educação básica, exigindo do jovem dedicação, o que pode ser um investimento para o mercado de trabalho. No artigo, os autores discutem que a vida escolar parece não ser fundamental para o sucesso na carreira atlética. Mas a ideia da educação pelo esporte é duplamente potente em nossa sociedade, não se questionando o que um grande número de jovens do sexo masculino podem perder investindo no futebol. No caso de Marcelinho Paulista, o atleta vem de uma família que priorizou os estudos e o trabalho; o atleta relata que por diversas vezes tinha jornada tripla, onde treinava futebol, trabalhava como pedreiro com o pai e ainda estudava.

Para o atleta a profissionalização lhe trouxe a correria dos campeonatos o que não permitiu conciliar com o curso superior, retomando o projeto somente em 2004 quando retornou da temporada espanhola. Naquela época, ainda tinha idade para estar ativo, mas já aspirava outros horizontes, tinha planos para finalizar a carreira e sua família já mostrava sinal de cansaço. Buscou investir na educação e se formou em Educação Física.

Ao avaliar a sua carreira, Marcelinho conta que apesar dos três turnos serem puxados, era o que queria. Sua família questionava se não era demasiado seu esforço, mas o que o motivava era o fato de ter na figura do seu pai uma pessoa que apesar de analfabeta ter a consciência de que através de suas atitudes os projetos poderiam acontecer.

“no começo é um sonho de você ser jogador de futebol, de você ser reconhecido, você não pensa em dinheiro lá no início, não é o pensamento do dinheiro, mas com o tempo, você vai acompanhar todo mundo, porque todo mundo se sacrifica com você, quando você vem de uma família humilde, todo mundo está compondo a sua ideia, passa a comprar sua ideia, [...] é um privilegiado, porque você fazer uma coisa que você ama e você ainda receber pra isso é maravilhoso[...] não tem problema nenhum em falar que no cenário do futebol na década de 90 eu era jogador mediano[...]

Super (1957 apud BENDASSOLI, 2009, p.390) propõe que “as profissões são um papel fundamental em torno das quais se organiza a estrutura da personalidade

dos indivíduos. Especificamente, a carreira é o veículo pelo qual estes últimos se autorrealizam e desenvolvem seu autoconceito, a ideia que têm de si mesmos ao longo de seu processo evolutivo de maturação”. Tendo o autoconceito com o sentido de identidade, podemos pensar no processo de desconexão e reconversão, onde Marcelinho ressignifica a sua trajetória tendo uma fluidez que pode ser resultado de ocupação de outras identidades sociais.

Ao narrar sua participação nos Jogos Olímpicos, Marcelinho aborda a situação de não ficar na Vila Olímpica e de se sentir “à parte” da festa. Em Miami, distante de Atlanta, o atleta comenta que não chegou a vivenciar o desfile, a convivência com os atletas de outras modalidades e nacionalidades, bem como com os atletas brasileiros.

Importante lembrar que Marcelinho é um atleta medalhista, mas isso não foi mencionado por ele do ponto de vista individualizado ou mesmo como dado relevante. É fato que a transição de carreira para os atletas profissionais apresenta peculiaridades, como a ascensão social (RUBIO, 2012).

Atletas de 2000

- Fábio Aurélio Rodrigues (Jogos Sidney)
- Athirson Mazzoli e Oliveira (Jogos Sidney)
- Alexsandro de Souza (Jogos Sidney)

Atletas profissionais, com identidades midiáticas, com histórias de vida relacionadas à lógica do mercado econômico financeiro e com inícios de carreira esportiva ascendente, rápida e constituída em categorias de base de grandes clubes brasileiros. Participações em competições sub-15, sub-17 e sub-20, efetivando a profissionalização logo em seguida a participação nos jogos olímpicos.

Dentre estes três atletas, dois estavam na ativa na época das entrevistas: Fábio Aurélio e Alexsandro de Souza (Alex).

Athirson Mazzoli e Oliveira, ex-atleta de futebol, convocado para a Seleção Brasileira em 2000 e participando dos Jogos Olímpicos neste mesmo ano, e não sendo convocado para participar de nenhuma edição da Copa do Mundo. É um atleta que representa e sintetiza em sua história de vida a difícil trajetória profissional esportiva.

Sua família tinha uma condição econômico financeira estável, seu pai era militar e ele morou um período da infância para a adolescência no Forte São João,

fortaleza de propriedade do Exército Brasileiro, localizado na cidade do Rio de Janeiro, na Urca, bairro nobre da cidade. No início da década de 90, seu pai é transferido para a cidade de Resende e Athirson vive a necessidade de adaptar-se às mudanças passando a integrar o grupo de aspirantes que buscava um lugar para a prática da modalidade e que acaba entrando no sistema desportivo iniciando sua carreira nas categorias de base de um grande clube carioca.

As narrativas do atleta levam a pensar sobre a necessidade de interação com os conceitos de temporalidade e ação, pois na dimensão do trabalho esportivo, descobrir-se cidadão do mundo faz com que ele se aproxime das histórias coletivas sobre as trajetórias profissionais.

Sua entrada no sistema desportivo o levou ao encontro do time do coração: Clube de Regatas Flamengo. Esse encontro ganhou tamanha importância na sua vida que as outras dimensões sociais ficaram em segundo plano.

“Eu faltava à aula às vezes para participar de campeonatos, jogos... mas é porque eu gostava muito... Meus pais também não sabiam, mas eu não aconselho a fazer porque é algo errado. Aquilo é porque eu sempre tive vontade de ser jogador mas nunca ... Meus pais deixaram... sempre me obrigando a ir para a escola, sempre fazendo com que eu estudasse e fizesse outra atividade que era o futebol onde que eu fui educado também não só na parte do futebol mas pra ser homem[...].”

A educação formal passa a ter uma importância secundária na vida do atleta. Apesar da valorização familiar em relação ao seu empenho e formação escolar, comentando que a educação que teve foi outra, a de ‘ser homem’, aqui referendada pelo conjunto de valores relacionados a fibra, raça, coragem, competência, etc. a identidade atlética passa a ser formada de fato quando Athirson escolhe o futebol de campo e não o de salão.

Alex também vivenciou escolha semelhante e com 15 anos optou somente pelo futebol de campo. Ele aponta que o “futebol proporcionou praticamente tudo, saí da periferia tive uma condição de ter um crescimento econômico que minha profissão permitiu, ajudar meus pais e meus irmãos e também algumas pessoas da família, de frequentar ambientes diferentes dos quais eu estava acostumado, então o futebol me deu uma proporção, um leque de caminhos absurdo”.

Para Fábio Aurélio, a questão da iniciação profissional e os estudos foram quase que incompatíveis. Fábio veio para São Paulo tendo completado o sexto ano e no São Paulo F.C. estudou o sétimo, mas a coordenação de horários de treino,

estudos e visitas foi a justificativa para não dar continuidade aos estudos. Contava com um padrinho como apoio, pois a família não tinha condições de sustentar as viagens entre São Carlos (SP) e a capital.

Concomitante a este processo, veio a convocação para a seleção brasileira

“[...] e vem a convocação e eu sou convocado para a seleção, então foi assim muito, muito rápido, de repente e foi uma notícia assim que era um sonho, como um sonho se tornando realidade sem eu mesmo perceber”.

O resultado da convocação ao mesmo tempo em que efetivava para Fábio a identidade atlética, representava de forma real a primeira oportunidade de ser vislumbrado no exterior.

“Mas falando das olimpíadas, foi muito importante para mim porque fisicamente foi o meu melhor momento, apesar da gente não ter chegado até a final, particularmente eu fiz uma campanha muito boa e que depois das olimpíadas me abriu as portas no Valência da Espanha”.

A narrativa do atleta aponta a necessidade que o mesmo teve em redimensionar a sua identidade. De identidade particular para pública.

“é aquela coisa que a gente de criança sempre vê, aqueles símbolos, os arcos lá, então aquela coisa te chama muito à atenção, porque São todas as modalidades reunidas juntas, profissionalmente também no futebol é o time olímpico, ele meio que pré-antecede um pouco o que vai ser a seleção brasileira profissional ou os próximos jogadores que vão estar na seleção principal”.

Desta forma, o processo de identidade profissional no caso de Fábio foi desenvolvido considerando as pré-definições citadas no contexto esportivo de alto rendimento, passando pelo enfrentamento de desafios e limites que no caso deste atleta foram vivenciados pelas situações frequentes de lesões (BORGES e CASADO, 2013). Fábio esclarece que na época da entrevista sentia estar perto da finalização da carreira, pois avaliava que não tinha mais condições físicas para lidar com as demandas exigidas pelos clubes profissionais.⁵⁵

⁵⁵ <http://globoesporte.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/noticia/2014/10/aposentado-fabio-aurelio-revela-magoa-com-gremio-e-critica-selecao.html> . Acesso em 15/11/2014

Além disso, Fábio comenta sobre a situação de decadência profissional que vivia na época; contratado pelo Gremio Foot-Ball Porto Alegreense a pedido do técnico, quando este se desligou do clube antes do término da temporada, a nova comissão técnica e a presidência do clube não o aproveitaram e não autorizaram que ele treinasse junto com o time oficial. Havia um horário reservado para ele e mais alguns atletas que estavam na mesma situação.

“Bem desagradável, porque sempre fui profissional, tenho uma carreira toda, uma trajetória por de trás, mesmo aqui no Grêmio todos podem falar isso, o tanto que eu me esforcei, o tanto que eu me empenhei que eu tive para me recuperar pra estar a disposição, eu mesmo pus isso em questão, falei: “vocês me bancaram, eu passando durante todo o meu problema e agora que vocês podem usufruir do meu futebol, já que vocês me trouxeram pra usufruir do meu futebol, vocês resolvem me afastar”, - eles te tratam como você fosse um marginal, um bandido porque você não pode ver os seus próprios companheiros, você não pode ver, você não pode coincidir os horários com as pessoas”.

Questões relativas ao desamparo, ao constrangimento e à violação de direitos devem ser tratadas no âmbito esportivo. São mais comuns do que se pensa e podem gerar estados emocionais graves. A transição pode ser vivenciada neste sentido como uma ferida moral e também como uma limitação física, o que aqui, pontuo como uma possibilidade de estabelecer uma relação quase que direta: *in mente sana corpore sano*.

Assim como Athirson adentra a fase da espetacularização e da racionalização do espetáculo esportivo que têm levado o esporte e o atleta a serem vistos apenas como mais um produto de consumo, Fábio Aurélio e Alex também passam por este processo. A consequência dessa exploração é a racionalização daquilo que ele possui de mítico. No mito, o herói se dedica a outrem, a causas externas e à salvação da humanidade. Na sua versão racionalizada, ele se torna um personagem necessário ao sistema e tem suas realizações voltadas para si próprio, denotadas em signos manifestos em uma vida de pseudofatura (RUBIO, 2001).

E o início da trajetória, não necessariamente, traduz como será o seu caminhar, porém fortalece suas escolhas durante o caminho.

“Mas ali, quando você chegou, você pode estar satisfeito e feliz, mas não era só aquilo... Ali começava a cobrança maior que era vestir o manto sagrado, que era vestir a camisa do Flamengo, que era você entrar e representar uma torcida de 40, 50 milhões de torcedores. Então, você

entrava dentro de campo sabendo que você estava representando, se você jogasse bem era muito legal, parabéns, mas se você não jogasse bem ou desse algum tipo de falha A cobrança era enorme porque futebol é cobrança o tempo todo.” - Athirson

Athirson, torcedor do Flamengo desde a infância, aos 19 anos torna-se jogador profissional, enfrenta situações aversivas, demonstrando impotência e certa frustração por não saber lidar com a nova situação.

“Eu lembro que no início foi muito legal, os torcedores conhecendo, falando na rua : ‘Pô, você vai ser um grande jogador’ e aquilo ali pra mim era muito legal... Mas depois veio o outro lado, o time não tava bem, a cobrança vinha... Você era o jovem e você tinha que tentar, e no Flamengo não tem essa, de você ser jovem ou ser experiente, você tem que jogar bem, pelo menos ou correr ou se destacar na parte física. Como o resultado não vinha, estavam perdendo muitos jogos em casa, a torcida normalmente cobrando, jogando pedra, aquela coisa toda... Naquela hora você fala: “Caramba!” realmente é uma coisa que você tem que pensar se você quer viver... é claro que é o Flamengo, que você tá representando, mas você fica com medo.”

Acreditando na impossibilidade de dar continuidade à construção da carreira esportiva, o ex-atleta depois de atuar pela Seleção Brasileira, em 2000, na edição dos Jogos Olímpicos de Sidney, tentou a carreira no exterior. Na época, com 24 anos de idade, por intermédio de seu agente, foi vendido para a Juventus da Itália.

Em plena atividade profissional, sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso, embora ser profissional em si já seja um valor, a construção da carreira deste ex-atleta é construída em meio à trama clubística. A carreira inicia-se efetivamente e, por vezes termina, em um centro de formação (DAMO, 2007). A passagem pela Seleção Brasileira apesar de ser tida como o ‘máximo do futebol’ não gerou o impacto esperado:

“A Olimpíada é... acho que era oportunidade única... Mais difícil do que uma Copa do Mundo ou do que um Sul-americano, Copa América ou alguma coisa assim, porque são dois que se classificam de um torneio onde tem seleções extremamente fortes, com idade até 23 anos [...]

(Foi para a Itália em 2001, logo depois das Olimpíadas) “Só que não tive a felicidade de jogar muito... Aí, eu queria ir para a Copa do Mundo. Tinha um sonho de disputar uma Copa do Mundo e lá eu não vinha jogando como titular como eu jogava no Flamengo. Tentei voltar para o Flamengo para conseguir, mas já era fevereiro, março. A Copa do Mundo era em junho de 2002. Mas tentei! Se eu não tivesse ido para a Itália naquele período, de repente eu poderia ter mais chance... Eu vinha sendo convocado antes de ir para a Itália e, aí, eu me arrependo um pouco... Mas, se eu tenho que tomar uma decisão na vida... E uma decisão que eu tomei, se foi certa ou errada, foi uma decisão que eu, hoje, me arrependo por não ter conseguido disputar [...]”

A tomada de decisão está diretamente relacionada à capacidade de autonomia do indivíduo. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de inúmeras decisões que serão tomadas no decorrer da vida e em suas várias dimensões. Porém, no contexto do futebol, as experiências estimuladoras de decisão e responsabilidade são raras (LEME, 2011).

No futebol globalizado e, cada vez mais vinculado ao marketing, ainda tem espaço para os afetos. Sem essa emoção, que vincula dedicação com pertencimento à atividade que desempenhou o atleta, se distanciaria dos torcedores, fazendo com que o futebol fosse apenas mais uma atividade laboral. Se os jogadores podem ser comparados às mercadorias, também revelam uma diferença em relação a elas por possuírem afeto.

Na relação de construção da identidade tecida na trajetória esportiva, a elaboração de um plano de carreira pode ser influenciada por situações adversas como lesão, levando ao processo de transição compulsório e não planejado. Retirar-se da carreira esportiva significa a necessidade de adaptar-se a uma nova condição de vida, em diferentes papéis e, realizando ações que, não necessariamente, estarão relacionadas com a identidade do passado. Por isso, é fundamental entender o processo de construção da identidade do atleta para poder prestar a atenção necessária a esse momento de transformação e alteração. Isso porque, a identidade do atleta pode ser compreendida a partir do aspecto motivacional, ou seja, as razões que o levaram a se destacar da média e alcançar posição de destaque em sua modalidade dentro da esfera competitiva. Esse traço está relacionado com sua capacidade de perseguir objetivos e persistir diante da adversidade (RUBIO, 2012).

Na Alemanha o jogador fala de sua rápida estada, justificando seu retorno pela doença da filha. Diz ter aberto “mão do dinheiro e da profissão” para retornar ao país e ficar ao lado da família. A *entourage*, configuração social de pequena escala (família, amigos, entre outros) é determinante em alguns momentos, tanto para encorajar o atleta a seguir em frente, quanto para usufruir dele os benefícios conquistados durante a trajetória profissional (DAMO, 2007).

Ao retornar, Athirson ficou um ano sem atuar profissionalmente (2006), então com 29 anos de idade, ainda no auge do ciclo de aprimoramento, sem contato e

contrato com os agentes que o comercializaram para o exterior nos anos anteriores e sem o interesse do Clube de Regatas Flamengo em reintegrá-lo ao grupo. Mesmo com esta situação, o jogador não avaliava a possibilidade de finalizar a carreira. Associando-se com um agente, deu continuidade à carreira de jogador, trabalhando com outros clubes e, acumulando a função de agente de futebol como atividade complementar.

A teoria de Savickas e Super (2002, 1957) sobre carreira pode ser relacionada com o caso de Athirson, embora o planejamento de carreira do atleta não tenha ocorrido. O que se observa é que uma série de tentativas de retomada ao meio esportivo com o intuito de restabelecer a identidade atlética foram feitas, porém, a identificação clubística por vezes foi dado limitante para que a carreira esportiva pudesse ser valorizada. Fatos como a escolha do clube, bem como a divisão ao qual este pertencia, foram aspectos relevantes para a precoce finalização da carreira esportiva do ex-atleta.

“Hoje, cuidando das minhas filhas... Daqui a pouco tenho que levar ela para a escola... E esperando uma oportunidade do futebol, ainda quero jogar mais um pouco... Ainda não pintou uma coisa que me chamasse que me atraísse muito, mas quero continuar porque eu gosto de jogar, nem é pela parte financeira é mais pelo prazer... Eu quis voltar para o Flamengo, eu expus isso até, mas infelizmente, não foi possível, não sei por quê.”

A emoção apresentada por Athirson nas imagens gravadas demonstra, conforme afirma Giulianotti (2002, p. 162): “[...] que a experiência real da aposentadoria pode ser semelhante a uma forma de morte pública”. Morte essa que, atualmente, no caso dos atletas, acontece por volta dos 35 anos de idade. Esse fato faz com que os atletas diferenciem-se das demais profissões, em que a aposentadoria também acontece e, muitas vezes não é fácil de ser gestada, porém ela ocorre com uma idade mais avançada.

Ao final da entrevista, quando perguntado ao ex-atleta se ele gostaria de falar algo que não tivesse sido registrado, ele faz um agradecimento aos fãs.

Alguns atletas do futebol atingem uma condição midiática tamanha que, em pouco tempo, são transformados em celebridades. Sua vida passa a ser detalhada pelos meios de comunicação como forma de revelar para os seus fãs quais são os interesses do atleta. Arelado à visibilidade, alguns conseguem vencer a condição de celebridade, mantendo-se mais tempo em evidência. Aos atletas que permanecem por mais tempo em evidência, o sucesso poderá ser medido por meio do apoio que

recebem do público, dos programas esportivos que frequenta, das inúmeras reportagens e propagandas que participa. Essa visibilidade, em grande parte dos casos, é diretamente proporcional a excelentes recompensas financeiras. Talvez não seja despretensiosa a nova carreira escolhida: comentarista esportivo em canal fechado.

Para Alex ter participado dos jogos foi uma experiência singular e ao mesmo tempo turbulenta. Na época, o técnico Vanderlei Luxemburgo “teve uma CPI em cima dele, começaram existir vários questionamentos, não em cima do profissional mas sim da pessoa do Vanderlei é uma coisa que eu lamento muito até mesmo anos depois, essa equipe não se preparou pra chegar aos Jogos Olímpicos e encarar o poder da competição”. Interessante que a avaliação de Alex demonstra a necessidade que ele individualmente tinha de lidar com a questão, pois tinha uma relação muito próxima com o técnico e um papel importante a desempenhar.

“Quando eu fui pra Olimpíada eu era uma das referencias daquele time e quando você é uma das referencias você carrega um pedaço desse fardo um pouco maior em quem é referencia, sempre fui assim e vivi de maneira intensa no esporte, porque é um período muito curto, daqui a pouco minha carreira acaba e aqueles Jogos com certeza tem uma marca importante não pro atleta que eu sou mas no homem que eu vou ser pra sempre porque eu vi de perto que é importante você participar de uma situação como aquela, vencer deve ser maravilhoso porque perder foi realmente a minha maior derrota como atleta foi aquela participação”

A identidade profissional se interrelaciona com as dimensões sociais e o desafio de estabelecer novas metas e lidar com os processos de transição. O envolvimento como papel de atleta integrado a interesses da vida cotidiana também está relacionado às experiências de transição voluntariamente desencadeadas aos comportamentos de enfrentamento sustentados por maior percepção subjetiva de controle sobre a mudança e a utilização de competências transferíveis (RUBIO e FERREIRA JUNIOR, 2012). Neste sentido a capacidade de liderança, resiliência e administração de situações estressantes também são atributos presentes no papel de atleta.

Sendo assim, Alex menciona de forma semelhante a que Athirson e Fábio Aurélio fazem, a não compreensão da dispensa ou da rejeição vivida no seu desligamento do futebol árabe, onde por sete anos foi ídolo e teve seu contrato rescindido via ligação telefônica.

“único atleta do mundo que tenha feito sucesso e tenha sido dispensado, porque não existe um motivo específico pra eu ter sido mandado embora, simplesmente chegou um dia o treinador disse que não contava mais comigo e acabei sendo dispensado e retornei ao Coritiba, que no período fora de Coritiba eu sempre fiquei pensando nisso, de como eu ia fechar esse ciclo jogando no Coritiba, então como teve esse problema eu acabei retornando em Outubro do ano passado e agora vou seguir provavelmente no final do meu contrato fecha esse ciclo ai como atleta e ai vou fazer outra coisa”.

E como realizar esta mudança de status: retornando às origens, onde a aceitação é de fato afetiva e reconfortante. Ser atleta é fazer parte, é destacar-se entre os comuns, alcançando feitos suficientemente satisfatórios aos anseios sociais por referências de conduta e reforço da autoestima. Porém, deixar de ser atleta pode representar não mais saber quem se é, e para a sociedade, não mais existir (FERREIRA JUNIOR, 2014). Alex, com 36 anos na época da entrevista enaltecia sua condição física, sua boa relação com o clube e a torcida e os 20 anos como profissional condições que lhe garantiam mais algum tempo sem pensar na aposentadoria. Na entrevista o atleta não mencionou seu envolvimento com o movimento Bom Senso F.C., mas indicou a necessidade de estudar:

“necessito de cursos de gestão e treinador pra eu ter uma licença pra treinar com o futebol, mas não que isso seja o que vou fazer depois, vou fazer isso como uma pré, para que caso aconteça eu já esteja preparado, mas não uma situação que eu tenha, que vou ser treinador, vou ser gerente, não tenho definido, mas vou preparar pra que caso aconteça eu já esteja precavido.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O percurso esportivo de um indivíduo é constituído da integração entre o sistema esportivo e o sistema do trabalho, assumindo cada vez mais um caráter profissional (BRITO, 2001).

Ao ingressar no mundo do esporte, o indivíduo compromete-se de forma progressiva e intensa a assumir o papel de atleta. O sucesso esportivo, aliado a este fato, conduz a uma maior identificação com a função (BRITO, 2001). Brewer, Van Raalte e Linder (1993, apud BREWER, 1998, p. 2) defendem que o conceito de identidade atlética se refere ao *“grau relativamente ao qual o indivíduo se identifica com o papel de atleta”*.

No Brasil, além da profissão ‘atleta profissional’ ser reconhecida pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho de 1º. de maio de 1943) e pelo Ministério do

Trabalho e do Emprego através da CBO (Classificação Brasileira de Ocupação)⁵⁶, no Ministério da Previdência Social, desde a década de 90, vigora a instrução normativa que estabelece critérios a serem adotados pela área de benefícios (Instituto Nacional do Seguro Social-INSS)⁵⁷, especificamente, para atletas profissionais de futebol.

É interessante lembrar que a atualização desta instrução normativa foi realizada em 2006, antecedendo dois anos a cerimônia onde o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, recebeu no Palácio do Planalto os ex-campeões mundiais de futebol prometendo uma aposentadoria especial aos atletas⁵⁸; esta foi promulgada em 2012, na Lei da Copa (Lei n.12.663), sancionada pela Presidente Dilma Rousseff⁵⁹.

Não somente os atletas de futebol, mas a categoria 'atleta profissional', foi convidada pela Federação das Associações de Atletas Profissionais (FAAP), em 2010, a conhecer o programa "Cidadania e Previdência", onde atletas com mais de 55 anos, desempregados, que ainda não haviam completado os 15 anos de contribuição junto à Previdência Social teriam a chance de se aposentar.⁶⁰

Esboçando preocupação com o tema, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), apresentou em dezembro de 2011, o Programa de Apoio ao Atleta, uma parceria entre o COB e o Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), oferecendo "suporte e planejamento à formação dos atletas para que assumam uma nova atividade

⁵⁶Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Portal do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em 25 Fev. 2013.

⁵⁷Instrução Normativa INSS/PR nº 11, de 20 de setembro de 2006 - DOU de 21/09/2006. Estabelece critérios a serem adotados pela área de benefícios. Disponível em: <http://www.sindifisp.org.br/sindifisp/www/servicos/filiacao/pdf/60.pdf>>. Acesso em 03 Mar. 2013.

⁵⁸ [...] Lula propõe aposentadoria a ex-campeões mundiais de futebol. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,lula-propoe-aposentadoria-a-ex-campeoes-mundiais-de-futebol,196434,0.htm>>. Acesso em 20 Fev. 2013.

⁵⁹Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei No. 12.663, de 5 de junho de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm>. Acesso em: 20 fev. 2013.

⁶⁰ [...] FAAP lança programa para ajudar na aposentadoria de ex-atletas profissionais. Disponível em: http://www.faapatletas.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id57&catid=57>. Acesso em: 20 Fev. 2013.

profissional quando deixarem o esporte de competição”. Dentre os atletas selecionados, nenhum praticante da modalidade futebol.⁶¹

Mesmo com reconhecimento social, a carreira atlética sofre com a falta de investimento em gestão de carreira esportiva. A trajetória esportiva promove várias transições de diferentes tipos – transição da iniciação esportiva, passando pelo treino intenso, até à alta competição; transição do esporte infantil para o juvenil, deste para os juniores, para a categoria adulta e, finalmente, para os seniores; transição do esporte amador para o profissional ou transição para o término da carreira esportiva. Todas estas transições envolvem exigências de ajustamento com características próprias, sendo a área de Gestão Esportiva a responsável por intervir neste contexto (PIRES e SARMENTO, 2001).

Nos estudos sobre carreira, Ribeiro (2011) aponta que a concepção de carreira subjetiva, também nomeada de carreira interna ou desenvolvimento vocacional, tinha como função primordial entender como cada pessoa construía sua trajetória de vida no trabalho através das funções, cargos, empregos e trabalhos desenvolvidos, tendo como foco o indivíduo e a análise das suas escolhas. O sentido da carreira era construído como processo psicossocial marcado pelas escolhas previamente realizadas pelas pessoas e pela significação *pos factum* de suas trajetórias de trabalho.

O autor esclarece que a Administração, que exerceu as principais influências para a construção das representações sociais sobre a carreira, a define como a sequência de empregos, cargos ou funções que marcava o progresso dos indivíduos ao longo da vida.

Já a Psicologia, cujo eixo central é o indivíduo, postula a carreira como vocação; veículo de autorrealização; componente da estrutura individual da vida (DAWIS e LOFQUIST, 1984; HOLLAND, 1997; SUPER, 1957; RIBEIRO, 2009a).

A Psicologia Social, que tem suas bases tanto na Psicologia, como na Sociologia, entende a carreira como resposta individual mediada às requisições externas dos papéis sociais (SAVICKAS, 1997); sequência evolutiva das experiências de trabalho de uma pessoa, em dado contexto, ao longo do tempo;

⁶¹COB. COB lança programa de apoio ao atleta através do Instituto Olímpico Brasileiro. Disponível em: <http://www.cob.org.br/noticias-cob/cob-lana-programa-de-apoio-ao-atleta-atravs-do-instituto-olimpico-brasileiro-024508>>. Acesso em: 20 Fev. 2013.

relação dialética de construção contínua entre indivíduo e sociedade (RIBEIRO, 2009a).

O sucesso ao longo das transições na carreira esportiva, exige a busca pela autonomia pessoal durante a carreira e a consciência de formas de investimento, reinvestimento e desinvestimento dentro e/ou fora da área esportiva. No Brasil, de certa forma, isso pode ser observado no programa de gestão de carreira elaborado pelo Santos Futebol Clube em parceria com a NR Sports para gerenciar, especificamente, a carreira esportiva do atleta Neymar da Silva Santos Júnior.⁶²

De acordo com Werthner, Orlick e Steveson (apud BOTTERIL, 1983, p. 164), o fato de os atletas dependerem, quase na totalidade, do sucesso esportivo, torna-os extremamente vulneráveis do ponto de vista psicológico, a qualquer flutuação ou declínio na performance.

A qualidade das transições depende de fatores de adaptação, tais como experiências de desenvolvimento, autoconceito, percepções de controle, identificação social e contribuições de terceiros, bem como de recursos disponíveis para enfrentar a adaptação, nomeadamente, estratégias para lidar com a situação, apoio social e um planejamento prévio do desinvestimento na carreira (BRANDÃO et al., 2000).

De acordo com a Teoria da Carreira (ARTHUR, HALL e LAWRENCE, 1993, p. 11), o trabalho pode fornecer ao indivíduo uma forte influência, quer nas adaptações pessoais, quer no desenvolvimento que experimenta ao longo da vida. O valor desta teoria reside no fato de considerar o indivíduo como um todo na sua relação com as situações de trabalho e, por considerar ainda, o indivíduo e a organização para a qual trabalha, sendo fundamentais, direitos e deveres de ambas as partes.

Martins e Brito (1999) afirmam que a carreira esportiva corresponde a uma atividade desenvolvida por um indivíduo, numa estrutura esportiva altamente organizada, ao longo de diversos anos e, através da qual se alcança um autodesenvolvimento, bem como sucesso esportivo.

Para Salomé Marivoet (1998), o envolvimento em práticas esportivas inseridas em quadros de competição, decorrem tanto dos valores socioculturais dos atletas, relativamente à atividade esportiva, assim como da valorização dada ao

⁶²HAZAN, M. Neymar FC: Conheça o time que trabalha para manter o astro no topo http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2013/03/neymar-fc-conheca-o-time-que-trabalha-para-manter-o-astro-no-topo.html?utm_source=Canal>. Acesso em 10 Mar.2013.

esporte nos espaços sociais em que se inserem. Deste modo, o envolvimento em carreiras esportivas, o êxito e permanência nas mesmas, não poderão ser entendidos, apenas considerando, características fisiológicas, pedagógicas ou de personalidade, enquanto potencializadoras de maior desempenho e maior determinação e adaptação às expectativas exigidas por técnicos e organizações esportivas.

O estudo realizado por Bastos (2009) concluiu que a participação das esferas sociais, mais especificamente, pais e amigos, preconiza uma boa preparação para o planejamento da carreira esportiva, incluindo a finalização de carreira. Além disso, avalia, especificamente, a importância do técnico como agente facilitador deste processo, apontando que estratégias de comunicação são eficazes nesta tarefa.

Os abusos psíquicos, físicos e sociais vividos nas mais diferentes fases da carreira esportiva e, pouco considerados por muitos atletas e técnicos, fazem com que a contribuição de outros profissionais possa fomentar a possibilidade de planejamento, não só da carreira esportiva, mas também de sua finalização.

A amostra desta pesquisa é constituída por 10 ex-atletas e 2 atletas em atividade. As narrativas revelaram histórias de vida que em comum os levaram a participar de pelo menos um evento olímpico e os uniu na ideia de que o futebol olímpico tem a mesma importância para a carreira esportiva do que qualquer outra competição fazendo parte das atividades da profissão.

De acordo com as entrevistas, somente 4 finalizações de carreira foram voluntárias, planejadas, desejadas. Destas quatro, três ainda podem ser consideradas carreiras esportivas pois mantém seus protagonistas ligados ao contexto do esporte: Elizeu é comentarista esportivo, João é assessor de deputado estadual que lida com projetos esportivos e Marcelinho Paulista trabalha em gestão esportiva. Somente Vitor Braga é que desenvolveu uma nova carreira, a carreira herdada de marchand, produtor de cachaça e corretor imobiliário definindo-o como comerciante. Dentre estas novas carreiras, observamos que a identidade profissional funcionou como âncora para os que se mantiveram no contexto esportivo. De alguma forma, a diversificação das atividades profissionais levaram a flexibilização das identidades pessoais, priorizando a relação do sujeito com a sociedade, articulando os processos de adaptação e ampliando o sentido do trabalho e do papel social a ser desenvolvido.

Os outros seis ex-atletas tiveram seus processos de transição de carreira e seus ciclos vivenciados de forma intensa promovendo uma finalização involuntária. Destes, destacamos Arnaldo de Mattos e Eudes Lacerda Medeiros, atletas das décadas de 1960 e 1970 respectivamente, que se aposentaram de forma involuntária por motivos financeiros e devido ao fato do contexto amador da época não permitir que os ex-atletas pudessem gerenciar suas carreiras de forma onde as redes de contato e as pluralidades da atividade profissional fossem fontes de sustentação da articulação das diferentes dimensões sociais.

O caso de Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão) apresenta uma característica diferente. Apesar da finalização da carreira ser narrada nas questões político institucionais (passe livre), havia também um descontentamento com o tratamento recebido das agremiações esportivas que não contribuíam para a motivação da continuidade da carreira atlética. Não só a desvalorização do capital corporal ocorreu, bem como a não construção de uma identidade profissional fortalecida, pois para que isto acontecesse, Chicão dependia da rede de relacionamentos e de apoio que não foi estabelecida a contento. A instabilidade gerou trocas mútuas entre indivíduo e organização privilegiando de certa forma a ação individual em detrimento da grupal.

A lesão é um fator que pode levar ao término precoce da carreira atlética. A pesquisa apresenta os casos de Erivelto Martins, João Batista e Athirson Oliveira chamando a atenção para que todos os três ex-atletas pararam, em média aos 32 anos de idade, sem episódio específico, gerenciando o desconforto da lesão e da dor que sentiam durante toda a carreira, sendo que não abandonam a carreira esportiva, já que um é técnico da modalidade e os outros dois são comentaristas esportivos. Portanto, a carreira esportiva, com as competências desenvolvidas durante a carreira atlética gera mudanças de realidade vivida criando um corpo de conhecimento vasto e variado que auxilia na adaptabilidade e na resiliência para a construção dos temas de vida promovendo significados no novo contexto das estruturas sociais que se apresentam.

Os dois atletas em atividade representados na amostra por Fábio Aurélio e Alessandro de Sousa (Alex) contribuem para o entendimento da carreira atlética em sua concepção e desenvolvimento. Em fases diferentes da carreira, os dois não planejaram a finalização e salientam a necessidade de formação acadêmica para uma nova profissão. Salientamos que os dois atletas compõem a geração de

personagens midiáticos, com histórias de vida permeadas por experiências internacionais e um portfólio profissional de reconhecido valor social, porém nem sempre institucional.

Fábio Aurélio ainda não se dava conta da temporalidade como fator decisivo na sua narrativa. Comentou que estava em fase de finalização da carreira atlética sem, contudo saber se a carreira esportiva poderia ser uma opção futura. Sem demonstrar autonomia, criatividade ou capacidade de reinventar o próprio trabalho o atleta não conseguia narrar a carreira entre a história coletiva e a história individual priorizando as queixas e não dando sentido para a questão do trabalho.

Alex, ao contrário, narrou sua carreira considerando os aspectos relacionais coletivos e individuais, negociando os significados de sucesso na carreira atlética com os apoiadores, com as instituições, com os atores sociais (família, técnico, torcida, comunidade) e dando chance para que a construção de um projeto de transição de carreira pudesse ser um dos temas de vida levando a uma metamorfose identitária.

Assim, a partir da apresentação das doze entrevistas, o que se pode concluir é que a gestão da carreira esportiva proporciona a articulação com diferentes papéis sociais, levando a pessoa a adaptar-se às novas interações e a considerar o trabalho como mais uma das dimensões da vida e não como a única, sendo que o projeto de carreira é também, um projeto de vida. É através da identidade de trabalho que podemos articular nosso lugar no mundo e considerar o desenho da vida com suas diferentes competências e realizações.

Considerações Finais

O objetivo desta tese era identificar e analisar como se dá o processo de gestão da carreira esportiva a partir da perspectiva da transformação da identidade nos diferentes ciclos que compõem a carreira, buscando discutir os processos de formação de identidade atlética, bem como as formas de gestão profissional da carreira esportiva, apontando significados e sentidos no decorrer do seu desenvolvimento, em sua finalização e na construção de uma nova carreira.

O processo de gestão de carreira é realizado de variadas formas e inclui não só o conhecimento do contexto de trabalho, mas principalmente dos seus temas de vida. Múltiplas caracterizações foram apresentadas pelos diferentes representantes da amostra considerando que as diferentes gerações profissionais foram aqui abarcadas pelas narrativas biográficas.

De forma simbólica, foi possível compreender que a transformação da identidade transporta a história vivida e a que está por vir para uma identidade imaginada e que envolve sentimentos de pertença e trajetórias de sofrimento na construção repetida dos ciclos de vida profissional.

Inseridos em um contexto social que é regulado por leis, projetos de leis, resoluções e interações sociais complexas, os protagonistas deixam transparecer que muitas vezes não têm claro a relação entre a carreira objetiva e a subjetiva, tanto que somente 33% da amostra (quatro ex-atletas) revelaram uma boa relação vivendo uma transição de carreira trabalhada ciclo a ciclo, não só em relação às competências exigidas para a nova carreira mas também do ponto de vista social, com a participação da *entourage* e da motivação para o processo de mudança.

No sentido de constituição do campo de trabalho e suas possibilidades, o que se percebe é que definir o que é um atleta de futebol exige respostas do atleta sobre quem ele é, onde deseja estar no mundo do trabalho, como irá ligar-se à profissão e que ela não será a única dimensão da vida a ter investimento, pois ter vontade somente não lhe dá a condição de executar, mas sim, o desejo de construir um objetivo, compreender o tipo de trabalho realizado, o que ele pode lhe proporcionar para o futuro, gerando confiança nas escolhas que fez e fará.

Futuros desafios

A tese apresentou por meio das narrativas biográficas as características da cultura do esporte no Brasil no que se refere às transições de carreira dos atletas, a gestão da carreira esportiva e os processos de identidade no contexto esportivo. Inseridos em um sistema esportivo que tem passado por discussão, as esferas governamentais, bem como as universidades, os clubes desportivos, associações e movimentos da sociedade civil tem importante contribuição para influenciar no planejamento das carreiras esportivas.

Portanto, o campo para apresentação de propostas já está aberto, com contribuições de diferentes áreas acadêmicas como a administração, a educação física e o esporte, a história, a psicologia, a sociologia, entre outras. As visões estratégicas políticas precisarão de participação da sociedade civil para que o Congresso Nacional eleito em 2014 possa incluir na pauta as discussões sobre este tema, considerando que um conjunto de políticas públicas precisa ser formulado para o atleta e para as instituições que direta ou indiretamente estabelecem algum tipo de relação com a carreira esportiva.

A compreensão dos processos de gestão de carreira requer uma perspectiva histórica e dinâmica, relacional e concreta vinculada a pesquisas nacionais e estrangeiras que possam subsidiar a discussão do Sistema Nacional Esportivo.

Limitações do estudo

Uma das limitações deste estudo é o tamanho da amostra e sua abrangência, pois contou com uma parte dos atletas da modalidade entrevistados pelo projeto “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; BARROS NETO, T. L. Causas e consequências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.14, n.6, p. 509-513, 2008.

ANGELIN, P. E. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 3, n. 1, p.16, jul/dez. 2010.

ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun - ago, 1994.

ARDOINO, J. ; BROHM, J. M. **Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain**. In: Baillette, F. & Brohm, J. M. (Eds), *Critique de la modernité sportive*. Paris: Les Éditions de la Passion, 1995.

ARTHUR, M. B, HALL, D. T. & LAWRENCE, B. S. Generating new directions in career theory: the case for a transdisciplinary approach, in **Handbook of Career Theory**, 3a ed., Edição de Autor, EUA, pp. 7-25 (1a Ed., 1989). 1993.

BARROS, K. S. Recortes da transição de carreira esportiva. **Revista Brasileira Psicologia Esporte [online]**. 2008, v.2, n.1, p.01-27.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

_____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2ª. Ed. revista, 2009.

BASTOS, E. S. E. M. **A importância da gestão de carreiras em atletas de alto rendimento**: estudo exploratório. 2009. 58 f. Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia- Seção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações)-Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, 2009.

BENDASSOLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, 4 (49), 387-400, 2009.

BENTO, J. O. Futebol: sonhos, paixões e cultura. **Revista USP**, no. 99. Futebol. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo. Setembro, outubro, novembro, 2013. Superintendência de Comunicação Social.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BORGES, J. F.; CASADO, T. Identidade profissional. In: DUTRA, J.; VELOSO E. F. R. (org.) **Desafios da gestão de carreira**. São Paulo, Atlas, 2013.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOTERILL, C. Retirement and detraining foreword what “endings” tell us about “beginnings”. In: Mental Training for Coaches and Athletes, 2a ed., Ed. Por T. Orlick, J. T. Partington, J. H. Salmela, **Coaching Association of Canada**, Ottawa, p. 164-166 (1a ed., 1982), 1983.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero Ltda, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRANDÃO, M. R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N; MARTINI, L; NASTÁS, M. A. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 8, n.2, p. 49-58, 2000.

BREWER, B. W. **Atheltic Identity Reviseted: A Five-Year Update**. Comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e Exercício, realizado na Universidade do Minho, Braga, de 25 a 28 Junho, 1998.

BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; PETIPAS, A. J. Self-identity issues in sport career transitions. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. (Eds). **Career transitions in sport: international perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2000, p.29-43.

BRITO, A. P. **Psicologia do Desporto**. Loulé: Instituto Superior D. Afonso III, 2001.

BROHM, J. M. Las funciones del deporte capitalista. In: GONZALEZ, J.I.B. **Materiales de Sociologia del Deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.

BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento** / 2008 200 f. Orientador: Fernando Luiz Abrucio. Tese (doutorado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

CAMARGO, L. P. **Sobre a condição humana no pensamento de Hannah Arendt e Karl Marx**. Griot -Revista de Filosofia v.8, n.2, dezembro, 2013.

CARRETEIRO, T. C. “A doença como projeto” – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 87-95.

CAVICHIOILLI, F. R.; CHELUCHINAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MEZZADDRI, F. M.; MARCHI JR, W. . O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v. 25, p. 1-20, 2011.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Coletânea Esporte e Lazer: Políticas de Estado (2.: 2009: Ministério do Esporte DF): Caderno III: Desenvolvimento Institucional. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. 82 p.

COSTA, A. C. B. **Bate bola com a crônica do futebol: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1º. Semestre de 2001, 80 fl. Projeto experimental do Curso de Comunicação Social. Pesquisado em 22/02/2013, www.facom.ufjf.br

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, I. T.; PAIVA, T. N. S.; SAMULSKI, D. M. Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2010.

CROOK, J. M., e ROBERTSON, S. E. Transition out of elite sport. **International Journal of Sport Psychology**, 22, 115-127, 1991.

DAMO, A. S. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni L. (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

_____. **Do dom à profissão**. A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.; Anpocs, 2007.

_____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Campinas, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.

DAWIS, R. V.; LOFQUIST, L. H.; e WEISS, D. J. A theory of work adjustment (a revision) . **Minnesota Studies in Vocational Rehabilitation**, 23, 1968.

DAWIS, R. V.; LOFQUIST, L. H. A psychological theory of work adjustment. Minneapolis, MN: **University of Minnesota Press**, 1984.

DRAHOTA, J. A. T.; EITZEN, D.S. The role exit of professional athletes. **Sociology of Sport Journal**, 15(3), 263 – 278, 1998.

DEJOURS, C. **Conferências Brasileiras**. São Paulo: FGV, 1999.

_____. **A banalização da injustiça social**. Tradução Luiz Alberto Monjardim. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001

_____. Réhabiliter la Normalité? **Le Passant Ordinaire**, 45, 21-28, 2003.

_____. **O fator humano**. 4a. Ed. Tradução Maria Irene Stocco Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: FGV, 2003, 104p.

DIMOULA, F., TORREGROSA, M., PSYCHOUNTAKI, M.; GONZALEZ FERNANDEZ, M.D. Retiring from Elite Sports in Greece and Spain. **Spanish Journal of Psychology** (2013), **16**, e 38, 1–11.

DOLL-TEPPER, G. **Different Perspectives on the Culture and Education Programme of the Youth Olympic Games: Nonformal and Informal Learning**. 2011. <http://doc.rero.ch/record/24317>

_____. **Elite athletes and their entourage – how can athletes be supported before, during and after their sports careers?** Paper written in the framework of the IOC's OSC Postgraduate Grant Selection Committee (2012 meeting)

DUARTE, M. E. Um século depois de Frank Parsons: Escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida? **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 10, núm. 2, 2009, pp. 5-14, Associação Brasileira de Orientação Profissional, Brasil. ISSN (Versão impressa): 1679-3390. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203014923003>

DUARTE, M. E. ; LASSANCE, C.; SAVICKAS, M.; NOTA, L.; ROSSIER, J.; DAUWALDER, J-P.; GUICHARD, J.; SORESI, S.; VAN ESBROECK, R.; VAN VIANEN, A. A Construção da vida: um novo paradigma para entender a carreira no século XXI. **Revista Interamericana de Psicologia**, 44 (2), 392- 406, 2010.

DUARTE, M. E. Desaprender para ensinar os princípios (ou um modo de enfrentar a orientação) **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. jul-dez., Vol 12, no.2, 143-151., 2011.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora. 1997.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 2005.

_____. **A crise de identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUNNING, E. **Soccer: the social origins of the Sport and its development as a spectacle and profession**. London: Sports council and Social Science Research council, 1979.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**: ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DUTRA, J.; VELOSO E. F. R. (org.) **Desafios da gestão de carreira**. São Paulo, Atlas, 2013.

DUTRA, J. **Competências**: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas, 2007.

ELIAS, N.; DUNNING, J. **A busca da excitação**. Lisboa: Diefel, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Language and neo-liberalism. Discourse y society**. v II, n 2, p. 147-148, 2000.

FAVERO, P. M. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol São Paulo. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERNANDÉZ, C. J. **El discurso del management: tiempo e narración**. Madrid: CIS, 2007.

FERRANDO, M. G. Problemas sociales del trabajo deportivo; el caso de los atletas espanoles de elite. **Revista Espanola de Investigaciones Sociologicas**, n.8. p. 33-88, 1979.

FERREIRA JR, N. S. Entre o passado e o presente: o jogo dos papéis nas narrativas de transição de carreira de Paula e Agra. In: RUBIO, K. (org). **Preservação da memória**: A responsabilidade social dos jogos olímpicos. São Paulo, Képos, 2014.

FILHO, W. C. A. **Futebol brasileiro: a trajetória do jogador de futebol profissional e o fim de sua carreira**. 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Brasil, país do Futebol. **Revista USP**, no. 99. Futebol. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo. Setembro, outubro, novembro, 2013. Superintendência de Comunicação Social.

FREIDSON, E. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.31, ano 11, p.141-154, jun. 1996.

FROMM, E. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIGLIO, S.S. **COI x FIFA**: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. São Paulo: [s.n.], 2013. 518p. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

GIGLIO, S.S.; RUBIO, K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, (Impresso), v. 27, p. 387-400, 2013.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOTTFREDSON, L. Gottfredson theory of circumscription, compromise and self-creation. In: D. Brown (Ed.), **Career choice and development** (4th ed., pp. 85-148). San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2002.

GUARESCHI, N. M. F.; MEDEIROS, P. F.; BRUSCHI, M. E. Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: N. M. F. Guareschi e M. E. Bruschi (orgs) **Psicologia Social nos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUEDES, S. L. Mercado x pátria: a transnacionalização do esporte e os “europeus” do futebol brasileiro. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004.

GUICHARD, J., e HUTEAU, M. (Eds.) (2007). **Orientation et insertion professionnelle**. 75 concepts clés. Paris: Dunod.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 1978

_____. **History of the modern games**. Illinois: University of Illinois, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, D.T.; MOSS, J. E. The new protean career contract: helping organizations and employees adapt. **Organizational Dynamics**, v.26, n.3, p.22-37, 1998.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA T.T.(org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005, 4ª. ed.

_____. Estudos culturais: dois paradigmas. In: HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, D. Career development in organizations. San Francisco: Jossey -Bass
Hellstedt, J. C. (1990). Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. **Journal of Sport Behavior**, 13, pp. 135-144, 1986.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, E. J. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLLAND, J. L. **Making Vocational Choices: a theory of vocational personalities and work environments**. Psychological Assessment Resources Inc, 1997.

HOWARD, A. A framework for work change. In: HOWARD, A. **The Changing Nature of Work**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1995.

JARVIS, P. S. **Career management paradigm shift**: Prosperity for citizens, windfall for governments. Paper apresentado na Annual NATCON Convention, Ottawa, Ontário, Canada, 2003.

LAVALLEE, D. The effect of a life development intervention on sports career transition adjustment. **Sport Psychology**, v.19. p.193-202, 2005.

LÊ FLOC'MOAN, J. **La génesis de los deportes**. Barcelona: Labor, 1969.

LEIBOWITZ, Z., FARREN, C. e KAYE, B. **Designing career development systems**. S. Francisco: Jossey Bass, 1986.

LEME, C. G. **O futebol como estratégia de ascensão na sociedade de risco: o atleta sem clube e sua identidade**. 2011. 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

LEONCINI, M. P. **Entendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol**. 2001. 168 f. Tese (Doutorado em Engenharia) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2001.

LEVINE, R. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J.C.S.; WITTER, J.S. (org). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

LIMA, D. S. NUNES, A. V. **Técnico-Mestre e Atleta-Herói**. Leitura Simbólica dos Mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol. São Paulo: [s.n.], 2012. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

LOPES, J. S. L. A vitória do futebol incorporou a pelada; a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun-ago, 1994.

MARIVOET, S. Aspectos sociológicos do desporto. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v. 23, p. 103-119, 2009.

MARTINI, L. Causas e consequências da transição da carreira atlética. In: RUBIO, K. (org). **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MARTINI, L. Transições de carreira e suas implicações no esporte. In: RUBIO, K. (org). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 15-46.

MARTINS, C. e BRITO, A. **A reforma do atleta no desporto**. 1999. [...] f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia do Desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 1999.

MARX, Karl. **O capital**. 3ª ed. Bauru: EDIPRO, 2008.

MASLOW, Abraham H. **O Diário de Negócio de Maslow**. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2003.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRA, M. B. **Estágios Refrangentes da Experiência Humana**. Tese. Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, V. A.; FORTES, R. **História do esporte**: panoramas e perspectivas. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MELO, V.A; Drumond, M.; Fortes, R.; Santos, J.M.C.M. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MÉSZAROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução: Iva Tavares. São Paulo: Boitempo Editoria, 2006.

MILLS, J. R. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MOW International Research Team. **The Meaning of Work**. London: Academic Press, 1987.

MURPHY, S. M. T. (ed.). **Sport psychology interventions**. Champaign, IL. Human Kinetics, 1995.

MURPHY, S.M. Transitions in Competitive Sport: maximizing individual potential. In: MURPHY, S.(ed.) **Sport psychology interventions**, 1995, p.331-346.

NAKATA, L. E. **A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento**. 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-23092014-172336/>>. Acesso em: 2014-11-17.

NEWELL, S. **The healthy organization**. London: Routledge, 1995.

NORD, W.; BRIEF, A. On the Reciprocal Relationship between the Meaning of Work and Political Economy. In: BRIEF, A.; NORD, W. **Meanings of Occupational Work**. Massachusetts: Lexington Books, 1990.

NUNES, A. V. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. São Paulo: [s.n.], 2011. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

PASSERINI, L. Mitobiografia em história oral. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.29-40.

_____. Ideologia e consenso do trabalho sob o fascismo italiano. **História e Perspectivas**, Uberlândia (42), jan./jun. 2010, p.171-184.

PATAI, D. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEREIRA, A. B. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”**: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PILOTTO, F. M. A fabricação dos ídolos esportivos. In: **23ª reunião anual da ANPED**. Caxambu, 2000.

PIRES, G.; SARMENTO, J. P. Conceito de gestão de desporto: novos desafios, diferentes soluções. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n.1, p.8-103, 2001.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. História oral e poder. **Mnemosine**, v.6, n.2, 2010, p.2-13.

PRONI, M. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Editora UNICAMP, 2000.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol. **Horizontes Antropológicos**, 14 (30), p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, M. A. O que é um projeto? In: **Orientação profissional para “pessoas psicóticas”: um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos** (pp. 88-98). Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

_____. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da psicologia social do trabalho. **Psicologia Política** . vol. 9. nº 18 . pp. 1- 16. jul. – dez. 2009 a.

_____. A trajetória da carreira como construção teórico prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2009 b, vol. 12, n. 2, pp. 203-216.

RIBEIRO, M. A.; UVALDO, A. C. C. Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo do trabalho flexibilizado. **Polis e Psique**, v.1, n. 1, 2011.

ROSENWEIN, B. H. **História das emoções**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói atleta**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. The professionalism legacy; the impact of amadorism transformation among brasilian olympic medalists. In: MORAGUAS, M.; KENNET, C.; PUIG, N. (eds) **The legacy of the Olympic Games 1984 – 2000**. Barcelona/ Lausanne: Olympic Studies Centre of the Autonomous University of Barcelona| Olympic Studies Centre of the International Olympic Committee, 2003.

_____. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Scripta Nova- Revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.9, n.194, 2005. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>

_____. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**; 18, 1, 86-91; jan/abr. 2006b.

_____. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: histórias, memórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a.

_____. (org.) **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. (org.) **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011

_____. **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. (org.) RUBIO, K. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

_____. From amateurism to professionalism: sports transformation by the Brazilian Olympic Athletes – Lenses. **Humanities and Social Sciences**, v. 1, p. 85, 2013.

_____. (org.) Memórias, e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. RUBIO, K. (org). **Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Kepós, 2014.

MARIVOET, S. (1998), **Aspectos Sociológicos do Desporto** (1), Lisboa: Livros Horizonte.

RUMBLESERGER, F. **A construção social do jovem nas revistas Exame e Você s/a**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas)- Faculdade de administração e Economia da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2011.

RYBA, T. V., e STAMBULOVA, N. B. Turn to a culturally informed career research and assistance in sport psychology. In: N. B. Stambulova & T.V. Ryba (Eds.), **Athletes' careers across cultures** (pp. 1–16). London and New York, NY: Routledge, 2013.

SAINSAULIEU, R. **L' identié au travail**. Paris: Presses de la FNSP, 1988.

SALLES, J. G. C.; SOARES, A. J. Evolução da concepção do amadorismo no Movimento Olímpico internacional: uma aproximação conceitual. In: TURINI, M.; DA COSTA, L. (orgs). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

SAMULSKI, D. M.; MORAES, L. C. de C. A.; MARQUES, M. P. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz : Revista de Educação Física** (Online), v. 15, p. 310-317, 2009.

SAVICKAS, M.L. **Work Adjustment: Measurement and Modification**. Rootstown: Northeastern Ohio Universities College of Medicine, 1991.

_____. Career adaptability: an integrative construct for life-span, Life-Space Theory. In: **The Career Development Quarterly**, Vol 45, No 3, pp.247-259. S.L.: S. E., 1997.

_____. Career Construction: a developmental theory of vocational behavior. In: D. Brown and Ass. (Ed), **Career Choice and Development** (4th Ed.), pp.149-205. S. Francisco: Jossey-Bass, 2002.

_____. Toward a taxonomy of human strengths: Career counseling's contribution to positive psychology. In W. B. Walsh (Ed.), **Counseling psychology and optimal human functioning** (pp. 229-249). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

_____. Vocational psychology. In C. Spielberger (Ed.), **Encyclopedia of Applied Psychology** (pp. 655-667). Amsterdam: Elsevier, 2004.

SAVICKAS, M. L., e BAKER, D. B. The history of vocational psychology: Antecedents, origin and early development. In W. B. Walsh & M. L. Savickas (Eds.), **Handbook of Vocational Psychology** (3rd ed., pp. 15-50). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

SAVICKAS, M.L. The theory and practice of career construction. In S.D. Brown & R.W. Lent, **Career Development and Counseling**. pp. 42-70. Hoboken, N.J.: John Willey and Sons, 2005.

SCHLOSSBERG, N.K., A model for analyzing a human adaptation to transition, **The Counseling Psychologist**, vol. 9 (2), 1981, 2-18. Sage Publications.

SCHLOSSBERG, N.K., WATERS, E. B., e GOODMAN, J. **Counseling adults in transition: linking practice with theory**. New York: Springer, 1995.

SENNET, R. **La corrosión del carácter**. Barcelona: Anagrama, 2000.

SENNET, R. **La cultura del nuevo capitalismo**. Barcelona: Anagrama, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e a diferença. In: SILVA, T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINCLAIR, D.A.; ORLICK, T. Positive transitions from high-performance sport. **The Sport Psychologist**, v.7, p.138-150, 1993.

SOARES, A.J.G.; MELO, L.B.S. DE; DA COSTA, F.R.; BARTHOLO, T.L.; BENTO, J.B. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira Ciência do Esporte, Florianópolis**, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez.2011.

STAMBULOVA N.B. Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, 8, 221–237, 1994.

_____. "Athlete's crises: A developmental perspective". **International Journal of Sport Psychology**, 31, 584–601, 2000.

STAMBULOVA, N. B. **Reflections on implementation of the mobilization model of counseling athletes in crisis transitions**. In Proceedings of the 11th world congress of sport psychology, Sydney, August, 2005.

STAMBULOVA, N., e ALFERMANN, D. Putting culture into context: Cultural and cross-cultural perspectives in career development and transition research and practice. **International Journal of Sport & Exercise Psychology**, 7(3), 292-308, 2009.

STAMBULOVA, N., e RYBA, T.V. A critical review of career research and assistance through the cultural lens: towards cultural praxis of athletes' careers, **International Review of Sport and Exercise Psychology**, 7:1, 1-17, 2014.

SUPER, D. **The psychology of careers**. An introduction to vocational development.

New York: Harper & Row Publishers, 1957.

_____. Assessment in career guidance: Toward truly developmental counseling. **The Personnel and Guidance Journal**, 61(9), 555-562, 1983.

_____. Life career roles: Self-realization in work and leisure. In: D. Hall (Ed.), **Career development in organizations** (pp. 95-119). San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1986.

_____. A life-span, life-space approach to career development. In: D. Hall (Ed.), **Career development in organizations** (2a ed., pp. 197-261). San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1990.

SUPER, D. E., OSBORNE, W. L., WALSH, D. J., BROWN, S. D. e NILES, S. J. Developmental career assessment and counseling: The C-DAC. **Journal of Counseling and Development**, 71, 74-80, 1992.

THOMAS, R.; HAUMONT, A.; LEVET, J. L. **Sociologia del Deporte**. Bellaterra: Ediciones Bellaterra, 1988.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOOHEY, K.; VEAL, A. J. **The Olympic Games: a social science perspective**. Oxfordshire/Cambridge: CABI, 2007.

VIEIRA, J. J. **Paixão nacional e mito social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social**. 2001. [...] f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Faculdade de Sociologia, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

WAGNER, E.S. **Hannah Arendt & Karl Marx: o mundo do trabalho**. Ateliê Editorial 2ª. ed. Cotia, SP, 2002.

WALSH, A.; GIULIANOTTI, R. Ethics, Money and Sport. This sporting mammon. In: McNAMEE, M.; PARRY, J. **Ethics and Sport**. London: Routledge, 2007.

WASSONG, S. **O atleta olímpico: um exemplo a ser seguido: a velha e a nova ideia educacional**. German Sport University Cologne, Germany. Tradução Livre, 2014.
<file:///C:/Users/usuario/Downloads/2014%20International%20Symposium%20For%20Olympic%20Studies-Proceedings.pdf>

WITTER, J. S. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo, FTD, 1996.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: Silva, T. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D.; ALFERMANN, D. (Editors). Career Transitions in Competitive Sports. **FEPSAC Monograph Series**, 1999.

WYLLEMAN, P., ALFERMANN, D., e LAVALLEE, D. "Career transition in sport: European perspectives". **Psychology of Sport and Exercise**, 5, 7–20, 2004.

WYLLEMAN, P., e LAVALLEE, D. (2004). "A developmental perspective on transitions faced by athletes." In: M. Weiss (Ed.) **Developmental sport psychology**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFÉ-USP

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos

R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Testemunha

Informações relevantes ao pesquisador responsável:

Res. 196/96 – item IV.2: O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

APÊNDICE B

CARTA DE SÃO PAULO SOBRE TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA

O Seminário Internacional de Destreino e Transição de Carreira Esportiva, realizado nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2009, foi uma iniciativa da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte e da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte, com o apoio do Ministério do Esporte, da Faculdade de Medicina e da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Atletas, pós-atletas, técnicos, dirigentes esportivos, psicólogos, médicos e outros profissionais da área esportiva discutiram e analisaram como se dá o destreino e a transição da carreira de atletas. Contando com a presença de 48 debatedores e conferencistas experts no tema tanto no Brasil como em Cuba e Estados Unidos, bem como com uma audiência de 172 pessoas, entre eles representantes de diversas instituições representativas do esporte brasileiro, o Seminário teve como proposição levantar as principais questões relacionadas com a transição de carreira do atleta no Brasil e apontar proposições para a construção de políticas públicas direcionadas para o tema.

Ao final do processo de debates as entidades participantes do evento apontaram os seguintes pontos:

- A importância de se criar uma política clara de transição de carreira e a intenção do Ministério do Esporte de trabalhar nesse sentido;
- A caracterização da Transição de carreira como um momento de um processo mais amplo com repercussões para a saúde física e mental;
- E a necessidade de compreender a transição de carreira como um fenômeno social que necessita de atenção específica dentro das políticas públicas de Esporte, Educação, Saúde, Trabalho e Previdência.
- Mobilizar as pastas do Ministério do Esporte e da Educação na construção de um Projeto de Transição de Carreira Esportiva;
- Incluir a discussão da Lei Pelé e suas consequências para o tema destreino e transição;
- Refletir sobre a organização dos sistemas esportivos (pautado em clubes e equipes) e sua falta de vinculação ao sistema educacional
- Reforçar a importância e a efetividade da participação de instituições e associações no trabalho junto ao poder público no desenvolvimento destas condutas.
- Considerar o processo de transição na carreira esportiva e da carreira em si;
- Elaborar programa de Educação Formal que não seja convencional e possa estar adaptada às condições do calendário do atleta como, por exemplo, Educação à Distância;
- Relativizar e incluir as instâncias familiar e profissional a que estão expostos os profissionais do esporte;
- Valorizar as histórias de vida de profissionais do esporte e seus processos de destreino elaborando programa de destreino nos âmbitos físico e mental (reaprendizado do corpo; tomada de decisão, entre outros);
- Planejar durante a carreira e ao final dela, estratégias de enfrentamento realistas e de acordo com as necessidades de cada um (prevenindo adicção, falência financeira, etc);
- Promover a formação e orientação de equipes profissionais que estarão envolvidos no Projeto de Transição de Carreira;

- Lidar com o fim de carreira dos profissionais envolvidos no contexto esportivo (técnicos, preparadores físicos, entre outros)
- Lidar com a diferença dos conceitos formação e profissionalização.
- Desenvolver processos realistas de capacitação e colocação profissional, evitando expor ou subaproveitar as contribuições destes atletas.
- Atuar com o indivíduo/atleta desenvolvendo características de independência e apropriação de sua vida e carreira, instrumentalizando o atleta em suas escolhas e tomadas de decisão durante toda e cada fase de sua carreira.
- Avaliar demandas específicas das diferentes fases de maturação biopsicosocial dos profissionais do esporte (fase infantil, pré-púbere, púbere e adulta)

Associação Brasileira de Psicologia do Esporte
 Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte
 Secretaria Estadual de Esporte e Lazer do Rio Grande do Norte
 Federação das Associações dos Atletas Profissionais
 Comissão Nacional de Atletas
 Instituto Vanderlei Cordeiro de Lima
 Associação de Familiares de Atletas de Futebol
 Escola de Educação Física e Esporte da USP
 Faculdade de Medicina da USP
 Universidade Potiguar – RN
 Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército
 Escola de Educação Física do Exército
 CONFEF/CREF
 SOGIPA (Sociedade Ginástica de Porto Alegre)
 Esporte Clube Pinheiros